



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA FRONTEIRA SUL**

**CAMPUS LARANJEIRAS DO SUL**

**CURSO DE MESTRADO DO PROGRAMA DE AGROECOLOGIA E  
DESENVOLVIMENTO RURAL SUSTENTÁVEL - PPGADR**

**JOSIANE GRACIELI PRESCHLAK FIORESE**

**A PRODUÇÃO PARA AUTOCONSUMO NA AGRICULTURA FAMILIAR:  
UMA QUESTÃO DE LIBERDADE ALIMENTAR**

**LARANJEIRAS DO SUL**

**2017**

**JOSIANE GRACIELI PRESCHLAK FIORESE**

**A PRODUÇÃO PARA AUTOCONSUMO NA AGRICULTURA FAMILIAR:  
UMA QUESTÃO DE LIBERDADE ALIMENTAR**

Dissertação de mestrado, apresentada ao Programa de Pós-graduação em Agroecologia e Desenvolvimento Rural Sustentável – PPGADR, da Universidade Federal da Fronteira Sul – UFFS, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Agroecologia e Desenvolvimento Rural Sustentável.

Orientador: Prof. Dr. Clério Plein

**LARANJEIRAS DO SUL**

**2017**

**PROGRAD/DBIB - Divisão de Bibliotecas**

Fiorese, Josiane Gracieli Preschlak

A produção para autoconsumo na agricultura familiar:  
uma questão de Liberdade Alimentar/ Josiane Gracieli  
Preschlak Fiorese. -- 2017.

147 f.:il.

Orientador: Clério Plein.

Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal da  
Fronteira Sul, Programa de Pós-Graduação em Agroecologia  
e Desenvolvimento Rural Sustentável (PPGADR),  
Laranjeiras do Sul, PR, 2017.

1. Autoconsumo. 2. Agricultura Familiar. 3. Liberdade  
Alimentar. I. Plein, Clério, orient. II. Universidade  
Federal da Fronteira Sul. III. Título.

JOSIANE GRACIELI PRESCHLAK FIORESE

**TÍTULO: "A produção para autoconsumo na agricultura familiar: uma questão de Liberdade Alimentar".**

Dissertação apresentada ao programa de Pós-Graduação em Agroecologia e Desenvolvimento Rural Sustentável – PPGADR da Universidade Federal da Fronteira Sul – UFFS. Para obtenção do título de Mestre em Agroecologia e Desenvolvimento Rural Sustentável, defendido em banca examinadora em 03/03/2017

Orientador (a): Prof<sup>o</sup>. Dr<sup>o</sup>. Clério Plein

Aprovado em: 03 / 03 / 2017

BANCA EXAMINADORA



Prof<sup>o</sup>. Dr<sup>o</sup>. Clério Plein (UNIOESTE)



Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Rozane Márcia Triches(UFFS)



Prof<sup>o</sup>. Dr<sup>o</sup>. Adilson Francelino Alves(UNIOESTE)

Laranjeiras do Sul/PR, março de 2017

## DEDICATÓRIA

Dedico esta dissertação ao meu esposo  
Eliseu, que sempre esteve ao meu lado,  
incentivando-me em todos os momentos!

A ele minha gratidão e amor.

## **AGRADECIMENTOS**

Neste momento tão importante de minha vida, quero agradecer primeiramente a Deus, fonte de toda existência, que sempre está presente em minha vida e também nesta jornada. A realização deste trabalho foi muito engrandecedor e valioso para mim, seja no ponto de vista pessoal, como no profissional, e isso só foi possível com a ajuda de muitas pessoas e instituições. Assim quero agradecer publicamente a todos estes. Minhas sinceras desculpas, se por acaso esquecer de alguém.

Ao meu querido companheiro, Eliseu, que me incentivou desde o momento da inscrição neste curso, sem seu apoio não teria conseguido.

Aos meus pais, José e Rosane, agradeço pelo apoio e amor incondicional. Sempre me transmitiram segurança e incentivo nos momentos mais angustiantes de minha vida!

Ao meu professor orientador Clério Plein, que direcionou e orientou brilhantemente esse trabalho, pelos conhecimentos transmitidos, tempo e dedicação para realização deste estudo. Muito obrigada, professor!

Às famílias de agricultores da Microrregião de Capanema, que além de seu tempo, socializaram suas ideias, demonstrando solidariedade e confiança com alguém estranho, possibilitando a realização deste trabalho.

Aos componentes da banca, por suas sugestões, ideias e incentivos. Obrigada, Rozane Márcia Triches e Adilson Francelino Alves!

À Universidade Federal da Fronteira Sul, pela oportunidade de crescimento intelectual.

Enfim, a todos os amigos e familiares, que oraram e torceram por mim em mais esta etapa de minha vida. A todos os meus sinceros agradecimentos!

## RESUMO

A produção de autoconsumo é uma prática clássica de reprodução social da agricultura familiar, sendo que este tipo de produção desempenha funções importantes no meio rural contemporânea, apesar das profundas transformações ocorridas com o passar dos anos. No Brasil a produção de autoconsumo está presente na maioria dos estabelecimentos agropecuários, sendo mais prevalente em propriedades familiares. Nesse sentido, a hipótese central deste estudo parte da percepção de que o autoconsumo possui uma “função estratégica de desenvolvimento da unidade familiar e de expansão de liberdades substantivas dos agricultores familiares”. Diante desta hipótese associa-se um conjunto de objetivos, sendo o principal deles, analisar a percepção de agricultores agroecológicos, orgânicos e integrados em relação à produção de alimentos para autoconsumo. Daí decorre três objetivos específicos: identificar os significados de produzir alimentos para o autoconsumo na agricultura familiar; comparar a produção de alimentos para autoconsumo de agricultores agroecológicos e integrados; analisar a produção para autoconsumo como uma estratégia realizada pelos agricultores para o desenvolvimento da unidade familiar. Os sujeitos-alvo da presente pesquisa representam três grupos distintos de agricultores: agroecológicos, orgânicos e integrados. Quanto aos integrados, nos remetemos aos avicultores, visto que representam o principal segmento da região nesta categoria. A coleta de dados aconteceu mediante entrevistas realizadas com indivíduos de municípios da Microrregião de Capanema, representantes de cada grupo acima mencionado. Empregou-se como estratégia metodológica em pesquisa qualitativa a construção do Discurso do Sujeito Coletivo (DSC), que se baseia na teoria das representações sociais. Assim, como resultado é apresentado o Discurso do Sujeito Coletivo, sendo realizada a discussão sobre os elementos encontrados em cada pergunta realizada e enfatizado a relação destas percepções com perspectiva de desenvolvimento apresentada por Amartya Sen, em seu livro “Desenvolvimento como Liberdade”. Quanto às considerações finais, podemos destacar que a produção de alimentos para autoconsumo é prevalente na agricultura familiar, sendo que a intensidade, a forma e os motivos pelo qual é praticada é peculiar de cada local e grupo de indivíduos, contudo é possível identificar que ambos os segmentos possuem ideias compartilhadas, onde podemos destacar ideias centrais referentes a esta temática e produzir um discurso do sujeito coletivo. Portanto, entende-se que a produção para autoconsumo na agricultura familiar possui diversos significados (biológico; ambiental; político; social; cultural; econômico e ético), ou seja, trata-se de uma questão de liberdade alimentar.

**Palavras-chave:** Autoconsumo. Agricultura Familiar. Liberdade Alimentar.

## ABSTRACT

The production of self-consumption is a classic practice of social reproduction of family agriculture, and this type of production plays important roles in the contemporary rural environment, despite the profound changes that have occurred over the years. In Brazil the production of self-consumption is present in most agricultural establishments, being more prevalent in family farms. In this sense, the central hypothesis of this study is based on the perception that self-consumption has a "strategic function of developing family unity and expanding the substantive freedoms of family farmers." This hypothesis is associated with a set of objectives, the main one being to analyze the perception of agroecological, organic and integrated farmers in relation to the production of food for self consumption. Hence three specific objectives: to identify the meanings of producing food for self-consumption in family agriculture; To compare food production for self-consumption of agroecological and integrated farmers; To analyze production for self-consumption as a strategy carried out by farmers for the development of the family unit. The target subjects of the present research represent three distinct groups of farmers: agroecological, organic and integrated. As for the integrated, we refer to poultry farmers, since they represent the main segment of the region in this category. Data collection was done through interviews with individuals from municipalities of the Capanema Microregion, representatives of each group mentioned above. The construction of the Collective Subject Discourse (DSC), which is based on the theory of social representations, was used as a methodological strategy in qualitative research. As a result, the Discourse of the Collective Subject is presented, and the discussion about the elements found in each question was emphasized and emphasized the relation of these perceptions with a perspective of development presented by Amartya Sen in his book "Development as Freedom". Regarding the final considerations, we can highlight that the production of food for self consumption is prevalent in family agriculture, and the intensity, form and reasons for which it is practiced is peculiar to each place and group of individuals, however it is possible to identify that both The segments have shared ideas, where we can highlight central ideas related to this theme and produce a discourse of the collective subject. Therefore, it is understood that the production for self-consumption in family farming has several meanings (biological, environmental, political, social, cultural, economic and ethical), that is, it is a matter of food freedom.

**Keywords:** Self-consumption. Family farming. Food Freedom.

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Mapa Sudoeste do Paraná.....	55
Figura 2 - Território do Sudoeste Paranaense (PR), 1950.....	58
Figura 3 - Divisão político administrativa do Sudoeste do Paraná (PR) – municípios criados entre os anos de 1950 e 2000.....	59
Figura 4 - Variação da população total, nos municípios da Microrregião de Capanema (PR), entre 1991 e 2010.....	61
Figura 5 - Cobertura vegetal da região sudoeste do Paraná, 1950, 2001/2002.....	73
Figura 6 - Distribuição de abatedouros no Estado do Paraná (PR), 2013.....	78
Figura 7 Conhecimento passado de geração para geração .....	101
Figura 8 Da avicultura à criação tradicional de aves .....	111
Figura 9 Aviário do sistema de integração .....	120
Figura 10 A construção do modelo teórico dos aspectos relacionados aos alimentos de autoconsumo.....	123
Figura 11 Liberdade Alimentar .....	125

## LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Caracterização dos sujeitos da pesquisa.....	24
Quadro 2 - Relação entre o tema, objetivos e perguntas.....	28
Quadro 3 - Intensidade/ Força e Amplitude (pergunta 1).....	90
Quadro 4 - Intensidade/ Força e Amplitude (pergunta 2).....	95
Quadro 5 - Intensidade/ Força e Amplitude (pergunta 3).....	101
Quadro 6 - Intensidade/ Força e Amplitude (pergunta 4).....	107
Quadro 7 - Intensidade/ Força e Amplitude (pergunta 5).....	115
Quadro 8 - Intensidade/ Força e Amplitude (pergunta 6).....	119
Quadro 9: Aspectos semelhantes e que diferenciam os agricultores agroecológicos, orgânicos e integrados em relação à produção de alimentos para autoconsumo.....	127

## LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - População Censitária municipal da microrregião de Capanema (PR), 1991, 2000, 2010.....	60
Tabela 2 - Variação da população total, nos municípios da microrregião de Capanema (PR), entre 1991 e 2010.....	60
Tabela 3 - Área territorial e densidade demográfica da Microrregião de Capanema (PR), 2000, 2005, 2010, 2015. ....	62
Tabela 4 - População segundo tipo de domicílio e gênero da Microrregião de Capanema (PR), 2010.....	63
Tabela 5 - Índice de Desenvolvimento Humano Municipal (IDH-M ) da Microrregião de Capanema (PR), 1991, 2000, 2010.....	64
Tabela 6 - Índice Ipardes de Desenvolvimento Municipal da Microrregião de Capanema (PR), 2002, 2009, 2013. ....	66
Tabela 7 - Número e área dos estabelecimentos por estratos de área na Microrregião de Capanema (PR), 2006. ....	67
Tabela 8 - Condição dos produtores agropecuários e área territorial ocupada na Microrregião de Capanema (PR), 2006.....	68
Tabela 9 - Estabelecimentos agropecuários segundo a atividade econômica nos municípios da Microrregião de Capanema (PR), 2006. ....	69
Tabela 10 - População economicamente ativa (PEA) e população ocupada (PO) nos municípios da Microrregião de Capanema (PR), 2010. ....	70
Tabela 11 - População ocupada segundo as atividades econômicas em municípios da Microrregião de Capanema (PR), 2010.....	71
Tabela 12 - Efetivo de galos, frangos, frangas e pintos no Estado do Paraná (PR), 2000, 2010.....	77
Tabela 13 - Abate de aves no Estado do Paraná (PR), 1997 a 2015.....	79

## LISTA DE SIGLAS

AC – Ancoragem

AF – Agricultor Familiar

DSC – Discurso do Sujeito Coletivo

DSCEC – Discurso Sujeito Coletivo das Expressões Chave

E-Chs - Expressões-chave

IAD – Instrumento de Análise dos Discursos

IADEC – Instrumento de Análise dos Discursos das Expressões Chave

ICs - Idéias Centrais

IDH – Índice de Desenvolvimento Humano

IDH-M – Índice de Desenvolvimento Humano Municipal

IPDM – Índice Ipardes de Desenvolvimento Municipal

MRG – Microrregião

ONGs – Organizações Não Governamentais

PEA – População Economicamente Ativa

PNAE – Programa Nacional Alimentação Escolar

PNB – Produto Nacional Bruto

PO – População Ocupada

RS - Representações Sociais

SAN – Segurança Alimentar e Nutricional

SIF – Sistema de Inspeção Federal

SIM – Sistema de Inspeção Municipal

SIP – Sistema de Inspeção Paranaense

USP - Universidade de São Paulo

# SUMÁRIO

INTRODUÇÃO .....	15
CAPÍTULO 2 .....	22
PRODUÇÃO DE ALIMENTOS PARA AUTOCONSUMO: O DISCURSO DO SUJEITO COLETIVO.....	22
2.1 Sujeitos da Pesquisa.....	22
2.2 Delineamento da pesquisa.....	25
2.3 Instrumento de coleta de dados .....	27
2.4 Método da pesquisa .....	29
2.4.1 Discurso do Sujeito Coletivo .....	30
2.4.2 Análise dos dados.....	34
2.4.3 Atributos quantitativos do Discurso do Sujeito Coletivo.....	35
CAPÍTULO 03 .....	37
AUTOCONSUMO E AGRICULTURA FAMILIAR: REFERENCIAL TEÓRICO .....	37
3.1 Conceitos .....	37
3.2 Amartya Sen.....	44
3.3 Estudos sobre o tema .....	48
CAPÍTULO 4 .....	54
A MICRORREGIÃO DE CAPANEMA NO SUDOESTE DO PARANÁ: UM CENÁRIO DA AGRICULTURA FAMILIAR .....	54
4.1 Histórico do Sudoeste do Paraná – Microrregião de Capanema.....	55
4.2 Demografia e densidade demográfica.....	59
4.3 População: urbana e rural .....	62
4.4 Índice de Desenvolvimento Humano Municipal (IDH-M) dos municípios da Microrregião de Capanema .....	63
4.5 Índice IPARDES de Desenvolvimento Municipal (IPDM) .....	65
4.6 Estrutura Fundiária .....	67
4.7 Distribuição da ocupação por atividade econômica na Microrregião de Capanema .....	71
4.8 Indicadores Socioambientais .....	72
4.9 Produção Agroecológica e Orgânica na Microrregião de Capanema .....	73
4.10 Avicultura na Microrregião de Capanema .....	76
CAPÍTULO 05 .....	80
PRÁTICAS E SABERES DA PRODUÇÃO DE ALIMENTOS PARA AUTOCONSUMO .....	80

5.1 O DSC dos sujeitos da pesquisa.....	80
5.2 Interpretação do DSC.....	88
5.2.1 A relevância da produção de alimentos para autoconsumo familiar. ....	88
5.2.1.1 Interpretação dos DSC referentes à relevância da produção de alimentos para autoconsumo familiar: autoconsumo e o modo de viver dos agricultores familiares. ....	90
5.2.2 Diferenças no processo produtivo de alimentos destinados ao autoconsumo dos alimentos comercializados. ....	92
5.2.2.1 Interpretação dos DSC referente às diferenças no processo produtivo de alimentos destinados ao autoconsumo dos alimentos comercializados: ..qualidade dos alimentos. ....	94
5.2.3 Diferenças na produção de alimentos para o autoconsumo com o passar do tempo. ....	98
5.2.3.1 Interpretação dos DSC referente às diferenças na produção de alimentos para o autoconsumo com o passar do tempo. ....	100
5.2.4 Os significados de produzir alimentos para o autoconsumo.....	104
5.2.4.1 Interpretação dos DSC referente aos significados de produzir alimentos para o autoconsumo. ....	106
5.2.5.1 Interpretação dos DSC referente aos fatores que dificultam a produção de alimentos para autoconsumo. ....	114
Fonte: Elaboração da autora, 2016.....	115
5.2.6 O planejamento da produção de alimentos para autoconsumo.....	117
5.2.6.1 Interpretação dos DSC referente ao planejamento da produção de alimentos. ....	118
5.3 Percepções sobre a produção de alimentos para autoconsumo e a sua relação com a liberdade substantiva .....	122
CAPÍTULO 06 .....	128
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	128
REFERÊNCIAS .....	133
APÊNDICE A.....	141
ROTEIRO SEMI ESTRUTURADO DE ENTREVISTA .....	141
APÊNDICE B.....	143
TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO .....	143
APÊNDICE C .....	144
INSTRUMENTO DE ANÁLISE DOS DISCURSOS (IAD) .....	144
APÊNDICE D .....	146

## CAPÍTULO 01

### INTRODUÇÃO

A produção de autoconsumo é uma prática clássica de reprodução social da agricultura familiar, porém seguidamente é invisível no que tange aos estudos rurais e políticas públicas. São várias as denominações utilizadas para definir o autoconsumo<sup>1</sup>, como produção para “autoprovisionamento” ou “pro gasto” (GRISA et al., 2010). Também descrito como produção de subsistência, mínimo calórico e como consumo propriamente dito (GAZOLLA; SCHNEIDER, 2007). Muitas vezes, classificada como uma produção “marginal” ou “insignificante” economicamente, este tipo de produção é tradição recontextualizada, sendo uma estratégia recorrente no mundo rural contemporâneo (GRISA et al., 2010).

A partir dos anos 1970, com o processo de modernização da agricultura brasileira, a produção para autoconsumo passou por mudanças importantes (GAZOLLA; SCHNEIDER; 2007). Nesse período, devido às intensas transformações técnicas e produtivas, os agricultores familiares adotaram a lógica de mercado, apresentando como consequência a perda da autonomia no processo produtivo, bem como da tradição e do saber sobre a produção destinada ao consumo próprio (SCHNEIDER, 2009).

A produção agrícola que antes apresentava características de policultivos, diversificação e garantia das necessidades básicas familiares, passa a ser representada por sistemas produtivos especializados, com produção restrita de produtos e direcionada ao mercado, em detrimento da produção para autoconsumo familiar (GAZOLLA; SCHNEIDER, 2007). Os autores Machado; Machado Filho (2014) ressaltam que a expansão da “Revolução Verde” coincide com o desaparecimento acelerado de espécies. Nesse sentido, a perda anual de espécies em virtude da ação humana é de 50 a 100 vezes superior aos índices de extinção decorrentes de motivos naturais.

---

<sup>1</sup> De acordo com Grisa et al., (2010, p. 66), “O autoconsumo refere-se a toda produção realizada pela família cujos produtos são destinados ao seu próprio consumo. Diz respeito ao cultivo de alimentos para o consumo familiar (horta, pomar, criação de animais, etc) e dos animais presentes nos estabelecimentos, à fabricação de ferramentas e à produção de insumos para o processo produtivo”

Também destacam sua relação com a miséria no campo, expulsão de pequenos agricultores, aumento da marginalidade e da criminalidade, destruição da biodiversidade, agressão e contaminação ambiental, bem como da concentração de terra e capital.

Ao refletirmos sobre o acesso de alimentos de qualidade é inevitável destacarmos como a agricultura se desenvolve em nosso país. Uma das formas é a agricultura hegemônica, com grandes áreas de terra, produzindo commodities e altamente dependente de insumos químicos. A outra é a não hegemônica, a qual a agricultura familiar faz parte, que atua na contra hegemonia com o desenvolvimento de alternativas produtivas (FONINI; LIMA, 2013).

Diante do processo de vulnerabilização citado, a produção de autoconsumo apresenta-se como importante atividade em várias esferas da agricultura familiar (GAZOLLA; SCHNEIDER, 2007). Enquanto estratégia de reprodução social, a importância da produção de autoconsumo, é mais expressiva em situações onde há um agravamento dos recursos monetários. Desta forma, quando se dispõe de alimentos produzidos pela família para a alimentação, a renda obtida através da venda de pequenos excedentes, com o trabalho assalariado ou de benefícios de programas públicos, pode suprir outras necessidades, como saúde, educação, vestuário e habitação (GADELHA; MALUF, 2008).

Segundo Garcia Júnior (1989), a produção de autoconsumo representa também uma característica de alternatividade, isto é, possibilita tanto o consumo como a transformação destes em valores de troca, diante da necessidade familiar, condições de preços, perecibilidade, entre outros. Para Maluf et al., (2001), a produção de autoconsumo, representa um “importante instrumento de proteção frente às incertezas e oscilações da produção mercantil” (p. 16). A inexistência de condições adequadas para este tipo de produção é responsável pela insuficiência alimentar, bem como por indicadores de pobreza rural medidos através da renda monetária.

O autor Antonio Candido (2001), diante da complexidade dos fenômenos envolvidos para sobrevivência dos indivíduos, propõe a “sociologia dos meios

de subsistência”, visto que as necessidades apresentam um duplo sentido, o natural e o social. Este modo de produção não está apenas relacionado com a existência física, mas é determinada pela maneira de viver destes indivíduos. Desta forma,

Os meios de subsistência de um grupo não podem ser compreendidos separadamente do conjunto das “reações culturais”, desenvolvidas sob o estímulo das “necessidades básicas”. Em nenhuma outra parte vemos isto melhor que na alimentação, que é um recurso vital por excelência (CANDIDO, 2001, p. 35).

Nesse sentido, Anjos et al., (2009) ressaltam que os agricultores familiares não são apenas produtores, mas sim sujeitos históricos reprodutores de valores de uma cultura. Sendo assim, as práticas de autoconsumo expressam a matriz cultural das famílias rurais.

Os autores Menasche et al., (2008), também contribuem neste sentido, ressaltando que os alimentos são indispensáveis para à sobrevivência dos seres humanos e para satisfação de suas necessidades, porém seus indicadores nutricionais são insuficientes quando se deseja compreender os seus significados, visto que os alimentos não são apenas consumidos, mas também são pensados. Sendo assim, o ato de se alimentar representa uma valoração simbólica. Desse modo,

A comida pode, então, ser tomada como linguagem, como texto cultural que fala do corpo, da família, do trabalho, de relações sociais, de visões de mundo. [...] Nutrindo laços, a comida fala da família e da comunidade. Temperando tradições, a comida atualiza identidades, ao mesmo tempo em que sua hibridização evidencia a proximidade, material e simbólica, entre campo e cidade (MENASCHE et al., 2008, p. 147).

Em muitas regiões rurais, a produção para autoconsumo vem se fortalecendo, apesar de inúmeras previsões que esta desapareceria ou definharia com o passar do tempo. Porém as razões e significados deste fortalecimento, ainda permanecem desconhecidos ou mal interpretados (GRISA et al., 2010).

Nesta perspectiva, a questão central do presente trabalho é analisar a percepção de agricultores em relação à produção de alimentos para autoconsumo, visto que esta representa uma estratégia potencial para o desenvolvimento rural. Diante disso, e com a motivação de compreender os motivos de produzir para o autoconsumo e o que esta produção representa para diferentes grupos de agricultores familiares, realizando uma análise na perspectiva do desenvolvimento rural, surge uma indagação específica com o objetivo de delimitar o que se propõe estudar no presente estudo: Quais os significados de produzir alimentos para o autoconsumo na agricultura familiar?

Segundo dados do Censo Agropecuário de 2006, no Brasil a produção para autoconsumo é desenvolvida em 72,72% (3,7 milhões) dos 5.175.636 estabelecimentos agropecuários, sendo que em aproximadamente 18% dos estabelecimentos rurais esta produção representa mais de 90% da produção total, ou seja, é uma atividade expressiva no setor agrícola. A prática de produzir para autoconsumo é realizada em unidades familiares e não familiares, sendo mais prevalente em propriedades familiares (85,74%) do que nas não familiares (14,26%) (BRASIL, 2013).

A produção para autoconsumo desempenha vários papéis e funções no meio rural contemporâneo. Diante disso, este tipo de produção é reconhecida como um elemento de promoção da segurança alimentar e nutricional, de redução da pobreza e de inclusão socioproductiva no meio rural (BRASIL, 2013). Os autores Gazolla e Schneider (2007), destacam a importância da produção de autoconsumo para a agricultura familiar, em virtude do processo de transmissão dos conhecimentos de geração para geração na esfera familiar, como instrumento de socialização das famílias e comunidades rurais, como responsável por uma maior autonomia das famílias frente ao contexto social e econômico que envolve as unidades de produção e como uma característica essencial, uma vez que está intimamente ligada à continuidade da reprodução social e alimentar dos membros do grupo doméstico.

Neste contexto, Grisa (2007a) ressalta que fortalecer a produção de autoconsumo é relevante não apenas por suprir as necessidades alimentares das famílias, mas pelo que ela representa na garantia da segurança alimentar e

nutricional<sup>2</sup>, de incremento na condição socioeconômica, de vínculo cultural, para a identidade social e a sociabilidade. Desta forma, a produção de autoconsumo não alimenta apenas o corpo, mas também nutre o (ser) agricultor, o (ser) vizinho, o (ser) parente, a condição social e a sua autonomia.

Em seu estudo Leite (2003) ressalta que o autoconsumo familiar representa um papel decisivo como estratégia para reprodução da unidade familiar, sobretudo no balanço orçamentário, como elemento anticíclico em períodos de baixa nos rendimentos oriundos da comercialização dos produtos.

Estudar as práticas alimentares de famílias rurais, bem como as representações sociais associadas a elas, representa uma forma relevante de compreensão de suas percepções a cerca de temáticas cotidianas destes indivíduos, como a agricultura, a natureza e o rural e o modo como suas vidas tem sido afetadas por mudanças recentes ocorridas (MENASCHE, 2007).

O autor Amartya Sen apresenta em sua obra “Desenvolvimento como liberdade” a ideia que o desenvolvimento é essencialmente um processo de expansão das liberdades reais que as pessoas usufruem, assim considera as liberdades individuais como elementos constitutivos básicos para o desenvolvimento do coletivo. É relevante analisar a produção de alimentos para o autoconsumo com foco nesta ideia, pois possibilita uma reflexão em relação a liberdade de consumir uma alimentação que os indivíduos valorizam e as influências disso para a liberdade substantiva dos mesmos. Com os grupos de sujeitos da pesquisa será possível relacionar esta liberdade com o sistema produtivo realizado pelos agricultores familiares.

Em síntese, o referido estudo busca analisar a produção de alimentos para autoconsumo, de agricultores familiares agroecológicos, orgânicos e integrados, pertencentes à Microrregião de Capanema, localizada no Sudoeste do Paraná, sob a perspectiva de desenvolvimento apresentada pelo autor Amartya Sen. Nesse sentido, a hipótese central deste estudo parte da

---

<sup>2</sup> A definição de Segurança Alimentar e Nutricional é estabelecida na Lei nº 11.346 de 15 de setembro de 2006, como “a realização do direito de todos ao acesso regular e permanente a alimentos de qualidade, em quantidade suficiente, sem comprometer o acesso a outras necessidades essenciais, tendo como base práticas alimentares promotoras de saúde que respeitem a diversidade cultural e que sejam ambiental, cultural, econômica e socialmente sustentáveis”(BRASIL, 2006).

percepção de que o autoconsumo possui uma “função estratégica de desenvolvimento da unidade familiar e de expansão de liberdades substantivas dos agricultores familiares”.

Diante desta hipótese associa-se um conjunto de objetivos, sendo o principal deles, analisar a percepção de agricultores agroecológicos, orgânicos e integrados em relação à produção de alimentos para autoconsumo. Daí decorre três objetivos específicos. O primeiro é identificar os significados de produzir alimentos para o autoconsumo na agricultura familiar. O objetivo seguinte, comparar a produção de alimentos para autoconsumo de agricultores agroecológicos, orgânicos e integrados. O terceiro objetivo é analisar a produção para autoconsumo como uma estratégia realizada pelos agricultores para o desenvolvimento da unidade familiar.

A modalidade de pesquisa qualitativa responde a questões muito particulares, tanto individual, como coletivamente. Visto que trata do universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, correspondendo a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos a simples operacionalizações matemáticas (DUARTE et al., 2009).

Os grupos de indivíduos são sociologicamente regidos por uma ideologia dominante, produzida e imposta por uma classe social, tendo como princípio norteador, principalmente, o Estado, a religião, a escola e o trabalho. As pessoas reproduzem o que aprendem com estes princípios e tomam por importantes para si, compartilhando no meio social em que convivem, estabelecendo assim, o que chamamos de senso comum (DUARTE et al., 2009).

Além desta introdução (capítulo 1) e das considerações finais (capítulo 6), esta dissertação está estruturada em quatro capítulos. No capítulo 2, é apresentado o método utilizado no estudo, o Discurso do Sujeito Coletivo. Este foi escolhido porque possibilita a identificação de opiniões ou representações na forma discursiva. Os sujeitos da pesquisa são apresentados, bem como os instrumentos para coleta de dados. A análise dos dados foi realizada de forma manual, sendo que os dados são todos descritos ao final do trabalho.

No capítulo 3 discorre-se sobre o referencial teórico, inicialmente apresentando conceitos indispensáveis para a elaboração desta dissertação. Desenvolve-se também, um pequeno histórico sobre o autor Amartya Sen, criador da abordagem adotada neste estudo, para o desenvolvimento almejado para a sociedade. Na sequência, estudos já realizados sobre o tema de pesquisa são abordados.

No capítulo 4 é realizada a contextualização do local de estudo, a Microrregião de Capanema, Sudoeste do Paraná. Primeiramente, abordando o histórico da região e a formação do seu território. Em seguida, são expostos indicadores relevantes da região e pertinentes à pesquisa. Este capítulo objetiva apresentar a Microrregião de Capanema como um cenário da Agricultura Familiar.

O cinco é um capítulo analítico, onde o Discurso do Sujeito Coletivo (DSC) é elaborado e interpretado a partir das perguntas realizadas durante as entrevistas. São elencadas categorias, segundo a ideia central dos DSC, e realizada a discussão dos elementos encontrados. A partir disso, é construído um modelo teórico dos aspectos relacionados aos alimentos de autoconsumo e elaborada a expressão de liberdade alimentar.

A dissertação é finalizada com as considerações finais no capítulo 6, enfatizando que a produção de alimentos para autoconsumo representa um papel relevante no contexto da agricultura familiar, visto que esta é uma prática valorizada por estes indivíduos sob vários aspectos. Optou-se pela utilização de apêndices, para demonstrar o roteiro utilizado para entrevista, o termo de consentimento livre e esclarecido e os instrumentos de análise dos discursos, pois considera-se relevante para explicitar o método empregado.

## CAPÍTULO 2

### PRODUÇÃO DE ALIMENTOS PARA AUTOCONSUMO: O DISCURSO DO SUJEITO COLETIVO

#### 2.1 Sujeitos da Pesquisa

Os sujeitos-alvo da presente pesquisa representam três grupos distintos de agricultores: agroecológicos, orgânicos e integrados. Os agroecológicos participam da Rede Ecovida, adotando os princípios da agroecologia no seu modo de viver. Os orgânicos são produtores de grãos, sendo certificados por uma empresa responsável pela sua comercialização. Quanto aos integrados, nos remetemos aos avicultores, visto que representam o principal segmento da região nesta categoria.

A coleta de dados aconteceu mediante entrevistas realizadas com indivíduos de municípios da Microrregião de Capanema, representantes de cada grupo acima mencionado. Procurou-se escolher agricultores que tivessem maior tempo de atuação na atividade produtiva nos referidos municípios e que possuíssem certificação, no caso dos agroecológicos e orgânicos.

A seleção dos sujeitos aconteceu mediante indicação de organizações como: Secretaria de Agricultura, Emater, Cooperativas de Agricultores Familiares, bem como consulta ao Cadastro Nacional de Produtores Orgânicos – Ministério da Agricultura. Para tanto, foi realizado contato prévio, com tais organizações. Após as indicações, a pesquisadora entrou em contato com os sujeitos via telefone e agendou as visitas para entrevista.

Foram entrevistados três famílias de agricultores agroecológicos na microrregião, pois apenas estes são certificados, sendo esta realizada pela Rede Ecovida, e seguem os princípios da agroecologia. Diante disso, optou-se por entrevistar três famílias de agricultores orgânicos, com produção certificada de grãos e seis famílias de agricultores com produção integrada de frangos.

Nos últimos anos, o número de famílias que produzem de forma ecológica no Sudoeste do Paraná não aumentou e também enfrenta-se dificuldades em conquistar novas adesões. Este fato justifica-se pela grande pressão exercida pelo agronegócio, contrária à proposta ecológica, de

desenvolvimento acelerado e seletivo a partir da produtividade e exigência contínua de investimentos (DUARTE, 2012).

As famílias agroecológicas participantes do presente estudo, possuem certificação na modalidade participativa, sendo que ambos são atuantes e engajados nas ações desenvolvidas pela Rede Ecovida. Segundo Rover (2011), a certificação participativa é uma proposta da Rede, com o objetivo de regularizar produtos de associados e incentivar a produção agroecológica. Também opõe ao modelo imposto de certificação convencional, no contexto de sua luta social. Pode-se notar que muitas são as lutas neste sentido, principalmente devido às exigências impostas pelo mercado em expansão de orgânicos, também influenciado pelo interesse capitalista. Neste contexto, segue-se lutando pela autonomia dos agricultores a partir desta concepção de vida e organização social apresentada, mesmo que de forma marginalizada, mas fazendo frente ao sistema imposto. Assim, o grande diferencial da certificação participativa é a mudança de paradigma que esta propicia.

Para Hernández (2005), a Rede Ecovida, apresenta um papel importante no estabelecimento de relacionamentos sistemáticos, que favorecem a interação de agentes e a intensificação na troca de informações, o que possibilita a formação de conhecimentos e a resolução de problemas tecnológicos, assim como a qualificação profissional dos agricultores. Este processo de sistematização de conhecimentos e capacidade de absorção de novas técnicas é indispensável para a transição e consolidação na produção orgânica. Pode-se notar que o acesso a mercados que garantam a recompensa pelos esforços despendidos, também representa influência significativa neste processo, bem como valores de preservação do meio ambiente e saúde

No quadro 1, são apresentados dados referentes aos sujeitos da pesquisa. Na primeira coluna são identificadas os segmentos, na segunda coluna os municípios em que residem os entrevistados, na terceira coluna a expressão que representa os sujeitos da pesquisa. Cada indivíduo é identificado com uma letra (A; B; C; D ...) seguido de um número do segmento representado: agroecológico (1); orgânico (2) e integrado (3). Quando no momento da entrevista estavam presentes o casal, ambos participaram da entrevista, sendo identificados da seguinte forma: letra, seguido do número do

segmento, seguido de traço e número. Este número foi definido seguindo um critério único para todas as entrevistas: número 1 (para o pai de família); número 2 (para a mãe da família). Na quarta coluna, identificamos o gênero dos sujeitos, seguindo na quinta coluna com as respectivas idades. Na sexta coluna foi informado o tempo de atuação na atividade produtiva.

**Quadro 1 - Caracterização dos sujeitos da pesquisa.**

Segmento	Município residência	Identificação	G	I	Tempo atuação atividade (anos) <sup>3</sup>
Agroecológicos (1)	Ampére	A1-1	M	37	04
		A1-2	F	34	04
	Ampére	B1-1	M	42	04
		B1-2	F	28	04
	Santa Isabel D'Oeste	C1	M	55	02
Orgânicos (2)	Planalto	D2-1	M	58	25
		D2-2	F	55	25
	Capanema	E2-1	M	63	19
		E2-2	F	29	-
	Planalto	F2-1	M	49	21
		F2-2	F	45	21
Integrados (3)	Ampére	G3	M	49	16
	Capanema	H3	M	57	30
	Capanema	I3-1	M	50	16
		I3-2	F	48	16
	Planalto	J3-1	M	48	16
		J3-2	F	48	16
	Planalto	K3-1	M	45	10
		K3-2	F	49	10
	Ampére	L3-1	M	61	21
L3-2		F	55	21	

*Fonte: Tabulação da autora*

Como o objetivo é analisar a produção de alimentos para autoconsumo familiar, participaram das entrevistas um total de vinte pessoas, pois sempre que possível o casal respondeu as perguntas na entrevista. A idade média dos sujeitos foi de 48,5 anos, sendo a idade mínima de 28 anos e a máxima de 63 anos. Quanto ao tempo de atuação na atividade produtiva, nota-se que o menor tempo foi de 2 anos, para um agricultor agroecológico (com certificação) e o maior tempo de atuação foi de 30 anos, para um agricultor integrado.

<sup>3</sup> Para os agricultores agroecológicos e orgânicos, tempo que possuem certificação.

Para Lefevre; Lefevre (2012), a pesquisa de opinião na qual se utiliza da metodologia do Discurso do Sujeito Coletivo requer a presença no espaço ou no campo social de sujeitos ou grupos de sujeitos a serem entrevistados, para os quais o problema a ser investigado faça sentido, para que desta forma os indivíduos sejam capazes de emitir julgamentos, opiniões, posicionamentos e tecer os argumentos sobre o problema em questão.

A escolha de um grupo com sujeitos distintos, vinculados ao tema a partir de seus distintos lugares e atributos sociais ou institucionais, permite a ocorrência de um confronto de perspectivas, o que é definido como “polifonia”, fato que enriquece o entendimento do problema estudado (LEFEVRE; LEFEVRE, 2012).

Todas as características ou variáveis dos sujeitos que podem estar associados e afetando o problema devem ser considerados e investigados na pesquisa, como: sexo, grau de instrução, nível de renda, etc (LEFEVRE; LEFEVRE, 2012).

## **2.2 Delineamento da pesquisa**

O percurso teórico-metodológico do presente estudo será apoiado na abordagem qualitativa, realizada por meio de entrevistas individuais semi estruturadas e diário de campo.

Segundo Minayo (2004) e Lefevre et al., (2000) a metodologia qualitativa é capaz de incorporar as questões do significado e da intencionalidade como inerentes aos atos, às relações e às estruturas sociais. Sendo assim, é possível compreender profundamente os campos sociais e os sentidos neles presentes, uma vez que remetem a uma teia de significados, de difícil recuperação através de estudos de corte quantitativo.

Na pesquisa qualitativa a coleta de dados requer aproximação e interação entre pesquisador e pesquisado. Ocorre a obtenção de informações extensivas e não apenas pontuais ou originárias de uma única fonte de coleta de dados (CANESQUI, 2009).

A percepção sobre a vida cotidiana é uma preocupação nas análises das ciências sociais, bem como as necessidades e as visões de mundo das pessoas pertencentes a diferentes comunidades, de diferentes grupos culturais e sociais (HELMAN, 1994).

Para Lefevre; Lefevre (2012) é preciso que o pesquisador em suas investigações saiba com segurança, riqueza de detalhes, rigor e confiabilidade o que pensam as coletividades em relação aos problemas que lhe afetam, verificando o grau de compartilhamento das opiniões circulantes, desta forma, saber como os pensamentos se distribuem entre variáveis, como classes sociais, gêneros, idades, níveis de renda, etc. Assim é possível agregar a pesquisa quantitativa às virtudes da pesquisa qualitativa, originando a pesquisa qualiquantitativa de opinião.

Para pesquisar a opinião coletiva, a opinião deve ser vista e coletada como uma qualidade, obtida mediante uma pergunta aberta que possibilita a coleta de um depoimento. A opinião é uma qualidade, pois o que as pessoas tem a dizer deve ser sempre considerado uma incógnita, visto que é algo que não conhecemos antes de realizar a pesquisa (LEFEVRE; LEFEVRE, 2012).

Com a questão aberta dá-se a oportunidade dos entrevistados se manifestarem livremente, expressando com detalhes suas opiniões sobre o tema em questão, revelando os conteúdos e os argumentos associados as suas opiniões. Como nestas pesquisas o foco está nas opiniões coletivas, é preciso que tais opiniões tenham, na dimensão coletiva, sua substância qualitativa preservada (LEFEVRE; LEFEVRE, 2012).

Conforme Lefevre; Lefevre (2012), os indivíduos vivem em coletividades, sociedades ou grupos, assim para recuperar as opiniões na dimensão coletiva, quanto aos atributos sociológicos, antropológicos, psicossociais das opiniões, o pesquisador deve obedecer um rigoroso planejamento para evidenciar os atributos constitutivos da sociedade que é seu objeto de estudo. Para isso, deve fazer uma escolha sistemática de base quantitativa dos indivíduos a serem pesquisados. Estas características qualiquantitativas estão incorporadas na metodologia do Discurso do Sujeito Coletivo (DSC).

### 2.3 Instrumento de coleta de dados

A coleta de dados aconteceu por meio de entrevistas gravadas, realizadas pela própria pesquisadora, com base em um roteiro semi-estruturado contendo perguntas específicas visando coletar depoimentos por meio da fala dos atores sociais.

Os instrumentos utilizados para a coleta dos dados foram um gravador de voz (8 GB) e um roteiro de entrevista contendo duas partes: a primeira apresentando informações relativas aos dados pessoais (nome, idade, sexo, escolaridade, constituição familiar, ocupação, tempo de residência no município e na atividade desenvolvida) e sobre os alimentos produzidos para o autoconsumo; e a segunda abordando questões sobre as práticas e saberes em relação à produção para autoconsumo (APÊNDICE A).

As perguntas do questionário foram formuladas de forma aberta, pois buscavam depoimentos, narrativas, discursos que pudessem explicar a indagação central deste estudo, que é analisar a percepção de agricultores representantes das categorias estudadas em relação à produção de alimentos para autoconsumo. No quadro 2, pode-se observar o procedimento de sistematização do tema, dos objetivos e das perguntas utilizadas através do questionário para produzir o material discursivo, analisado e discutido com o presente estudo.

Quanto ao uso do gravador, este instrumento de fato permite o registro de elementos importantes da comunicação como: as pausas de reflexão e de dúvida ou a entonação da voz nas expressões de surpresa, entusiasmo, crítica, ceticismo, ou erros. Elementos esses que representam com as ideias e os conceitos o sentido do relato, colaborando na compreensão da entrevista (SCHRAIBER, 1995).

Antes de iniciar cada entrevista, os sujeitos foram informados sobre os objetivos da pesquisa e a importância da gravação. O sigilo de todos os depoimentos foi assegurado e foi enfatizada a liberdade de recusar-se a participar da entrevista a qualquer momento, sem qualquer prejuízo ao mesmo. Todos os participantes assinaram um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (APÊNDICE B).

**Quadro 2 - Relação entre o tema, objetivos e perguntas.**

<b>Tema</b>	<b>Objetivos</b>	<b>Perguntas</b>
Relevância da produção de alimentos para autoconsumo.	Identificar os significados de produzir alimentos para o autoconsumo na agricultura familiar.	<ol style="list-style-type: none"> <li>1. A produção de alimentos para autoconsumo é importante para sua família? Por quê?</li> <li>2. Explique o que significa para a sua família produzir alimentos para o autoconsumo.</li> </ol>
Alimentos produzidos para autoconsumo e para comercialização.	Comparar a produção de alimentos para autoconsumo de agricultores agroecológicos e integrados.	<ol style="list-style-type: none"> <li>3. Há diferenças entre os alimentos produzidos para o autoconsumo dos que são comercializados? Fale como eles são produzidos.</li> </ol>
Produção de alimentos para autoconsumo como uma estratégia.	Analisar a produção para autoconsumo como uma estratégia realizada pelos agricultores para o desenvolvimento da unidade familiar	<ol style="list-style-type: none"> <li>4. Você (s) acha (m) que houve diferença na produção de alimentos para o autoconsumo com o passar do tempo? Quais? Qual o motivo?</li> <li>5. Você (s) acha (m) que tem algum fator que dificulta a produção de autoconsumo? Qual?</li> <li>6. Explique como você (s) faz (em) o planejamento da produção de autoconsumo</li> </ol>

A entrevista com apoio de roteiro e não de questionário estruturado com perguntas fechadas, apresenta-se como favorável quando a pesquisa objetiva buscar informações que valham por si mesmas, mas o registro subjetivo de como as pessoas olham e enxergam a própria vida ou fato social em sua totalidade (THOMPSON, 1992).

Os dados foram coletados pela pesquisadora no período de agosto a outubro de 2016, seguindo os passos descritos no roteiro apresentado no apêndice A e B, do presente estudo. Lefevre e Lefevre (2012) ressaltam que

mesmo se tratando de uma pesquisa qualitativa não é permitido que entrevistador acrescente novas questões, modifique, expresse sua opinião ou venha a intervir no relato do entrevistado. Em momentos que se fizer necessário, para continuar a entrevista, pode-se apenas acrescentar questões como: O que mais? Tem algo mais a dizer? Como assim? Por quê? Quer complementar com mais alguma coisa?

Também utilizou-se de um diário de campo, visto que esta ferramenta metodológica é relevante para a pesquisa exploratória, para coleta e sistematização de informações, bem como para o registro de impressões de conversas e observações. É fundamental que o pesquisador tenha a possibilidade de rever suas análises e publicar suas reflexões, contribuindo para o avanço da temática.

O horário das entrevistas foi definido de acordo com a disponibilidade dos sujeitos, sendo realizadas nas propriedades rurais dos indivíduos. Os locais foram retratados pela pesquisadora.

O tempo médio de duração das entrevistas foi de 16 minutos. A entrevista mais curta teve a duração de 9 minutos e 43 segundos e a mais longa de 37 minutos e 52 segundos. Priorizou-se que no momento das entrevistas estivessem presentes e participassem os integrantes da família, conforme a disponibilidade dos membros familiares em cada local.

Após a realização das entrevistas, iniciou-se o trabalho de transcrição dos dados, representando a passagem da forma oral para a linguagem escrita, de modo fiel ao conteúdo da gravação.

## **2.4 Método da pesquisa**

Neste estudo empregou-se como estratégia metodológica em pesquisa qualitativa a construção do Discurso do Sujeito Coletivo (DSC), que se baseia na teoria das representações sociais. A técnica do DSC, criada por Fernando Lefevre e Ana Maria Lefevre, consiste em uma forma não-matemática, nem metalinguística de representar o pensamento de uma coletividade, o que se faz mediante uma série de operações sobre os depoimentos de pessoas distintas, que resultam em discursos-síntese que reúnem respostas de diferentes

indivíduos, com conteúdos discursivos de sentido semelhante (LEFEVRE et al., 2003).

Esta técnica metodológica está baseada na perspectiva de que o caráter coletivo do pensamento social é a quantidade de escolhas de um determinado conjunto de indivíduos pertencentes a uma determinada comunidade e mesmo sendo expresso de forma individual, é socialmente compartilhado, traduzindo a natureza do pensamento coletivo (LEFEVRE, LEFEVRE, 2012).

A técnica do DSC, associada aos *softwares* Qualiquantisoft e QLQT Online, representam uma nova metodologia que vem sendo desenvolvida na Universidade de São Paulo (USP), desde a década de 90, para as pesquisas de opinião, de representação social ou genericamente de atribuição social de sentido, baseadas em depoimentos ou outros materiais verbais como matérias de revistas, jornais, etc. O DSC constitui um avanço importante em relação aos métodos atuais de pesquisas de opinião que associam “qualitativo” e “quantitativo” (LEFEVRE; LEFEVRE, 2012).

Segundo Lefevre; Lefevre (2012), o DSC é essencialmente qualiquantitativo, pois em todos os momentos da pesquisa, preserva-se a natureza essencialmente discursiva e qualitativa da opinião ou representação e também a dimensão quantitativa, associada à representatividade e generalização dos resultados encontrados.

Metodologicamente o DSC é uma técnica de tabulação de dados qualitativos de natureza verbal, com a utilização de figuras metodológicas. Conforme os DSC vão sendo construídos, compõem-se o sistema de interpretação da realidade pelos participantes, as relações estabelecidas por eles no contexto social, bem como seus comportamentos e práticas. (DUARTE et al., 2009).

#### **2.4.1 Discurso do Sujeito Coletivo**

O método do Discurso do Sujeito Coletivo (DSC) resgata as Representações Sociais<sup>4</sup> (RS), sendo caracterizado pelo fato de buscar

---

<sup>4</sup> As Representações Sociais (RS) são entidades sociais internalizadas, incorporadas pelos indivíduos e vividas por eles, nas interações correntes, como coisas suas (o que permite que tais indivíduos digam “na minha opinião, do meu ponto de vista...”). As RS são reelaborações,

reconstituir estas representações preservando a sua dimensão individual articulada com a dimensão coletiva (LEFEVRE; LEFEVRE, 2014). O DSC busca a auto expressão do pensamento ou opinião coletiva, respeitando-se a dupla condição qualitativa e quantitativa destes como objeto (LEFEVRE; LEFEVRE, 2006).

Em síntese, as representações sociais são discursos (compostos com todo tipo de material expressivo) de agentes sociais que enunciam posicionamentos ou formas de ver e (re) apresentar realidades vividas ou imaginadas. No caso das representações provenientes de depoimentos, tais representações são discursos de indivíduos que, por meio de seus relatos, expressam posicionamentos ou formas de ver o mundo (LEFEVRE; LEFEVRE, 2010).

O DSC representa uma proposta de reconstituição de um ser ou entidade empírica coletiva, opinante na forma de um sujeito de discurso emitido na primeira pessoa do singular (LEFEVRE; LEFEVRE, 2006). Sendo assim, as perguntas devem ser estrategicamente elaboradas para a entrevista, para que as respostas dos indivíduos constituam o melhor acesso possível às representações sociais (FIGUEIREDO et al., 2013).

Em qualquer sociedade, seus membros compartilham ideias, opiniões, crenças ou representações. Assim, a expressão dessas opiniões compartilhadas podem ser reunidos em discursos síntese dos conteúdos e argumentos que conformam essas opiniões semelhantes (LEFEVRE; LEFEVRE, 2012).

Na vida cotidiana, as RSs estão presentes na opinião dos indivíduos, nos posicionamentos, manifestações ou em suas posturas, visto que sempre é possível agrupar e reconstituir em grandes categorias de sentido tais manifestações citadas (LEFEVRE; LEFEVRE, 2014).

---

metabolizações de conhecimentos e informações geradas em um certo número de espaços sociais onde, modernamente, tais conhecimentos são produzidos e/ou difundidos: meios de comunicação de massa, internet, escola/ academia, centros culturais, museus, centros religiosos, locais de trabalho, núcleo familiar. As RS obtidas nas fontes mencionadas são também reelaborações de conhecimentos e informações de certo tipo: literárias, narrativas, artísticas, científicas, religiosas, jornalísticas, escolares, da experiência comum. E ainda tais informações e conhecimentos são elaborados com imagens cinematográficas/ televisuais, fotografias, desenhos, pinturas, esculturas, texto escrito, texto falado, música, etc. (LEFEVRE; LEFEVRE, p. 23; 2012).

As representações sociais são influenciadas por condições relativas ao seu contexto histórico e de infraestrutura. No século XXI, o contexto histórico é do mundo globalizado, no qual as formações sociais que crescem e se desenvolvem, caracterizam-se no plano da infraestrutura por serem sociedades dominadas pela ideia de consumo individualizado, que tende a impor progressivamente esta característica para todas as regiões do tecido social (LEFEVRE; LEFEVRE, 2012).

As consequências do fato acima citado para o plano simbólico, é que a seleção de conteúdos, ou assuntos, ou enfoques que devem ser divulgados, se dá mediante ao que o consumismo determina de seu interesse reproduzir, com o intuito de impregnar cada vez mais a sociedade e os indivíduos que a integram com uma mentalidade consumista. Assim, os indivíduos pensam, tem ideias e opiniões, sobre temas social ou coletivamente compartilhados (LEFEVRE; LEFEVRE, 2012).

Os autores Lefevre, Lefevre (2012), ressaltam que as representações sociais são influenciadas pelas características ou lugares nas quais os sujeitos representantes falam, como: nacionalidade, gênero, religião/ crença, idade, condição social, nível de instrução, estrutura psíquica, traços de personalidade, profissão/ ocupação, estrutura física, história de vida, entre outros.

As categorias de sentido são esquemas sócio cognitivos, ou seja, modos socialmente compartilhados de interagir com o mundo e a vida cotidiana, que podem ser observados nos atores sociais de uma dada formação social e que revelam a consciência destes atores em determinado momento histórico (LEFEVRE; LEFEVRE, 2014).

Desta forma, as Representações Sociais podem ser entendidas como sínteses próximas da empiria, reconhecíveis pelo senso comum, como “coisas suas”, como conhecimentos familiares.

O Discurso do Sujeito Coletivo é uma forma de metodologicamente resgatar e apresentar as RSs obtidas de pesquisas empíricas. Nessas, as opiniões ou expressões individuais que apresentam sentidos semelhantes são agrupadas em categorias semânticas gerais, como normalmente se faz quando se trata de perguntas ou questões abertas. O diferencial da metodologia do DSC é que a cada categoria estão associados os *conteúdos* das opiniões de sentido semelhante presentes em diferentes depoimentos, de modo a formar com tais conteúdos um depoimento síntese, redigido na primeira pessoa do singular,

como se tratasse de uma coletividade falando na pessoa de um indivíduo (Lefevre; Lefevre, p. 2, 2014).

Este indivíduo/ coletivo é um sujeito falando/ falado já que representa, além dos conteúdos dos RS que pessoalmente (falando) adota como prática discursiva, também os conteúdos falados dos “outros”, desta forma, das representações semanticamente equivalentes observadas na sociedade e na cultura, tomadas por seus “colegas de representação” (LEFEVRE; LEFEVRE, 2014).

Sendo assim, podemos expressar que se um determinado sujeito que, ao lado de outros, formam um DSC falando/falado casualmente não utilizou os conteúdos que fazem parte do DSC, poderia utilizá-los já que enquanto ator social é capaz de se reconhecer em tais conteúdos (LEFEVRE; LEFEVRE, 2014).

Para Lefevre, Lefevre (2014), as RSs, na forma de DSCs, ficam muito próximas das opiniões como elas de fato são praticadas por coletividades de atores sociais. Sendo que, as RSs apresentadas na forma de discurso coletivo, transmitem histórias coletivas a respeito de um determinado tema ou problema pesquisado.

O DSC demonstra que sempre há diferentes tipos ou categorias de pensamento coletivo entre as pessoas envolvidas com determinado tema, em uma determinada pesquisa empírica. Pessoas diferentes pensam de modo semelhante e o DSC, utilizando procedimentos de base indutiva sobre um conjunto de depoimentos individuais e selecionando adequadamente as perguntas abertas, permite identificar e reconstituir semelhanças e também dar diferentes nomes a esses diferentes conjuntos de depoimentos de sentido semelhante (LEFEVRE; LEFEVRE; FIGUEIREDO, 2010).

O julgamento de semelhanças e diferenças semânticas entre depoimentos nunca é definitivo e sempre poderá sofrer crítica e revisão, mas isso faz parte da característica da pesquisa e para controlar esta flutuação deve-se discutir os achados entre os pesquisadores (LEFEVRE; LEFEVRE, 2012).

Diante disso, o pesquisador qualitativo apresenta a tarefa de resgatar e dar forma às representações, utilizando para tanto os instrumentos metodológicos pertinentes, que no caso do DSC, são as expressões chave,

ideia central, ancoragem, categoria e discurso do sujeito coletivo, como descrito a seguir (LEFEVRE; LEFEVRE, 2010).

#### **2.4.2 Análise dos dados**

Os dados foram transcritos e posteriormente foi feita a estruturação das respostas, sendo selecionadas dos textos as expressões-chave (E-Chs), partes de trechos ou mesmo transcrições literais do discurso dos entrevistados, que revelam a essência do depoimento, são os principais conteúdos das respostas. Todo o processo de transcrição e análise dos dados foi realizado de forma manual pela pesquisadora. Um trabalho de muita atenção e dedicação para identificação dos elementos de análise. É com a matéria-prima das E-Chs que se construiu os DSCs (LEFEVRE et al., 2003) (LEFEVRE; LEFEVRE, 2006).

Selecionar as E-Chs significa, em síntese, retirar do discurso tudo o que é irrelevante, não essencial, secundário. Com o intuito de ficar, o máximo possível, com a essência do pensamento, tal como ela aparece literalmente no discurso analisado (LEFEVRE; LEFEVRE, 2012).

A partir das E-Chs foram definidas as Ideias- Centrais (ICs), que geralmente são um nome ou expressão que descreve de maneira mais sintética e precisa o sentido de cada um dos depoimentos analisados e de cada conjunto homogêneo de E-Chs. Não se trata de uma interpretação, mas uma descrição do sentido (LEFEVRE et al., 2003). As ICs nomeiam os sentidos de cada depoimento e de cada categoria de depoimento (LEFEVRE; LEFEVRE, 2006).

As E-Chs são em síntese concretas, expressivas, descritivas, abundantes, afetivas, literárias. Já as ICs são abstratas, conceituais, sintéticas, frias e poucas. As ICs representam o que o entrevistado quis dizer e as E-Chs como isso foi dito (LEFEVRE; LEFEVRE, 2012).

É possível enquadrar os vários depoimentos em uma das ICs, sendo que os depoimentos enquadrados na mesma IC são considerados equivalentes ou complementares, podendo conseqüentemente as E-Chs serem somadas (LEFEVRE et al., 2003).

Algumas E-Chs representam não apenas a uma IC, mas também e explicitamente a uma afirmação que denominados de Ancoragem (AC). Esta é a expressão de uma dada teoria ou ideologia que o autor do discurso professa e que está embutida no seu relato como se fosse uma afirmação qualquer. Uma regra para AC é quando o enunciador utiliza uma afirmação genérica para enquadrar uma situação particular. Um fato a se ressaltar é que nem sempre as AC estão presentes nos discursos analisados (LEFEVRE; LEFEVRE, 2012).

A soma das E-Chs que têm ICs de sentido semelhante ou complementar constroem os Discursos do Sujeito Coletivos (DSCs), o qual se apresenta como um discurso-síntese redigido em primeira pessoa do singular com a finalidade do “eu” falar em nome de uma coletividade. Ressalta-se que cada questão pode gerar um número diferente de posicionamentos que formam DSCs distintos (LEFEVRE et al., 2003).

#### **2.4.3 Atributos quantitativos do Discurso do Sujeito Coletivo**

São atributos quantitativos do DSC a intensidade e a amplitude. Estes foram identificados nos discursos de forma manual, segundo a forma como eram encontrados no texto. Para sua interpretação, estes são apresentados em tabelas, em cada categoria de análise. Para tanto, seguiu-se os princípios apresentados por Lefevre; Lefevre. Assim, a intensidade refere-se ao número ou percentual de pessoas que contribuíram com suas expressões-chave relativas às Ideias Centrais ou Ancoragens semelhantes ou complementares, para a construção de um determinado Discurso do Sujeito Coletivo. O conceito de intensidade oportuniza ao pesquisador conhecer, no campo pesquisado, o grau de compartilhamento das Representações Sociais entre a população pesquisada (LEFEVRE; LEFEVRE, 2012).

Já a amplitude, refere-se à medida da presença de uma ideia ou representação social considerando o campo ou universo pesquisado. Expressa ao pesquisador o grau de espalhamento ou difusão de uma ideia no campo pesquisado (LEFEVRE; LEFEVRE, 2012).

Diante disso, uma dada representação social pode, do ponto de vista quantitativo, apresentar quatro distintas situações, segundo Lefevre; Lefevre (2012):

- Baixa força e alta amplitude: a representação social encontra-se espalhada por todo o campo, mas com baixa frequência (poucos compartilham dessa ideia). No presente estudo foi considerada desta forma a representação social que estava presente nos três grupos de sujeitos, porém poucos indivíduos compartilhavam desta ideia.
- Grande força e baixa amplitude: a representação social encontra-se concentrada a certos segmentos do campo. Ou seja, vários indivíduos compartilham de uma ideia, mas pode ser observada em determinados grupos de sujeitos.
- Grande força e alta amplitude: a representação social analisada encontra-se fortemente compartilhada por todo o campo analisado. Neste caso, a representação está presente nos três grupos de sujeitos e com vários indivíduos em cada grupo compartilham da mesma.
- Baixa força e baixa amplitude: neste caso encontra-se representações isoladas do campo que pertencem a segmentos restritos e aparecem fracamente compartilhadas. Geralmente, são representações novas que estão surgindo, ou então o oposto, representações antigas que se encontram presentes em alguns elementos do campo pesquisado.

## CAPÍTULO 03

### AUTOCONSUMO E AGRICULTURA FAMILIAR: REFERENCIAL TEÓRICO

#### 3.1 Conceitos

A partir da década de 1970, a agricultura brasileira passou por intensas transformações. A então chamada “pequena agricultura” ou agricultura camponesa presenciou mudanças de elementos característicos, com a substituição de práticas e meios de produção. Entre os elementos, pode-se citar a enxada, a tração animal, a carroça, a colheita manual, entre outros que passaram a ser utilizados com menor frequência. Neste contexto, acreditava-se que também seriam alteradas outras características da agricultura e do meio rural, como a produção para o autoconsumo. Este fato era fundamentado, com a consolidação do processo de modernização da agricultura e a consequente perda da importância da produção para autoconsumo (GRISA, 2007b).

Neste contexto e diante dos objetivos acima propostos, cabem alguns conceitos referentes à temática proposta. No presente estudo, entende-se como produção de autoconsumo a definição utilizada na pesquisa BRASIL (2013), que buscou dimensionar esta expressão e as características desta produção, conforme expresso abaixo:

O autoconsumo compreende toda a produção realizada pela família e destinada ao seu próprio consumo, incluindo os produtos de origem animal, os produtos oriundos das lavouras permanentes e temporárias, da silvicultura, da floricultura, da extração vegetal e da agroindústria doméstica. Trata-se, nestes termos, de uma produção que é destinada ao ciclo interno da unidade de produção, que acaba se autoaproveitando com produtos para a própria alimentação e outros usos do estabelecimento (BRASIL, 2013, p. 10).

O termo agricultura familiar, possui várias definições, sendo assim utiliza-se como referência para o estudo aqui apresentado, as considerações realizadas por Abramovay (1998), visto a relevância que estas representam:

A agricultura familiar é aquela em que a gestão, a propriedade e a maior parte do trabalho vêm de indivíduos que mantêm entre si laços de sangue ou de casamento. Que esta definição não seja unânime e muitas vezes tampouco operacional é perfeitamente compreensível, já que os diferentes setores sociais e suas representações constroem categorias científicas que servirão a certas finalidades práticas: a definição de agricultura familiar para fins de atribuição de crédito pode não ser exatamente a mesma daquela estabelecida com finalidades de quantificação estatística num estudo acadêmico. O importante é que estes três atributos básicos (gestão, propriedade e trabalho familiares) estão presentes em todas elas (ABRAMOVAY, 1998, p. 10).

Faz-se necessário também, delimitar o que é um agricultor integrado. Para tanto utiliza-se as considerações de Paulilo (1992) que considera como produtor integrado o que produz matéria prima para uma determinada empresa, recebendo supervisão direta, orientações técnicas e insumos. Há o compromisso firmado de entregar a empresa integradora toda produção. Nesse sentido, Duarte (2012) também contribui, ressaltando que este agricultor possui um contrato, ou seja, um compromisso formalmente regulado. Por vez, este é caracterizado como parceiro, modalidade que isenta a empresa integradora de penalizações formais decorrentes de direitos trabalhistas. No sistema de integração, a empresa estabelece mecanismos de planejamento e controle do processo produtivo.

Segundo Menasche (2007), as indústrias são denominadas “integradoras” e seus associados de “integrados”, diante de algumas características: (A) integradoras fornecem rações, assistência veterinária e os pintos aos agricultores integrados; (B) os agricultores disponibilizam terra, capital imobiliário e mão de obra; (C) as indústrias pagam um preço líquido por cabeça de animal produzido (deduzindo a maioria dos consumos intermediários). A carne produzida é comercializada pela empresa, conforme seus interesses.

Em relação à agricultura agroecológica, considero relevante os conceitos de Sarandón (2014). Para este autor, a agroecologia<sup>5</sup> não se trata de substituir

---

<sup>5</sup>Sarandón (2002, p. 55) define Agroecologia como: “Um novo campo de conhecimento, uma abordagem, uma disciplina científica que coleta, sintetiza e aplica conhecimento de agronomia, ecologia, sociologia, etnobotânica, e outras ciências afins com uma perspectiva holística e sistêmica e forte componente ético para gerar conhecimento e validar e implementar estratégias adequadas para projetar, gerenciar e avaliar agroecossistemas sustentáveis”.

o pacote químico por técnicas verdes, mas sim de potencializar as funções ecológicas dos agroecossistemas. A agroecologia “vai além de aspectos técnicos da produção, valorizando a relação da agricultura com o meio ambiente e as consequências sociais (trata da equidade entre gerações e da produção de alimentos saudáveis para consequente garantia de segurança e soberania alimentar e nutricional), econômico (trata da não dependência dos agricultores a mercado, insumos externos e baixa diversificação), político (processos participativos e democráticos da população rural em relação ao desenvolvimento), ético (diz respeito ao vínculo moral, que inclui o respeito e preservação do meio ambiente, não só para eles, mas também para as gerações futuras) e cultural (considerando os conhecimentos e valores locais da população rural)”.

Quanto à agricultura orgânica, segundo o Ministério da Agricultura, não é permitido a utilização de fertilizantes sintéticos solúveis, agrotóxicos, transgênicos ou substâncias que coloquem em risco a saúde humana. Desta forma, para um alimento ser considerado orgânico, deve ser produzido em um ambiente de produção orgânica, que utilize como base no processo produtivo os princípios agroecológicos, que são: uso responsável do solo, da água, do ar e recursos naturais em geral, respeitando as relações sociais e culturais (BRASIL, 2016).

Segundo Sarandón, um dos maiores desafios a serem enfrentados pela humanidade será a manutenção da produção agrícola aliada a um sistema que conserve os recursos naturais. Para tanto é indispensável que a agricultura seja viável sob aspecto econômico e social, que apresente produção suficiente, que mantenha os recursos naturais e o meio ambiente, seja em nível local, regional e global. Sendo assim, “a agricultura sustentável deve satisfazer as necessidades do presente, sem comprometer as gerações futuras”. Esta nova agricultura, requer o conhecimento sobre os componentes do agroecossistema, bem como das interações entre eles (SARANDÓN, 2004).

Assim como a agroecologia, a produção de alimentos para o autoconsumo está inserida em contexto ambiental, social, cultural, político, econômico e ético, fato que reafirma a relevância desta proposta de estudo.

Segundo Grisa (2007a), a existência do autoconsumo nos estabelecimentos rurais, justifica-se por fatos como “consumir alimentos sem veneno” e “saber o que está consumindo”. Com o objetivo de garantir a qualidade e sanidade dos alimentos, a produção para o autoconsumo geralmente não utiliza agrotóxicos e produtos químicos, estando baseada no uso de esterco animal, cinzas, restos de alimentos e materiais que não comprometem a saúde do consumidor, que será a própria família. Sendo assim, este tipo de produção adota manejos mais sustentáveis, através da utilização e reciclagem dos recursos naturais disponíveis, sem agressão ao meio ambiente.

A autora Menasche (2007) descreve em seu estudo que é notável a preocupação referente à qualidade dos produtos consumidos pelas famílias rurais e a associação realizada entre o processo produtivo e as características dos alimentos. A produção de alimentos para o autoconsumo passou por mudanças consideráveis, inclusive com quantidades inferiores do que realizada antigamente, infelizmente muitas variedades e espécies crioulas foram perdidas, mas é possível afirmar que os hábitos e tradições de consumo são responsáveis pela manutenção de algumas características no meio rural, como a diversidade de cultivos e a criação de animais.

Na agricultura de base familiar, o que se produz está diretamente relacionado com o que se come, e desta relação resulta a cultura alimentar local, como observado na pesquisa de Fonini; Lima (2013). Desta forma, a agricultura faz parte da cozinha e a cozinha da agricultura, o rural e o agricultor são mediadores da relação sociedade- natureza através da produção de alimentos.

Nota-se que a produção de alimentos para o autoconsumo familiar está relacionada com fatores essenciais a própria vida. Para Candido (2001), o alimento pode ser considerado elemento teórico explicativo da vida social. Neste contexto, pode-se observar transformações importantes no decorrer do processo civilizatório, com modificações e ampliações das fontes de abastecimento alimentar.

Segundo Candido (2001), é fundamental o papel que a alimentação assume nas relações e na caracterização da personalidade dos grupos sociais. Este fato pode ser notado nos diferentes grupos sociais, principalmente em populações chamadas arcaicas, em povos e grupos de progresso técnico limitado e em classes inferiores da população. Nesse sentido, o autor destaca:

Há com efeito para cada cultura uma técnica de viver de que a alimentação faz parte, e a que deve submeter-se a fome para ser satisfeita, não obstante o seu caráter inelutável. Além disso, ela se torna o centro de um dos mais vastos complexos culturais, abrangendo atos, normas, símbolos, representações. A obtenção da comida percorre, do esforço físico ao rito, uma gama vastíssima em que alguns têm querido buscar a gênese de quase todas as instituições sociais (CANDIDO, 2001, p. 36).

Diante da complexidade que a alimentação assume para os diferentes povos é pertinente relacioná-la com o desenvolvimento, visto que vivemos em um mundo desigual e a alimentação é elemento essencial à vida. Nesta perspectiva, o autor Amartya Sen (2010) analisa o desenvolvimento enfatizando as liberdades dos indivíduos como elemento constitutivo, considerando a capacidade das pessoas levarem o tipo de vida que elas valorizam. O papel constitutivo está relacionado com a relevância que a liberdade substantiva desempenha no enriquecimento da vida humana. Desta forma,

Ter mais liberdade para fazer as coisas que são justamente valorizadas é importante por si mesmo para a liberdade global da pessoa e importante porque favorece a oportunidade de a pessoa ter resultados valiosos. Ambas as coisas são relevantes para a avaliação da liberdade dos membros da sociedade e, portanto, cruciais para a avaliação do desenvolvimento da sociedade [...] Ter mais liberdade melhora o potencial das pessoas para cuidar de si mesmas e para influenciar o mundo, questões centrais para o sucesso do desenvolvimento (SEN, 2010, p. 33).

Segundo Sen (2010), o desenvolvimento deve ir além dos interesses relacionados à renda, como a acumulação de capital e o crescimento do Produto Nacional Bruto. A essência do desenvolvimento deve estar relacionada

com a melhora da vida dos indivíduos e das liberdades substantivas<sup>6</sup>. O autor também cita em sua obra que o desenvolvimento econômico, da forma como ocorre, pode ser responsável pela eliminação de tradições e herança cultural de um país.

O processo de expansão das liberdades substantivas possibilita que as pessoas exerçam sua função de agente, ou seja, alguém que age e gera mudanças e cujas realizações podem ser julgadas de acordo com seus próprios valores e objetivos. Desta forma, o êxito de uma sociedade deveria ser avaliado, conforme as liberdades substantivas que os membros dessa sociedade desfrutam (SEN, 2010).

Diante do exposto, é relevante a relação que o presente estudo realiza da produção para autoconsumo como estratégia de liberdade substantiva, visto que representa a capacidade dos indivíduos reproduzirem a alimentação que valorizam, bem como proporciona a expansão de outras capacidades de caráter econômico, cultural e social.

A capacidade de uma pessoa consiste nas combinações alternativas de funcionamentos cuja realização é factível para ela. Portanto, a capacidade é um tipo de liberdade: a liberdade substantiva de realizar combinações alternativas de funcionamentos (a liberdade de ter estilos de vida diversos) (SEN, 2010, p. 105).

Para Ploeg (2008) a produção de subsistência ou autoabastecimento alimentar, pode representar uma forma de sobrevivência e autonomia, mas não necessariamente a única. Para essa afirmação, utiliza como exemplo camponeses holandeses do século XVII, que não produziam mais grãos para subsistência, visto que estes produtos podiam ser importados a preços menores do que seu custo de produção. Desta forma, estes se especializaram na produção de leite e criação de gado. Sendo assim,

---

<sup>6</sup> As liberdades substantivas incluem capacidades elementares, como por exemplo, ter condições de evitar privações como a fome, subnutrição, a morbidez evitável e a morte prematura, bem como as liberdades associadas a saber ler e fazer cálculos aritméticos, ter liberdade política, etc. Nesta perspectiva constitutiva, o desenvolvimento envolve a expansão dessas e de outras liberdades básicas: é o processo de expansão das liberdades humanas, e sua avaliação tem de basear-se nessa consideração.

Os camponeses adaptam-se constantemente a conjunturas específicas, portanto as especificidades da sobrevivência também se adaptam a elas – sem que isso implique qualquer alteração básica nas próprias condições camponesas (PLOEG, 2008, p. 47).

Nesta perspectiva, Garcia Júnior (1989) identifica elementos relacionados com a decisão das unidades familiares entre produzir para o gasto da casa e produzir lavouras comerciais, como a flutuação dos preços no mercado, a existência de condições técnicas de produção, o consumo alimentar familiar e a disponibilidade de força de trabalho da família. Estes fatores determinam a opção por produzir ou comprar, autoconsumir ou vender determinado alimento.

Segundo Plein (2012), a reprodução da agricultura familiar está relacionada com vários mecanismos, sendo que o processo produtivo pode ser direcionado para dois caminhos. Um destes caminhos é o consumo familiar, podendo desempenhar duas funções, como o consumo direto da família ou como parte integrante do processo produtivo da propriedade. O outro caminho é o da troca, que pode assumir funções de reciprocidade, redistribuição ou de troca mercantil. Ambos os mecanismos são relevantes para o processo de reprodução social da agricultura familiar, sendo que o presente estudo dedica-se ao caminho percorrido pelo consumo direto da família.

Em seu estudo Ploeg (2008) ressalta que o processo de aumento dos custos de produção, juntamente com a diminuição dos preços de venda, ou mesmo a sua estagnação é chamado de *squeeze* da agricultura. Este fato ocasiona a marginalização e adoção de novos padrões de dependência, que impulsionam por sua vez os processos de recampesinização. Em síntese a recampesinização representa “a luta por autonomia e sobrevivência em um contexto de privação e dependência” (PLOEG, 2008).

A tomada de decisão na cultura camponesa não se baseia no valor nominal das coisas, pois considera que a aparência engana. A decisão vem a partir da posição das coisas e de suas relações com o passado, presente e futuro, situando essas coisas com divisões de trabalho e de espaço. Esta

desconfiança institucionalizada, na conjuntura atual pode ser compreendida como um anacronismo. Mas, com a dominação controlada pelo Império<sup>7</sup> e a invasão de imagens virtuais na vida dos indivíduos, tal desconfiança institucionalizada talvez não seja deslocada. Esta pode se tornar uma importante ferramenta de equilíbrio, necessária a evitar desvios irreversíveis conduzidos em nossa sociedade (PLOEG, 2008).

Todas as sociedades apresentam estilos de vida específicos, formas culturais e racionalidades diferentes. Os membros da sociedade se utilizam destes fatores para buscar ordem e significado, sendo assim participam dos processos de afirmação e reestruturação. Neste contexto, nota-se que as estratégias e construções culturais utilizadas por pessoas estão baseados em um estoque de discursos disponíveis, partilhados entre indivíduos contemporâneos e antecessores. Assim, o indivíduo é considerado um ator social, visto que é socialmente construído (LONG; PLOEG, 2011).

Nesta abordagem de ator social, valoriza-se a forma como os agricultores moldam os padrões de desenvolvimento agrário. Entender as estratégias utilizadas por estes atores é importante para a compreensão de como os produtores e habitantes rurais resolvem problemas relacionados à sua subsistência e organização dos recursos naturais (LONG; PLOEG, 2011).

### **3.2 Amartya Sen**

Economista Indiano, Amartya Sen contribui com seus trabalhos teóricos para uma nova compreensão a respeito de conceitos como miséria, fome, pobreza e bem estar social. Nasceu na cidade de Shantiniketan, em Bengala

---

<sup>7</sup> O Império é uma estrutura composta por esquemas reguladores de natureza política e econômica que são impostos à sociedade e à natureza. Diz respeito a uma forma de governança e ordenamento, os elementos centrais neste modelo são o controle e a apropriação. Nessa estrutura e através dela, o Estado e o mercado se tornaram cada vez mais interligados. Um se concretiza no outro e vice - versa. O Império não diz respeito primeiramente a produtos, pessoas, serviços, recursos, lugares, e assim por diante, nem é composto por esses elementos. O Império, é acida de tudo, um conjunto complexo, multifacetado em expansão e cada vez mais monopolista de ligações (isto é, uma rede coerciva) que coloca processos, lugares, pessoas e produtos em contato de uma forma específica ( Ploeg, 2008; p. 283)

Ocidental, em 3 de novembro de 1933, oriundo de uma família hindu (MACHADO, 2007).

Formou-se em Economia no ano de 1953 pelo Presidency College de Calcutá. Prosseguiu seus estudos na Inglaterra, obtendo seu Ph.D. pelo Trinity College, em Cambridge, no ano de 1959. Foi professor de Economia na Jadavpur University, em Calcutá de 1956 a 1958 e fellow no Trinity College, em Cambridge, de 1957 a 1963. Posteriormente, foi professor titular na Delhi School of Economics de 1963 a 1967, na London School of Economics, de 1971 a 1977, em Oxford, de 1977 a 1988, e, finalmente, em Harvard (MACHADO, 2007).

Dedicou-se ao estudo das economias dos países em desenvolvimento e as condições de vida das populações mais pobres do planeta. Seu livro mais conhecido, *Pobres e Famintos: Um Ensaio sobre Direito e Privação*, foi escrito em 1981. Sen analisou catástrofes na Índia, em Bangladesh, na Etiópia e no Saara africano, demonstrando que a escassez de comida não constitui a principal causa da fome, como acreditam os acadêmicos, e sim a falta de organização governamental para produzir e distribuir os alimentos.

Depois de lecionar na Índia e nos Estados Unidos (EUA), Sen se tornou o primeiro não britânico a ocupar o cargo de professor titular do Trinity College, no Reino Unido, em 1988. Já em 1998 recebeu o Prêmio Nobel de Economia.

Amartya Sen, com seu pleno domínio dos métodos quantitativos, chegando até presidir a Econometric Society, destaca-se no cenário internacional dos grandes economistas, por sua notável preocupação humanista, principalmente a preocupação com a relação entre a ética e a economia (MACHADO, 2007).

Em seu primeiro livro publicado no Brasil “Sobre Ética e Economia”, descrito no release da editora Companhia das Letras à época de seu lançamento como uma síntese impressionante, tal preocupação humanista é evidente (MACHADO, 2007).

Outra grande contribuição de Amartya Sen diz respeito à sua abordagem dos fenômenos do desenvolvimento e do crescimento econômico. Ele destaca que devemos enxergar muito além do crescimento econômico, sem desconsiderar sua importância. Para uma compreensão mais plena do processo de desenvolvimento, os fins e os meios deste processo devem ser analisados de forma minuciosa, ressaltando que é inadequado adotar como objetivo básico apenas a maximização da renda ou da riqueza. Assim, o crescimento econômico não pode ser considerado um fim em si mesmo (MACHADO, 2007).

Para Sen, o desenvolvimento deve priorizar, sobretudo, a melhora da vida que os indivíduos levam e das liberdades que desfrutam, esta relação que buscamos enfatizar no presente estudo. Expandir as liberdades que temos razão para valorizar, não só torna a vida mais rica e mais desimpedida, mas também permite que as pessoas sejam seres sociais mais completos, pondo em prática a sua autonomia em decidir ações particulares, interagindo com o mundo e influenciando esse mundo (MACHADO, 2007).

O enfoque nas liberdades humanas contrasta com visões mais restritivas de desenvolvimento que priorizam o crescimento do Produto Nacional Bruto (PNB), aumento de rendas pessoais, industrialização, avanço tecnológico ou modernização social. O crescimento do PNB e das rendas individuais pode ser sem dúvida muito importante como um meio de expandir as liberdades individuais dos membros da sociedade. Porém as liberdades dependem também de outros determinantes, como as disposições sociais e econômicas e os direitos civis (SEN, 2010).

Desta forma, o desenvolvimento defendido por Sen, requer que se eliminem as principais fontes de privação de liberdade: pobreza e tirania, carência de oportunidades econômicas e destituição social sistêmica, negligência dos serviços públicos e intolerância ou interferência excessiva de Estados repressivos (SEN, 2010).

A ausência de liberdade substantiva pode estar diretamente relacionada à pobreza econômica, carência de serviços públicos e assistenciais ou diretamente a uma negação de liberdades políticas e civis. A pobreza

econômica, rouba das pessoas a liberdade de saciar a fome, de obter uma nutrição satisfatória ou remédios para doenças tratáveis, a oportunidade de vestir-se ou morar de forma apropriada, de ter acesso a água tratada ou saneamento básico. Já a carência de serviços públicos e assistenciais, vincula-se a ausência de programas epidemiológicos, de um sistema de assistência médica, de educação ou de instituições eficazes para a manutenção da paz e da ordem local. A negação de liberdades políticas e civis ocorre através de regimes autoritários e de restrições impostas à liberdade de participar da vida social, política e econômica da sociedade (SEN, 2010).

Esta visão de desenvolvimento integrado a expansão de liberdades concretas ligadas umas nas outras, permite a avaliação simultânea da função de diferentes instituições, incluindo mercados e organizações relacionadas, governos e autoridades locais, partidos políticos e instituições cívicas, sistemas educacionais, meios de comunicação, entre outras. Esta abordagem, também reflete sobre o papel dos valores sociais e dos valores dominantes, que influenciam as liberdades de que as pessoas usufruem e justificadamente resguardam. Normas partilhadas exercem influência nas realizações sociais, como igualdade de gêneros, a natureza dos cuidados infantis, o planejamento familiar e os modelos de procriação ou a maneira com que se lida com o ambiente. A presença e ausência da corrupção e o papel da confiança nas relações econômicas, sociais e políticas, é influenciado por valores dominantes e costumes sociais (SEN, 2010).

A partir deste campo teórico, Sen e Mahbub ul Hak, criaram em 1989, o Índice de Desenvolvimento Humano (IDH), um indicador que passou a ser aceito no mundo todo como a principal referência para definir o grau de desenvolvimento de um país. Tal indicador, mais amplo e mais fiel do que os até então utilizados, considera três variáveis para efeito de cálculo: o nível de renda, a educação (captada através da taxa de alfabetização e da taxa de matrícula nos três níveis de ensino), e a saúde (captada pela esperança de vida) (MACHADO, 2007).

Amartya Sen apresenta uma tese inovadora, quando busca uma metodologia para entender o processo de desenvolvimento. Aproximando-se da filosofia de Aristóteles (que evidencia que os homens almejam a riqueza,

sendo sua utilidade avaliada pela capacidade de obter alguma coisa), esta relação é perfeitamente aceita, pois a riqueza por si só não é o real interesse dos indivíduos, mas as experiências e estilos de vida com que a riqueza proporciona. Desta forma, as liberdades precisam ser consideradas como meios e fins ligados ao desenvolvimento, para alcançar um grau de liberdade consolidado para que possa ser usufruído pelos indivíduos (MARQUES, 2010).

### 3.3 Estudos sobre o tema

Diante da perspectiva de compreender “os significados de produzir para o autoconsumo na agricultura familiar”, cabem aqui algumas considerações relevantes já realizadas na literatura, referente ao tema proposto.

A autora Grisa (2007b), realizou um estudo que apresentou como tema “as funções que a produção para autoconsumo desempenha na agricultura familiar gaúcha”, considerando a diversidade histórica, sócio cultural e econômica desta. A autora ressalta que propor um debate com esta temática, significa retomar um tema pouco lembrado na literatura brasileira, muitas vezes considerado sem relevância e até marginalizado. Contudo, o autoconsumo desempenha papel importante na agricultura familiar:

Produzir para o consumo da família constitui uma estratégia de fortalecimento de sua autonomia, visto que propicia maior controle das unidades familiares sobre seus processos de produção e reprodução social. O autoabastecimento mantém sob controle da família (ao menos em parte) uma das dimensões mais importantes à sua reprodução, a alimentação. Ademais é fonte de segurança alimentar; estratégia de diversificação dos modos de vida; forma de economização; modo de manter o homem, natureza e trabalho integrados em co-produção; mecanismo de defesa pela característica da alternatividade destes alimentos; fulcro de sociabilidade e; ainda relaciona-se com a identidade das unidades familiares (GRISA, 2007b, p. 8).

Os resultados encontrados em seu estudo evidenciam que o autoconsumo é uma estratégia recorrente e relevante para a autonomia da

agricultura familiar. Trata-se de um elemento integrante do modo de vida rural da atualidade e um instrumento potencial para o desenvolvimento rural, não como outrora considerado uma produção arcaica, que “sobrou da tradição”, fadada a marginalidade ou ao desaparecimento (GRISA, 2007b).

Para Grisa (2007b) a produção para o autoconsumo passou por alterações ao longo do tempo, assumindo novas conotações e atributos, porém permanece atual no modo de vida das unidades familiares. Tais alterações decorrem do processo de mercantilização da agricultura, estimulado com a modernização tecnológica, responsável por transformações na lógica de organização do processo produtivo. Desta forma, a prioridade passou a ser a produção de mercadorias embasadas na externalidade, onde tarefas eram dirigidas a organizações não familiares.

As unidades familiares foram estimuladas a minimizar a produção de valores de uso, aqui incluída a própria alimentação, e passaram a produzir cada vez mais para o mercado, intensificando sua inserção e dependência a eles. Em decorrência desta inserção nos mercados, aquilo que era, antes de tudo, um modo de vida transformou-se numa profissão, camponeses tornaram-se agricultores familiares. Neste contexto, o autoconsumo que ocupava uma posição central na organização econômica das famílias, passou a ser cotado como uma produção complementar, dividindo seu tempo e espaço com a produção mercantil de *commodities* agrícolas, e assumindo novas atribuições. Além de atender as demandas alimentares, passou a contribuir de sobremaneira para asseverar autonomia das unidades familiares inseridas em contextos altamente mercantilizados (GRISA, 2007b. p. 162).

O autor Gazolla (2004) também realizou um estudo, com o objetivo de “analisar o papel da produção para autoconsumo na agricultura familiar e as políticas públicas e iniciativas locais no território do Alto Uruguai no Rio Grande do Sul”. Ressaltou a importância do autoconsumo no que tange a segurança alimentar e nutricional para a população da região; que os processos de mercantilização e vulnerabilização na produção de alimentos ocorrem de forma justaposta e são estruturais na agricultura familiar do Alto Uruguai, desta forma fragilizam as condições de reprodução social e alimentar das famílias; as políticas públicas e as iniciativas locais são ambíguas, visto que valorizam o aprofundamento do padrão imposto de desenvolvimento, baseado em

*commodities* agrícolas, integração agroindustrial, porém em alguns casos também a produção de autoprovisionamento, ou seja, em grande medida reforçam a mercantilização e vulnerabilização da produção para consumo das famílias rurais (GAZOLLA, 2004).

A alteração dos processos produtivos, cada vez mais dedicados à monoculturas e a mercantilização social e econômica, produziram efeitos diversos na agricultura familiar da região, entre os quais se destaca a diferenciação social entre os agricultores familiares, a especialização produtiva, uma fragilização social, uma degradação das condições de vida, a vulnerabilização da produção para autoconsumo, entre outras consequências sociais, econômicas e produtivas (GAZOLLA, 2004, p. 275-276).

Em seu estudo, Contini et al., (2012) ressaltam, que com a produção de autoconsumo, a alimentação das famílias é mais saudável e nutritiva, possibilitando também o acesso regular aos alimentos, atendendo critérios da segurança alimentar e nutricional.

Outro autor que se dedicou a estudar o autoconsumo foi Duval (2009), com uma perspectiva sociológica no campo da agroecologia e do desenvolvimento rural, apresentando como principal objetivo “demonstrar o uso agrícola que as famílias fazem da terra, para produção de alimentos, baseado nos gostos e preferências adquiridos cultural e historicamente”.

Produzindo seus próprios alimentos, a unidade familiar é segura da procedência e qualidade dos produtos, devido à autonomia no processo produtivo. Com o abastecimento garantido, não haverá fome, conferindo segurança à família. Com a diversificação agrícola ocorrem melhores condições de acesso e disponibilidade a uma alimentação balanceada e nutritiva, que pode evitar vários tipos de doenças (DUVAL, 2009).

Em relação ao processo produtivo para autoconsumo, a diversificação representa uma ferramenta benéfica, visto que proporciona uma maior complexidade nas interações ecológicas, diminuição no risco de surgimento de pragas, bem como melhora na qualidade do solo e diminuição na utilização de insumos externos (DUVAL, 2009).

No assentamento rural, a produção de autoconsumo é uma dimensão de qualidade de vida, que não pode ser medida pela produtividade, mas sim pelas preferências e gostos familiares, pelo querer dos assentados. Neste sentido, o autor ressalta:

Na medida em que no assentamento se recriam novos espaços e novas identidades sociais, o *habitus* das pessoas interfere nessa construção e tem por base as antigas práticas culturais, como determinado hábito alimentar, o trabalho familiar na terra e a sociabilidade comunitária. A partir do prato de comida da família assentada, pode-se fazer uma leitura do seu arcabouço cultural, do trabalho de plantar, do conhecimento empírico do ecossistema, cultura que igualmente se manifesta na produção social do lugar, expressão do seu querer (DUVAL, 2009, p. 198).

Em estudo realizado com o propósito de “olhar e interpretar aspectos da condição atual do Sudoeste do Paraná”, buscou-se analisar as condições e os papéis desempenhados por organizações históricas da pequena agricultura, quanto à sua eficácia contraideológica. Nesta perspectiva o autor questiona quanto a possíveis diferenças, nas condições materiais e na forma de pensar, de agricultores que desenvolvem sua produção de forma integrada, regulados formalmente com empresas, e os que produzem para o mercado, negociando suas compras e vendas (DUARTE, 2012).

No que diz respeito ao autoconsumo, não foram encontradas diferenças significativas entre as duas condições, exceto com uma empresa integradora do setor avícola, que proíbe a criação de galinha caipira nas unidades familiares integradas. É relevante destacar que todos os agricultores participantes do estudo, demonstraram preocupação em produzir o seu próprio alimento. Os entrevistados também ressaltaram a relação do paladar, ao sabor específico dos alimentos produzidos e processados na unidade familiar, relacionando à história e às trajetórias familiares. Porém constatou-se, que tal memória alimentar, está sendo perdida pelos mais jovens, devido à elevação no consumo de produtos industrializados, seja no campo ou na cidade, sendo que nesta última está preferencialmente localizada a juventude na atualidade. Neste contexto, outro fato relevante é que nas cidades o preço dos alimentos

tradicionais e artesanais são desproporcionais, restritos a nichos de mercado (DUARTE, 2012).

No trabalho realizado por Meinen (2013), o enfoque foi analisar o autoconsumo e a sua relação com as questões de gênero na produção. Normalmente a produção para o consumo familiar é realizada nas proximidades da sede da propriedade. A produção de autoconsumo foi considerada pelos entrevistados deste estudo, um fator primordial para saúde, visto que a utilização de agrotóxicos é reduzida. Na realidade estudada, a principal finalidade do autoconsumo está relacionada à questão econômica e a produção é afetada apenas por fatores climáticos, principalmente a seca, ou problemas de saúde que impeçam os agricultores de produzirem. Também ressalta, desinteresse pela juventude em produzir os alimentos para o consumo, com a alegação que é mais fácil comprar os mesmos.

Nota-se que a produção para o autoconsumo é realizada preferencialmente por pessoas idosas, visto que estas não estão mais dedicadas à produção comercial. Na metade das propriedades participantes do estudo, este tipo de produção é realizada basicamente por mulheres, recebendo auxílio masculino apenas para ações que exijam maior esforço braçal. Quanto aos motivos em realizar a produção destinada ao consumo familiar, afirmam ser a necessidade, disponibilidade de tempo e o gosto pela produção. A diferenciação do trabalho pelo gênero ocorre devido à força necessária para o desenvolvimento das tarefas, porém as atividades domésticas são exclusivamente femininas, onde as mulheres possuem autonomia na tomada de decisões. Estas, além dos trabalhos domésticos, ajudam e muitas vezes trabalham lado a lado com os homens (MEINEN, 2013).

Para Chimello (2010), a produção de autoconsumo fortalece e melhora a qualidade de vida e diminui o êxodo rural de agricultores familiares. Esta produção representa uma estratégia relevante para a autonomia da agricultura familiar, além disso, é um elemento integrante no modo de vida rural, sendo assim, deve ser considerada instrumento potencial para o desenvolvimento social do campo. Diante disso, faz-se necessário um processo de retomada deste tipo de produção, principalmente com assistência técnica e incentivo de

políticas públicas que valorizem e apoiem o autoconsumo, para adoção de uma agricultura familiar sustentável.

A produção de autoconsumo é prevalente nas propriedades rurais, sendo que a intensidade em que é praticada é peculiar em cada local. Diante disso, alguns elementos podem ser considerados determinantes, como: tamanho da família; tamanho da propriedade; condições técnicas e produção agropecuária; fontes de renda; ser filho de agricultor; a etnia; proximidade com os mercados e o preço dos alimentos; influência dos meios de comunicação; eletrodomésticos disponíveis; e por fim, as políticas públicas (CHIMELLO, 2010).

Em sua pesquisa Fonini; Lima (2013) discutem estratégias contra hegemônicas na produção e consumo de alimentos e que fortalecem a relação entre sociedade e ambiente. Nesse sentido, consideram a agroecologia e a agrofloresta, uma de suas vertentes, como uma estratégia relevante e destacam o seu papel no maior grau de autonomia das famílias de agricultores, principalmente das mulheres, nas relações sociais, na reconstituição das relações sociais contribuindo para a manutenção de práticas tradicionais, resgate da relação entre homem e natureza, como alternativa ao modelo hegemônico de produção de alimentos, com relação importante na Segurança e Soberania Alimentar e Nutricional local. Assim, as agroflorestas vão ao encontro das premissas de uma agricultura sustentável, sendo que o alimento e a alimentação representam elementos de ligação na relação ser humano e natureza.

Diante do referencial teórico apresentado, nota-se a relevância que esta temática apresenta e que justifica a proposta de estudo presente, com questões que podem contribuir para ampliação das discussões na literatura, através de uma abordagem metodológica que evidencia as representações sociais compartilhadas pelo grupo de sujeitos e que ressalta a atuação da agricultura familiar da microrregião de Capanema no que diz respeito a produção de alimentos para autoconsumo.

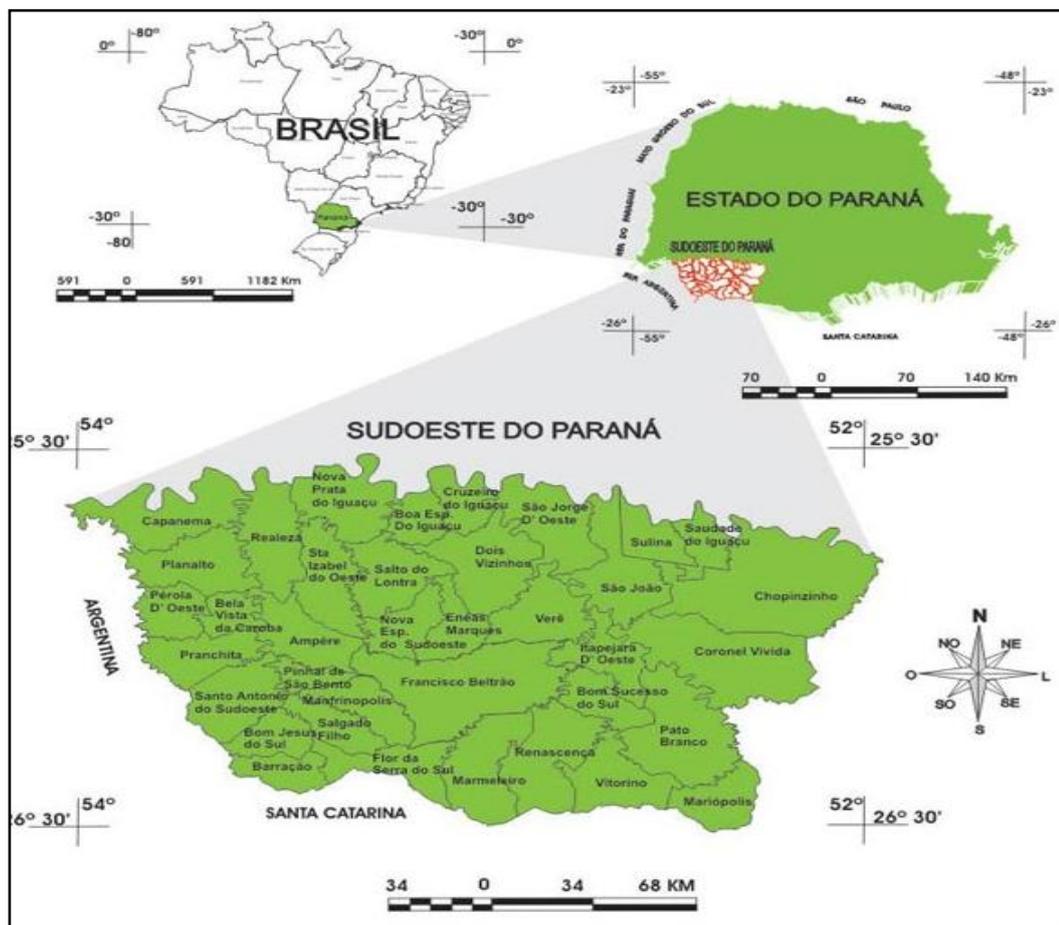
## CAPÍTULO 4

### A MICRORREGIÃO DE CAPANEMA NO SUDOESTE DO PARANÁ: UM CENÁRIO DA AGRICULTURA FAMILIAR

Este capítulo tem por objetivo caracterizar o local de estudo e os sujeitos da pesquisa. Trata-se de um estudo desenvolvido na microrregião (MRG) de Capanema, localizada na mesorregião Sudoeste do Estado do Paraná, região sul do Brasil. A microrregião é formada pelos municípios de Ampére, Bela Vista da Caroba, Capanema, Pérola D'Oeste, Planalto, Pranchita, Realeza e Santa Izabel do Oeste. Esta região foi escolhida pelo fato: (1) Possuir no meio rural um padrão de trabalho essencialmente familiar; (2) A agricultura familiar representa uma parcela da sociedade que preserva características típicas em sua trajetória de transformação e adaptação no decorrer dos anos, que são expressivas entre os povos que ocupam a região de estudo; (3) Presença de agricultores agroecológicos certificados pela Rede Ecovida, com produção orgânica de grãos também certificada e acompanhados por uma empresa do ramo e produtores avicultores integrados a empresas da região (3) Estudar a produção de alimentos para autoconsumo, possibilita identificar as relações entre os alimentos e as categorias sociais, construindo uma identidade histórica e social das práticas alimentares para autoconsumo dos sujeitos desta região, que apresenta escassez de estudos neste sentido. Na figura 01, pode-se observar a localização desta região na geografia do Estado do Paraná e Brasil.

A microrregião apresenta uma área territorial de 2.319,621 km<sup>2</sup>, o que representa 1,16% do território estadual. São divisas desta microrregião: Argentina, a oeste; Microrregião de Francisco Beltrão, ao sul e a leste; Região Oeste do Paraná, ao norte. Esta região representa um importante corredor de comercialização de produtos entre as regiões noroeste de Santa Catarina e Sudoeste do Paraná, sobretudo pela BR 163. O sistema de minifúndio e agricultura familiar predominante nesta região resulta essencialmente da influência de migração italiana e alemã (IFPR, 2014).

**Figura 1 - Mapa Sudoeste do Paraná.**



Fonte: IBGE, 2000. Elaboração: Marcos Leandro Mondardo, 2006.

#### **4.1 Histórico do Sudoeste do Paraná – Microrregião de Capanema.**

No estado do Paraná, as áreas pertencentes ao oeste e sudoeste apresentaram as últimas políticas de povoamento, inicialmente começando a ser ocupadas entre 1900 e 1920. Estes locais chamavam a atenção em virtude das atividades extrativistas, tais como coleta de erva mate e corte de madeira e também pela abundância de terras nunca ocupadas efetivamente (ALVES et al., 2004).

A região Sudoeste do Paraná teve a construção de seus limites juntamente com a ocupação desta área pelos caboclos. Oficialmente o território

era do Governo Federal, porém os caboclos tomaram posse de pequenas áreas. Demarcando as propriedades com árvores e facões, eles desenvolviam algumas atividades, o que oportunizou a formação de uma pequena capitalização, com a comercialização de erva mate e de couro de animais silvestres. O caboclo passou então, a investir em suínos, fazendo a engorda no mato ou em mangueirões, utilizando roças de milho. Desta forma, intensificava-se a movimentação de produtos nas rotas que ligavam o Sudoeste às demais regiões do estado, saindo suínos e entrando outras mercadorias indispensáveis à sobrevivência, assim como dinheiro que era destinado à continuidade dos investimentos iniciados (ORTOLAN, 2006).

O contexto de ocupação deste território contribuiu para a chegada de paraguaios e argentinos no local. Assim, o Estado passou a fazer concessões de terras públicas a companhias colonizadoras. A consolidação da colonização do Sudoeste sofreu influência de uma operação denominada de “Marcha para o Oeste”, no governo de Getúlio Vargas, a partir do anos 1940. Em 1943, foi criada a Colônia Agrícola Nacional General Osório (CANGO), com uma política de colonização pautada em pequenas propriedades rurais. Além da doação de lotes de chão aos colonos, o CANGO apresentava uma especificidade, fornecia ferramentas, assistência médica, sementes, etc., diferente de outras colônias agrícolas (ALVES et al., 2004).

Dessa forma, o território do Sudoeste sofreu influência das relações de poder iniciadas pelos caboclos e ao longo dos anos seguintes, pelos povos migrantes que habitaram a região (ORTOLAN, 2006). Nesse período, houve um intenso processo de colonização e transformações territoriais na região, com a chegada de migrantes descendentes de italianos, alemães e poloneses, oriundos principalmente de Santa Catarina e Rio Grande do Sul. Com o processo de migração, reproduzia-se no território elementos e características do modo de vida desses povos e de seus ancestrais, como: religiosidade, alimentação, dialeto, produção de alimentos e matérias primas, entre outras peculiaridades mantidas no cotidiano, bem como de novas relações e valores, que desenvolveram novos vínculos e identidades. Ressalta-se também que os migrantes gaúchos e catarinenses reproduziram no Sudoeste atividades

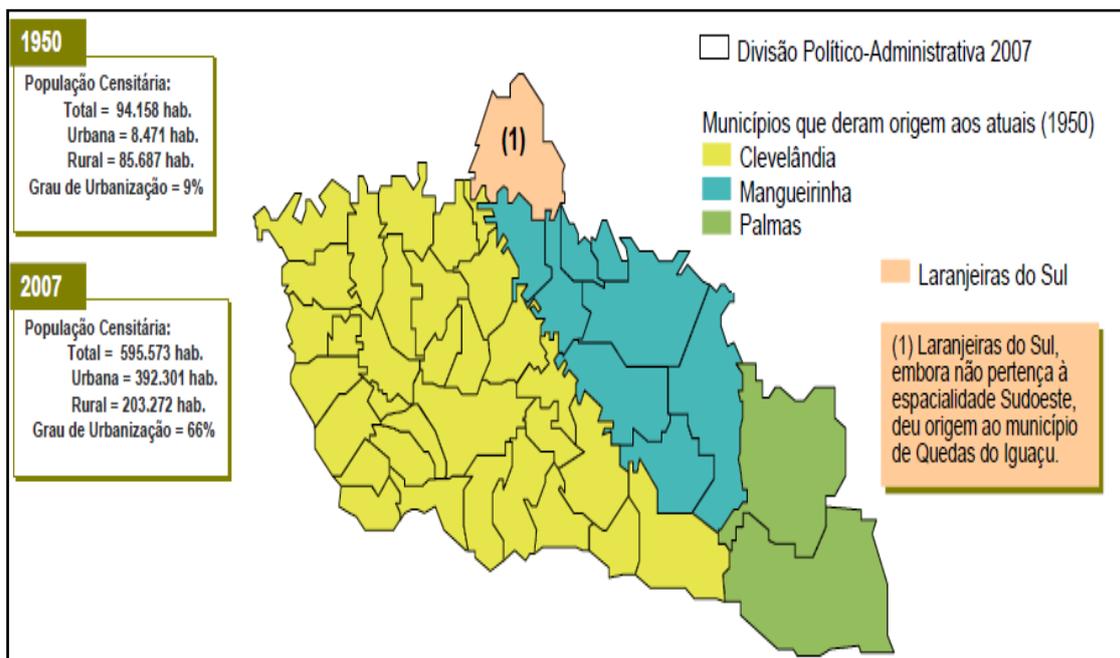
centradas em policultivos para subsistência e organização do trabalho familiar (BRISKIEVICZ, 2010).

Durante a colonização do Sudoeste do Paraná, na década de 1940, a produção agrícola era destinada ao autoconsumo, com a venda de algum excedente, o que possibilitava a aquisição de produtos que não eram produzidos na unidade familiar. A partir da década de 1950, muda-se o foco, principalmente dos recém migrados, e a produção passa a objetivar a comercialização. Sendo que a suinocultura representa a principal atividade, e a produção de milho e mandioca para produção de ração (SANTOS, 2008).

Até 1950, o Sudoeste do Paraná era formado por apenas três municípios (Clevelândia, Mangueirinha e Palmas), e parte do município de Laranjeiras do Sul (porção referente ao município de Quedas do Iguaçu). A partir destes territórios, foram desmembrados os municípios que atualmente compõem nossa divisão político administrativa, como pode ser observado na figura 2 . (IPARDES, 2009).

Entre os anos de 1950 e 2000, aconteceu um processo contínuo de desmembramento, com sucessivas fragmentações na divisão político administrativa do território, originando 40 novos municípios, sendo no final deste período um total 43, como pode ser observado até os dias atuais (figura 3).

**Figura 2 - Território do Sudoeste Paranaense (PR), 1950.**

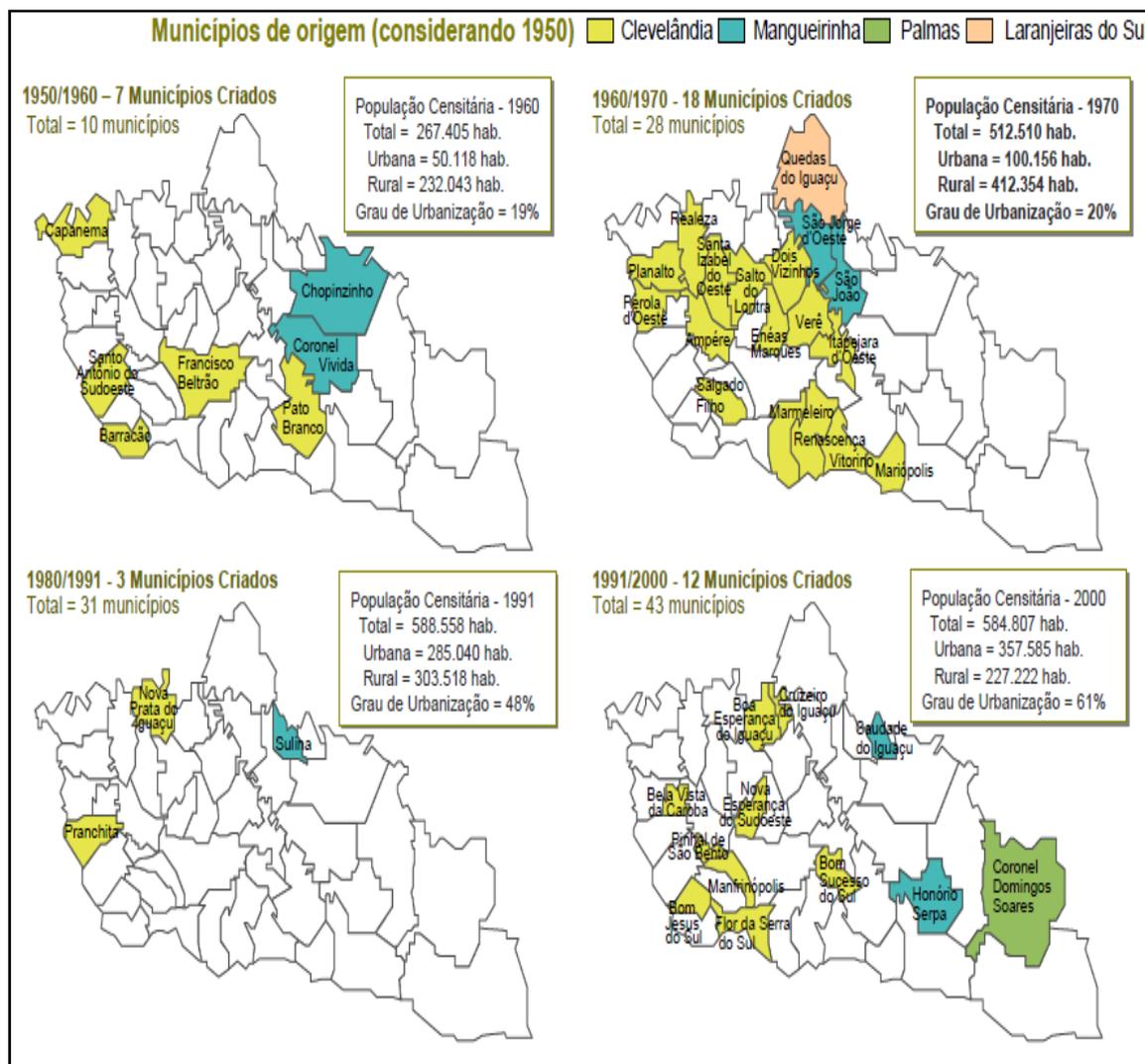


Fonte: IPARDES (2009).

Posteriormente, nas décadas de 1960 e 1970, devido uma série de fatores (fertilidade dos solos; produção de excedentes agrícolas; instalação de uma estrutura viária; regularização da posse de terras, etc) propiciou um processo continuado de modernização e intensificação da base produtiva, como pode ser observado até nos dias de hoje (IPARDES, 2009).

Durante o período citado acima, a formação de associações e cooperativas de produtores viabilizou a acesso a alguns determinantes (crédito, máquinas, insumos, armazenagem e comercialização dos excedentes das safras), fato que repercutiu na inserção desses produtores no mercado do agronegócio, ultrapassando o nível regional (IPARDES, 2009).

**Figura 3 - Divisão político administrativa do Sudoeste do Paraná (PR) – municípios criados entre os anos de 1950 e 2000.**



Fonte: IPARDES (2009).

## 4.2 Demografia e densidade demográfica

A população censitária no ano de 2010, correspondente ao território da microrregião de Capanema, era de 95.292 habitantes, o que representa 0,91% da população do Paraná. Da população deste território, 57.525 habitantes concentram-se na área urbana e 37.767 na área rural. Segundo o Ipardes, a população projetada desta microrregião é de 98.051 habitantes em 2020, 97.104 em 2025 e 95.503 em 2030. A tabela 1 apresenta os dados da

demografia da microrregião de Capanema, nos anos de 1991, 2000 e 2010 (IPARDES, 2016).

**Tabela 1 - População Censitária municipal da microrregião de Capanema (PR), 1991, 2000, 2010.**

Local	População Censitária Total			População Censitária Feminina			População Censitária Masculina		
	1991	2000	2010	1991	2000	2010	1991	2000	2010
Ampére	13.213	15.623	17.308	6.605	7.861	8.722	6.608	7.762	8.586
Bela Vista da Caroba	-	4.503	3.945	-	2.125	1.927	-	2.378	2.018
Capanema	19.368	18.239	18.526	9.570	9.064	9.366	9.798	9.175	9.160
Pérola D'Oeste	12.255	7.354	6.761	5.951	3.597	3.360	6.304	3.757	3.401
Planalto	15.092	14.122	13.654	7.480	6.921	6.805	7.612	7.201	6.849
Pranchita	8.604	6.260	5.628	4.167	3.114	2.812	4.437	3.146	2.816
Realeza	17.146	16.023	16.338	8.661	8.071	8.334	8.485	7.952	8.004
Santa Izabel do Oeste	12.510	11.711	13.132	6.178	5.836	6.504	6.332	5.875	6.628
MRG de Capanema	98.188	93.835	95.292	48.612	46.589	47.830	49.576	47.246	47.462

Fonte: IPARDES. Tabulações da autora. Variação em relação ao censo anterior: Positiva, Negativa

A partir dos dados apresentados na tabela anterior, pode-se verificar a variação da população nos locais citados (Tabela 2).

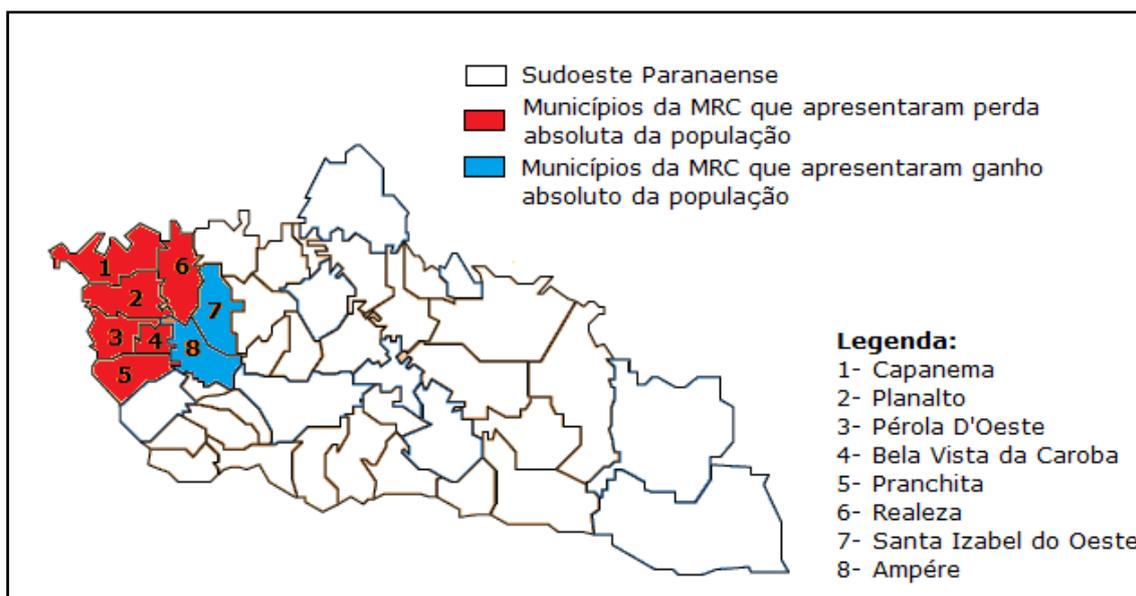
**Tabela 2 - Variação da população total, nos municípios da microrregião de Capanema (PR), entre 1991 e 2010.**

MUNICÍPIOS	Variação População Censitária Total		Variação da População Censitária Feminina		Variação da População Censitária Masculina	
	Absoluta	Relativa	Absoluta	Relativa	Absoluta	Relativa
Ámpére	4095	30,9%	2117	32,0%	1978	29,9%
Bela Vista da Caroba*	-558	-12,39%	-198	-9,3%	-360	-15,1%
Capanema	-842	-4,34%	-204	-2,1%	-638	-6,5%
Pérola D'Oeste	-5494	-44,8%	-2591	-43,5%	-2903	-46,0%
Planalto	-1438	-9,52%	-675	-9,0%	-763	-10,0%
Pranchita	-2976	-34,5%	-1355	-32,5%	-1621	-36,5%
Realeza	-808	-4,7%	-327	-3,7%	-481	-5,6%
Santa Izabel do Oeste	622	4,9%	326	5,2%	296	4,6%
MRG de Capanema	-2896	-2,9%	-782	-1,6%	-2114	-4,2%

Fonte: IPARDES. Tabulações da autora. \*A variação populacional do município de Bela Vista da Caroba é referente aos anos de 2000 a 2010, visto que não possui dados do censo de 1991.

Nota-se que apenas os municípios de Ampére e Santa Izabel do Oeste apresentaram uma variação positiva no período estudado, de 30,9% e 4,9 % respectivamente. Nos demais, a variação negativa foi de -4,34% a -44,8%, sendo que a microrregião de Capanema apresenta como média -2,9%. Na figura 4, podemos visualizar a localização dos municípios com perda e ganho de população.

**Figura 4 - Variação da população total, nos municípios da Microrregião de Capanema (PR), entre 1991 e 2010.**



Fonte: IPARDES. Elaboração da autora.

Ainda em relação à variação populacional municipal, destaque para o município de Bela Vista da Caroba, Pérola D'Oeste e Pranchita em que o decréscimo é superior a 10%.

Quanto à densidade demográfica, este é o indicador que mostra como a população se distribui pelo território, sendo determinada pela razão entre a população e a área territorial de uma determinada região. Este índice é utilizado para verificar a intensidade de ocupação de um território. Em seguida, pode-se observar a densidade demográfica dos municípios estudados (IPARDES, 2016).

**Tabela 3 - Área territorial e densidade demográfica da Microrregião de Capanema (PR), 2000, 2005, 2010, 2015.**

Localidade	Área Territorial (km <sup>2</sup> )	Densidade Demográfica (hab/km <sup>2</sup> )			
		2000	2005	2010	2015
Ampére	296,751	52,65	57,74	58,32	62,65
Bela Vista da Caroba	149,135	30,19	27,87	26,45	25,8
Capanema	419,403	43,49	41,8	44,17	45,96
Pérola d'Oeste	206,693	35,58	31,82	32,71	32,64
Planalto	344,688	40,97	39,21	39,61	40,4
Pranchita	225,535	27,76	25,12	24,95	24,64
Realeza	355,199	45,11	43,13	46	47,93
Santa Izabel do Oeste	322,217	36,35	34,79	40,76	43,96
MRG de Capanema	2.319,621	40,45	39,28	41,08	42,74
Estado do Paraná	199.880,200	47,85	51,34	52,25	55,85

Fonte: IPARDES. Tabulações da autora.

Pode-se observar que o município de Capanema é o maior em extensão territorial, seguido de Realeza, Planalto, Santa Izabel do Oeste, Ampére, Pranchita, Pérola D'Oeste e Bela Vista da Caroba. Quanto à densidade demográfica média da microrregião de Capanema, esta apresenta-se inferior a média estadual, no período analisado.

#### 4.3 População: urbana e rural

No que diz respeito à distribuição da população no meio urbano e rural, nota-se que a maioria dos municípios apresentam uma população maior no meio urbano, com exceção de Bela Vista da Caroba, Pérola D'Oeste e Planalto, como pode ser observado na tabela 4. Quando analisamos esta distribuição segundo o sexo, observa-se que no meio urbano a maioria das pessoas são do sexo feminino, já no meio rural a maior parte dos indivíduos é do sexo masculino.

**Tabela 4 - População segundo tipo de domicílio e gênero da Microrregião de Capanema (PR), 2010.**

MUNICÍPIOS	População Urbana			População Rural		
	Total	Feminina	Masculina	Total	Feminina	Masculina
Ampére	13.257	6.775	6.482	4.051	1.947	2.104
Bela Vista da Caroba	1.041	543	498	2.904	1.384	1.520
Capanema	11.150	5.811	5.339	7.376	3.555	3.821
Pérola D'Oeste	3.187	1.647	1.540	3.574	1.713	1.861
Planalto	6.068	3.207	2.861	7.586	3.598	3.988
Pranchita	3.605	1.830	1.775	2.023	982	1.041
Realeza	11.796	6.112	5.684	4.542	2.222	2.320
Santa Izabel do Oeste	7.421	3.790	3.631	5.711	2.714	2.997
MRG Capanema	57.525	29.715	27.810	37.767	18.115	19.652

Fonte: IPARDES. Tabulações da autora.

#### 4.4 Índice de Desenvolvimento Humano Municipal (IDH-M) dos municípios da Microrregião de Capanema

A microrregião de Capanema apresenta municípios com um histórico ascendente para o Índice de Desenvolvimento Humano, este que é um indicador positivo para esta medida, (tabela 5). Pode-se notar que as três dimensões que compõem este índice apresentam esta mesma característica.

Em relação às faixas de classificação, os municípios, no ano de 2010, apresentam-se com alto índice de desenvolvimento humano, com exceção de Bela Vista da Caroba e Santa Isabel do Oeste que estavam na faixa média. Vale ressaltar que no ano de 1991, todas as cidades que compõem a microrregião, apresentavam a classificação de muito baixo desenvolvimento. Quanto à posição ocupada no *Ranking* Estadual, esta se apresentou variável no período estudado, pois alguns municípios possuem trajetória ascendente em sua posição, como Bela Vista da Caroba, Planalto e Pranchita, outros descendente como Capanema e Realeza. Os municípios de Ampére e Santa Izabel do Oeste melhoraram seu posicionamento no *ranking* entre os anos de 1991 e 2000, porém apresentaram um declínio no ano de 2010. Já o município de Pérola D'Oeste, apresentou uma característica contrária aos citados anteriormente, pois entre os anos de 1991 e 2000 teve um declínio no ranking e posteriormente, no ano de 2010, um melhor posicionamento, superior ao ano

de 1991. Outro aspecto interessante a ser observado é que a nível nacional o estado do Paraná manteve a posição de 6º lugar nos anos de 1991 e 2000, passando para 5ª posição no ano de 2010.

**Tabela 5 - Índice de Desenvolvimento Humano Municipal<sup>8</sup> (IDH-M ) da Microrregião de Capanema (PR), 1991, 2000, 2010.**

Município	IDH-M <i>Ranking Estadual/ Nacional</i>			IDHM - Longevidade			IDHM - Educação			IDHM - Renda		
	1991	2000	2010	1991	2000	2010	1991	2000	2010	1991	2000	2010
<b>Ampére</b>	0,419 247º	0,615 140º	0,709 184º	0,69	0,769	0,824	0,203	0,462	0,62	0,524	0,654	0,699
<b>Bela Vista da Caroba</b>	0,351 347º	0,545 321º	0,681 295º	0,69	0,774	0,828	0,132	0,382	0,572	0,473	0,546	0,667
<b>Capanema</b>	0,488 83º	0,607 166º	0,706 199º	0,721	0,737	0,801	0,29	0,467	0,611	0,555	0,651	0,719
<b>Pérola D'Oeste</b>	0,462 138º	0,603 177º	0,726 94º	0,72	0,77	0,809	0,235	0,479	0,679	0,581	0,593	0,697
<b>Planalto</b>	0,424 231º	0,586 229º	0,706 199º	0,703	0,733	0,786	0,213	0,45	0,636	0,51	0,611	0,704
<b>Pranchita</b>	0,429 221º	0,638 84º	0,752 27º	0,726	0,761	0,821	0,191	0,505	0,696	0,571	0,675	0,743
<b>Realeza</b>	0,490 79º	0,639 80º	0,722 115º	0,703	0,774	0,83	0,28	0,512	0,63	0,597	0,658	0,72
<b>Santa Izabel do Oeste</b>	0,398 287º	0,587 226º	0,696 249º	0,696	0,769	0,826	0,179	0,417	0,603	0,507	0,632	0,677
<b>Estado do Paraná</b>	0,507 6º (*)	0,65 6º(**)	0,749 5º(***)	0,679	0,747	0,83	0,298	0,522	0,668	0,644	0,704	0,757

Fonte: IPARDES. PNUD, Atlas de Desenvolvimento Humano no Brasil. Tabulações da autora. (\*) O DF foi o primeiro, seguido de SP, RJ, SC, RS. (\*\*)O DF foi o primeiro, seguido de SP, SC, RS, RJ. (\*\*\*)O DF foi o primeiro, seguido de SP, SC, RJ.

<sup>8</sup> Segundo PNUD (2016), o Índice de Desenvolvimento Humano Municipal varia de 0 a 1, sendo que quanto mais próximo de 1 maior é o desenvolvimento humano. Este índice é composto por três dimensões: longevidade (oportunidade de viver uma vida longa e saudável), educação (ter acesso ao conhecimento) e renda (ter um padrão de vida que garanta as necessidades básicas). O IDH-M objetiva oferecer um contraponto a outro indicador muito aplicado, o Produto Interno Bruto per capita. Este que considera apenas a dimensão econômica do desenvolvimento. O IDH-M foi criado por Mahbub Ul Haq, com colaboração de Amartya Sen. A classificação do desenvolvimento humano é realizada em faixas: muito baixo (0,000 a 0,499), baixo (0,500 a 0,599), médio (0,600 a 0,699), alto (0,700 a 0,799), muito alto (0,800 a 1,000).

#### 4.5 Índice IPARDES de Desenvolvimento Municipal (IPDM)

O Índice IparDES de Desempenho Municipal (IPDM) avalia a situação dos municípios paranaenses, considerando, com igual ponderação, as três principais áreas de desenvolvimento econômico e social : I) emprego, renda e produção agropecuária; II) educação; III) saúde.

O índice da dimensão saúde é formado pelas seguintes variáveis: número de consultas pré-natais; óbitos infantis por causas evitáveis e óbitos por causas mal-definidas. Na área da educação, as variáveis mensuradas<sup>9</sup> são: taxa de matrícula na educação infantil; taxa de abandono escolar; taxa de distorção idade-série; percentual de docentes com ensino superior; resultado do IDEB. As variáveis relacionadas à dimensão Emprego, Renda e Produção Agropecuária são: salário médio, emprego formal e renda da agropecuária.

O desempenho municipal é expresso por um índice cujo valor varia entre 0 e 1, sendo que, quanto mais próximo de 1, maior o nível de desempenho do município com relação ao referido indicador ou o índice final. Na tabela 6, é demonstrado o índice IPDM dos municípios da microrregião de Capanema e suas variáveis.

---

<sup>9</sup> No IPDM, as variáveis mensuradas na área da educação consideram as seguintes modalidades de ensino: 1ª a 4ª série / 1º a 5º ano; 5ª a 8ª série / 6º a 9º ano e ensino médio. Exceto a variável “resultado do IDEB”, que avalia 1ª a 4ª série / 1º a 5º ano e 5ª a 8ª série / 6º a 9º ano.

**Tabela 6 - Índice Iparades de Desenvolvimento Municipal<sup>10</sup> da Microrregião de Capanema (PR), 2002, 2009, 2013.**

Localidade	Índice Iparades de Desenvolvimento Municipal (IPDM)	2002	2009	2013
Ampére	<b>IPDM</b>	<b>0,5784 (**)</b>	<b>0,6854 (***)</b>	<b>0,7746 (***)</b>
	<i>Emprego, Renda e Prod. Agropecuária</i>	0,4521 (**)	0,5303 (**)	0,6233 (***)
	<i>Educação</i>	0,658 (***)	0,7554 (***)	0,8319 (****)
	<i>Saúde</i>	0,6252 (***)	0,7705 (***)	0,8688 (****)
Bela Vista da Caroba	<b>IPDM</b>	<b>0,5113 (**)</b>	<b>0,6713 (***)</b>	<b>0,6365 (***)</b>
	<i>Emprego, Renda e Prod. Agropecuária</i>	0,4355 (**)	0,4546 (**)	0,3579 (*)
	<i>Educação</i>	0,483 (**)	0,7499 (***)	0,7874 (***)
	<i>Saúde</i>	0,6153 (***)	0,8095 (****)	0,7642 (***)
Capanema	<b>IPDM</b>	<b>0,5513 (**)</b>	<b>0,7057 (***)</b>	<b>0,7356 (***)</b>
	<i>Emprego, Renda e Prod. Agropecuária</i>	0,4531 (**)	0,5254 (**)	0,664 (***)
	<i>Educação</i>	0,6823 (***)	0,7832 (***)	0,8304 (****)
	<i>Saúde</i>	0,5185 (**)	0,8085 (****)	0,7123 (***)
Pérola D'Oeste	<b>IPDM</b>	<b>0,5429 (**)</b>	<b>0,6401 (***)</b>	<b>0,7056 (***)</b>
	<i>Emprego, Renda e Prod. Agropecuária</i>	0,3797 (*)	0,3879 (*)	0,425 (**)
	<i>Educação</i>	0,6173 (***)	0,7838 (***)	0,7919 (***)
	<i>Saúde</i>	0,6316 (***)	0,7486 (***)	0,8998 (****)
Planalto	<b>IPDM</b>	<b>0,5633 (**)</b>	<b>0,6669 (***)</b>	<b>0,7227 (***)</b>
	<i>Emprego, Renda e Prod. Agropecuária</i>	0,3568 (*)	0,4154 (**)	0,440 (**)
	<i>Educação</i>	0,5953 (**)	0,8213 (****)	0,8085 (****)
	<i>Saúde</i>	0,7378 (***)	0,7639 (***)	0,9197 (****)
Pranchita	<b>IPDM</b>	<b>0,6114 (***)</b>	<b>0,6767 (***)</b>	<b>0,730 (***)</b>
	<i>Emprego, Renda e Prod. Agropecuária</i>	0,3908 (*)	0,4415 (**)	0,5063 (**)
	<i>Educação</i>	0,6398 (***)	0,8361 (****)	0,8359 (****)
	<i>Saúde</i>	0,8035 (****)	0,7526 (***)	0,8478 (****)
Realeza	<b>IPDM</b>	<b>0,6199 (***)</b>	<b>0,7407 (***)</b>	<b>0,7362 (***)</b>
	<i>Emprego, Renda e Prod. Agropecuária</i>	0,4226 (**)	0,4698 (**)	0,5404 (**)
	<i>Educação</i>	0,6446 (***)	0,8635 (****)	0,883 (****)
	<i>Saúde</i>	0,7926 (***)	0,8888 (****)	0,7851 (***)
Santa Izabel do Oeste	<b>IPDM</b>	<b>0,6321 (**)</b>	<b>0,7164 (***)</b>	<b>0,7354 (***)</b>
	<i>Emprego, Renda e Prod. Agropecuária</i>	0,3787 (*)	0,4501 (**)	0,4749 (**)
	<i>Educação</i>	0,6835 (***)	0,7863 (***)	0,7882 (***)
	<i>Saúde</i>	0,8342 (****)	0,913 (****)	0,9432 (****)

Fonte: IPARDES. Tabulações da autora.

<sup>10</sup> Com base no valor do IPDM os municípios são classificados em quatro grupos: baixo desempenho (\*) (0,000 a < 0,400); médio baixo desempenho (\*\*) (0,400 a < 0,600); médio desempenho (\*\*\*) (0,600 a < 0,800); e alto desempenho (\*\*\*\*) (0,800 a 1,000).

Na tabela anterior pode-se observar a evolução do IPDM na microrregião de Capanema. Nota-se que no ano de 2013, que dos dados disponíveis são os mais atualizados, todos os municípios estão classificados com médio desempenho. No ano de 2012, primeira avaliação realizada para este índice, apenas Pranchita, Realeza e Santa Izabel do Oeste apresentavam-se na classificação média, os demais eram classificados com médio baixo desempenho. Quanto as variáveis, todos os municípios apresentam índices com classificação de médio e alto desempenho, para educação e saúde. A variável emprego, renda e produção agropecuária, que apresenta-se com classificação inferior na maioria dos municípios, de baixo desempenho e médio baixo desempenho. Apenas os municípios de Ampére e Capanema, apresentaram classificação de médio desempenho para esta variável.

#### 4.6 Estrutura Fundiária

Observa-se na Tabela 7, que o número de estabelecimentos agropecuários na microrregião de Capanema no ano de 2006 é de 11853 e a área ocupada representa 207.467 hectares, sendo a média 17,50 hectares por estabelecimento. Na tabela 8, nota-se à condição dos produtores em relação às terras.

**Tabela 7 - Número e área dos estabelecimentos por estratos de área na Microrregião de Capanema (PR), 2006.**

Estratos de área (ha)	Estabelecimentos		Área ( ha)		Média área estabel. (ha)*
	Total	% *	Total	% *	
<b>Menos de 2</b>	1060	9	772	0,4	0,72
<b>2 a menos de 5</b>	2146	18,1	7931	3,9	3,69
<b>5 a menos de 10</b>	2989	25,2	22548	10,9	7,54
<b>10 a menos de 20</b>	3196	27	45104	21,7	14,11
<b>20 a menos de 50</b>	1849	15,6	54468	26,1	29,45
<b>50 a menos de 100</b>	424	3,6	29074	14	68,57
<b>100 e mais</b>	189	1,5	47572	23	251,70
<b>Total</b>	<b>11853</b>	<b>100</b>	<b>207467</b>	<b>100</b>	<b>17,50</b>

Fonte: IBGE, Censo Agropecuário 2006. (\*) Tabulações da autora.

**Tabela 8 - Condição dos produtores agropecuários e área territorial ocupada na Microrregião de Capanema (PR), 2006.**

Local	Condição	Nº estab.	Área (ha)	Média área (ha)
<b>Ampére</b>	Proprietário	1.191	23.668	19,87
	Assentado sem Titulação Definitiva	1	...	...
	Arrendatário	21	313	14,90
	Parceiro	25	746	29,84
	Ocupante	88	807	9,17
	Produtor sem Área <sup>11</sup>	22	...	...
<b>Bela Vista da Caroba</b>	Proprietário	718	10.933	15,22
	Assentado sem Titulação Definitiva	...	...	...
	Arrendatário	86	1.005	11,68
	Parceiro	45	395	8,77
	Ocupante	50	413	8,26
	Produtor sem Área	5	...	...
<b>Capanema</b>	Proprietário	1.900	29.607	15,58
	Assentado sem Titulação Definitiva	1	...	...
	Arrendatário	220	2.409	10,95
	Parceiro	96	1134	11,81
	Ocupante	171	1530	8,94
	Produtor sem Área	20	...	...
<b>Pérola d'Oeste</b>	Proprietário	1.081	14.244	13,17
	Assentado sem Titulação Definitiva	1	...	...
	Arrendatário	120	1.147	9,55
	Parceiro	61	628	10,29
	Ocupante	69	375	5,43
	Produtor sem Área	140	...	...
<b>Planalto</b>	Proprietário	2.040	28.295	13,87
	Assentado sem Titulação Definitiva	3	5	1,66
	Arrendatário	173	1.743	10,07
	Parceiro	53	451	8,50
	Ocupante	109	943	8,65
	Produtor sem Área	28	...	...
<b>Pranchita</b>	Proprietário	605	20.138	33,28
	Assentado sem Titulação Definitiva	...	...	...
	Arrendatário	39	787	20,17
	Parceiro	25	487	19,48
	Ocupante	37	268	7,24
	Produtor sem Área	18	...	...
<b>Realeza</b>	Proprietário	1.160	28.907	24,91
	Assentado sem Titulação Definitiva	13	11	0,84
	Arrendatário	119	1.748	14,68
	Parceiro	30	482	16,06
	Ocupante	126	1.219	9,67
	Produtor sem Área	50	...	...
<b>Santa Izabel do Oeste</b>	Proprietário	1.209	30.458	25,19
	Assentado sem Titulação Definitiva	1	...	...
	Arrendatário	71	1.076	15,15
	Parceiro	35	619	17,68
	Ocupante	60	439	7,31
	Produtor sem Área	49	...	...

Fonte: IPARDES. Tabulações da autora. Média área (ha): por estabelecimento.

<sup>11</sup> Produtor sem área: produtor com produção (vegetal ou de origem animal) sem deter área específica para a produção, na data de referência. Uso de área para a atividade de criação / produção agropecuária de pessoal empregado no mesmo estabelecimento em área sujeita à administração do produtor / proprietário.

A categoria de proprietário é a que representa a maior parte dos estabelecimentos e também a maior área territorial. A seguir, é apresentado a classificação dos estabelecimentos conforme a atividade econômica.

**Tabela 9 - Estabelecimentos agropecuários<sup>12</sup> segundo a atividade econômica nos municípios da Microrregião de Capanema (PR), 2006.**

Localidade	Variável	Lav. Temporária	Horticultura e Floricultura	Lav. Permanente	Sementes, Mudas, prop. vegetal	Pecuária e outros	Florestas Plantadas	Florestas Nativas	Pesca	Aquicultura
Ampére	Nº	425	28	24	...	847	14	2	...	8
		<b>31,52%</b>	<b>2,07%</b>	<b>1,78%</b>	..	<b>62,83%</b>	<b>1,03%</b>	<b>0,14%</b>	...	<b>0,59%</b>
Bela Vista da Caroba	Ha	6.977	356	266	...	17601	184	...	...	142
		<b>27,32%</b>	<b>1,39%</b>	<b>1,04%</b>	...	<b>68,93%</b>	<b>0,72%</b>	...	...	<b>0,55%</b>
Capanema	Nº	469	4	4	...	407	11	8	...	1
		<b>51,88%</b>	<b>0,44%</b>	<b>0,44%</b>	...	<b>45,02%</b>	<b>1,21%</b>	<b>0,88%</b>	...	<b>0,11%</b>
Pérola D'Oeste	Ha	Ha	288	49	...	6350	133	66	...	...
		<b>45,94%</b>	<b>2,25%</b>	<b>0,38%</b>	...	<b>49,81%</b>	<b>1,04%</b>	<b>0,51%</b>	...	...
Planalto	Nº	1203	39	5	1	1154	4	1	1	...
		<b>49,95%</b>	<b>1,61%</b>	<b>0,20%</b>	<b>0,04%</b>	<b>47,92%</b>	<b>0,16%</b>	<b>0,04%</b>	<b>0,04%</b>	...
Pranchi	Ha	18712	353	18	...	15516	57	...	...	...
		<b>53,95%</b>	<b>1,01%</b>	<b>0,05%</b>	...	<b>44,73%</b>	<b>0,16%</b>	...	...	...
Realiza	Nº	784	64	11	1	600	...	12	...	...
		<b>53,26%</b>	<b>4,34%</b>	<b>0,74%</b>	<b>0,06%</b>	<b>40,76%</b>	...	<b>0,81%</b>	...	...
Santa Izabel do	Ha	10824	108	3	...	5400	...	62	...	...
		<b>65,99%</b>	<b>0,65%</b>	<b>0,01%</b>	...	<b>32,92%</b>	...	<b>0,37%</b>	...	...
MRC	Nº	1309	42	9	3	1005	25	8	...	5
		<b>54,40%</b>	<b>1,74%</b>	<b>0,37%</b>	<b>0,12%</b>	<b>41,77%</b>	<b>1,03%</b>	<b>0,33%</b>	...	<b>0,20%</b>
MRC	Ha	17464	434	106	38	12893	391	62	...	51
		<b>55,55%</b>	<b>1,38%</b>	<b>0,33%</b>	<b>0,12%</b>	<b>41,01%</b>	<b>1,24%</b>	<b>0,19%</b>	...	<b>0,16%</b>
MRC	Nº	445	10	3	1	247	6	10	...	2
		<b>61,46%</b>	<b>1,38%</b>	<b>0,41%</b>	<b>0,13%</b>	<b>34,11%</b>	<b>0,82%</b>	<b>1,38%</b>	...	<b>0,27%</b>
MRC	Ha	15729	30	31	...	5458	141	269	...	...
		<b>72,55%</b>	<b>0,13%</b>	<b>0,14%</b>	...	<b>25,17%</b>	<b>0,65%</b>	<b>1,24%</b>	...	...
MRC	Nº	599	37	25	2	827	5	3	...	...
		<b>39,98%</b>	<b>2,46%</b>	<b>1,66%</b>	<b>0,13%</b>	<b>55,20%</b>	<b>0,33%</b>	<b>0,20%</b>	...	...
MRC	Ha	14018	390	159	...	17621	78	42	...	...
		<b>43,30%</b>	<b>1,20%</b>	<b>0,49%</b>	...	<b>54,44%</b>	<b>0,24%</b>	<b>0,12%</b>	...	...
MRC	Nº	579	41	13	1	781	7	2	...	1
		<b>40,63%</b>	<b>2,87%</b>	<b>0,91%</b>	<b>0,07%</b>	<b>54,80%</b>	<b>0,49%</b>	<b>0,14%</b>	...	<b>0,07%</b>
MRC	Ha	20240	177	71	...	12059	46	...	...	...
		<b>62,04%</b>	<b>0,54%</b>	<b>0,21%</b>	...	<b>36,96%</b>	<b>0,14%</b>	...	...	...
MRC	Nº	5813	265	94	9	5868	72	46	1	17
		<b>47,70%</b>	<b>2,17%</b>	<b>0,77%</b>	<b>0,07%</b>	<b>48,15%</b>	<b>0,59%</b>	<b>0,37%</b>	<b>8,20%</b>	<b>0,13%</b>

Fonte: IPARDES. Tabulações da autora. Nº: Número de Estabelecimentos. Ha: Área Ha.

<sup>12</sup> Estabelecimento agropecuário é toda unidade de produção dedicada, total ou parcialmente, a atividades agropecuárias, florestais e aquícolas.. Estes estabelecimentos são subordinados a uma única administração, seja o produtor ou o administrador. Independente de seu tamanho, de sua forma jurídica ou de sua localização em área urbana ou rural, tendo como objetivo a produção para subsistência e/ou para venda, na Horticultura e Floricultura (IPARDES, 2016).

Nota-se que na região de estudo, a lavoura temporária e a pecuária são as atividades mais prevalentes e que ocupam as maiores áreas (ha). Já na tabela 10, é apresentado dados referente à população economicamente ativa e à população ocupada, classificando por gênero e local (urbano e rural).

**Tabela 10 - População economicamente ativa<sup>13</sup> (PEA) e população ocupada<sup>14</sup> (PO) nos municípios da Microrregião de Capanema (PR), 2010.**

Município	Popul. total	População economicamente ativa (PEA) 2010	População ocupada (PO) 2010	PO- Homens	PO - Mulheres	PO - Urbana	PO - Rural
<b>Ampére</b>	13257	8487	8166	4638	3528	6520	1645
<b>Bela Vista da Caroba</b>	1041	2581	2538	1406	1131	577	1961
<b>Capanema</b>	11150	11565	11275	6132	5143	6064	5211
<b>Pérola D'Oeste</b>	3187	4189	4151	2314	1837	1656	2496
<b>Planalto</b>	6068	8716	8599	4690	3909	3316	5283
<b>Pranchita</b>	3605	3448	3310	1885	1425	1873	1437
<b>Realeza</b>	11796	9579	9275	5239	4036	6514	2761
<b>Santa Izabel do Oeste</b>	7421	6382	6107	3635	2472	3538	2569
<b>MRC</b>	57.525	54.947	53.421	29.939	23.481	30.058	23.363

Fonte: IPARDES. Tabulações da autora.

Nota-se, que em todos os municípios a população ocupada é composta em sua maioria por homens. Em relação ao local de ocupação, nos municípios de Bela Vista da Caroba, Pérola D'Oeste e Planalto é principalmente no meio rural, nos demais municípios no meio urbano. Sendo que a nível microrregional a ocupação no meio urbano é mais prevalente.

<sup>13</sup> Segundo o IPARDES, a população economicamente ativa (PEA) é composta por pessoas ocupadas e desempregadas. Este é um subgrupo da população em idade ativa integrado pelas pessoas que estavam desenvolvendo alguma atividade de forma contínua e regular ou, por não estarem ocupadas, se encontravam procurando trabalho no período de referência, tendo, para isto, tomado medidas concretas de procura. Inclui-se ainda o exercício do trabalho precário.

<sup>14</sup> A população ocupada, para o IPARDES, é composta por pessoas que detinham um trabalho regular e contínuo no período de referência ou que, mesmo não tendo trabalho, tinham uma ocupação da qual se encontravam temporariamente afastadas por motivos de férias, licença, etc..

#### 4.7 Distribuição da ocupação por atividade econômica na Microrregião de Capanema

Na tabela 11, podemos observar a população ocupada dos municípios classificada em vinte e dois setores econômicos.

**Tabela 11 - População ocupada segundo as atividades econômicas em municípios da Microrregião de Capanema (PR), 2010.**

Setor	Amp.	B.V.C	Cap.	Pér.	Plan.	Pran.	Rea.	S.I.O	MRC	PR
1 Agricultura.	1567	1795	4469	2346	4611	989	2383	2323	20483	788365
2 Ind. Extrat.	4	0	6	7	40	35	16	18	126	13117
3 Ind. Trans.	2519	71	1345	163	531	259	956	787	6631	774734
4 Eletri.	11	0	11	0	0	0	34	11	67	17836
5 Água	36	0	101	11	47	11	41	39	286	37863
6 Constru.	600	83	567	132	326	170	874	570	3322	390768
7 Comér.	1151	170	1790	416	946	670	1648	688	7479	919155
8 Transp.	179	29	312	135	193	112	289	141	1390	230947
9 Aloj. /Alim.	104	8	285	40	273	53	402	71	1236	170566
10 Inform.	71	8	45	19	17	15	66	25	266	69093
11 Financ.	89	2	103	48	55	56	142	18	513	72936
12 Imobil.	46	0	17	0	3	0	25	6	97	22045
13 Cient.	115	8	165	49	72	82	125	88	704	154106
14 Adm.	143	3	185	25	80	3	189	90	718	157030
15 Pública	215	147	369	153	278	143	276	256	1837	223856
16 Educa.	387	85	417	230	185	167	422	243	2136	285103
17 Saúde	123	26	108	56	114	68	206	157	858	181854
18 Cultura	24	0	52	12	13	7	35	13	156	40058
19 Outras	131	14	164	50	115	89	216	70	849	139655
20 Domes.	417	83	501	132	379	228	678	223	2641	314336
21 Interna.	0	0	10	11	22	0	10	0	53	319
22 N. Esp.	232	7	253	116	302	155	242	270	1577	304103
Total:	8164	2539	11275	4151	8602	3312	9275	6107	53425	5307845

Fonte: IPARDES. (1) Agricultura, Pecuária, Produção Florestal, Pesca e Aquicultura. (2) Indústrias Extrativas. (3) Indústrias de Transformação. (4) Eletricidade e Gás. (5) Água, Esgoto, Atividades de Gestão de Resíduos e Descontaminação. (6) Construção. (7) Comércio; Reparação de Veículos Automotores e Motocicletas. (8) Transporte, Armazenagem e Correio. (9) Alojamento e Alimentação. (10) Informação e Comunicação. (11) Atividades Financeiras, de Seguros e Serviços Relacionados. (12) Atividades Imobiliárias. (13) Atividades Profissionais, Científicas e Técnicas. (14) Atividades Administrativas e Serviços Complementares. (15) Administração Pública, Defesa e Seguridade Social. (16) Educação. (17) Saúde Humana e Serviços Sociais. (18) Artes, Cultura, Esporte e Recreação. (19) Outras Atividades de Serviços. (20) Serviços Domésticos. (21) Organismos Internacionais e Outras Instituições Extraterritoriais. (22) Atividades mal Especificadas.

A nível microrregional pode-se observar que há diferenças significativas entre os municípios, revelando o perfil econômico de cada um deles. Regionalmente, aproximadamente 70% das ocupações estão agrupadas em quatro atividades: agricultura, comércio, indústria de transformação e atividades de construção. Pode-se verificar que a maioria das atividades (96%) classificam-se em uma dezena de ocupações.

#### **4.8 Indicadores Socioambientais**

No estado do Paraná, a produção orgânica apresentou crescimento nos últimos anos em números globais (2007 – 2009), seja em área ou em produção. Este setor apresenta-se como uma categoria potencial para a microrregião de Capanema, pertencente à Bacia Hidrográfica do Baixo Iguaçu, no Sudoeste do Paraná, unindo vocação local, produção, tecnologia e tendência de mercado (IFPR, 2014).

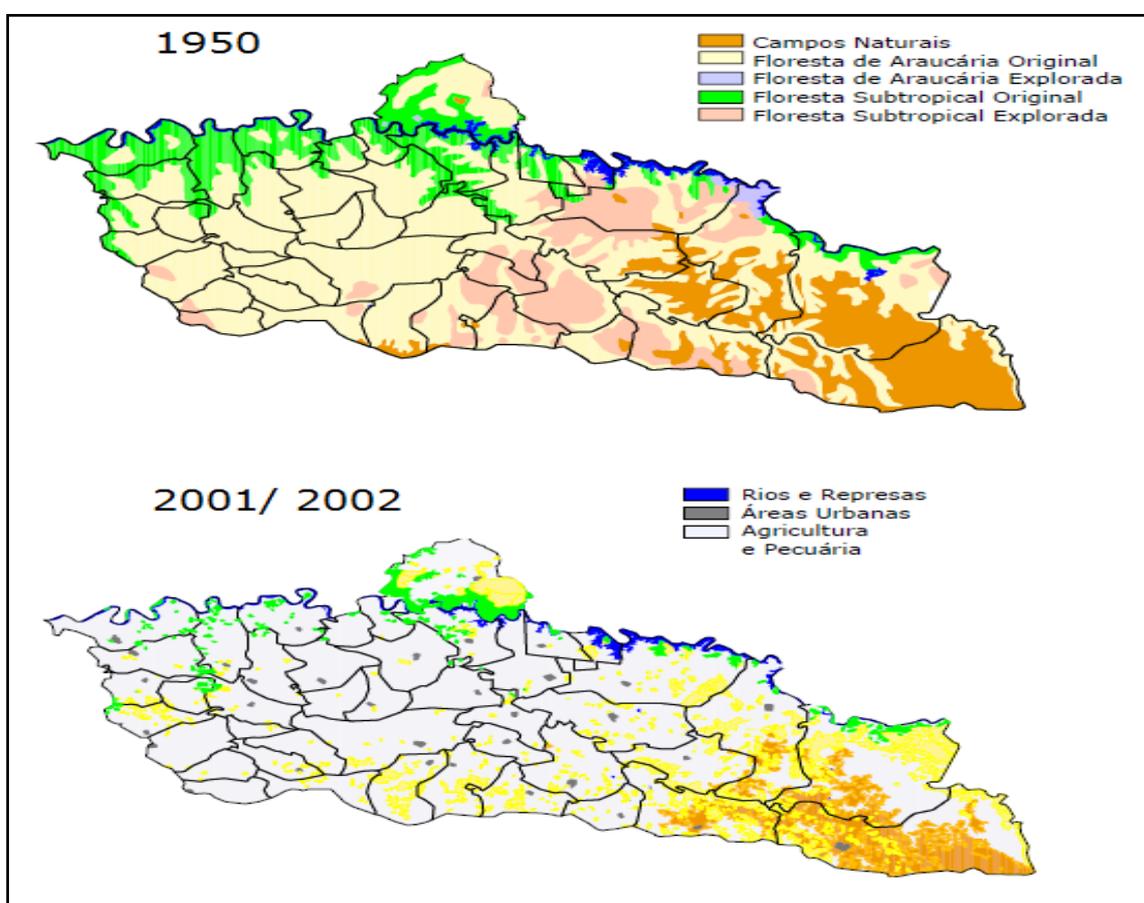
Situada nas imediações do Parque Nacional do Iguaçu, maior reserva verde do interior do estado, a região representa um local de preservação ambiental relevante para o Paraná. No entanto, decorrente da ocupação agrária, grande parte da cobertura vegetal na região foi extinta. Conseqüentemente, a utilização de agrotóxicos é alarmante, acima de 10 kg/há/ ano, representando um risco aos mananciais (IFPR, 2014).

Da cobertura vegetal presente em 1950 no sudoeste do Paraná, restavam 198 mil/ha, nos anos de 2001/2002, o que representa 13,3% da área total deste território, como pode ser observado na figura 5. As florestas remanescentes de Araucária e dos Campos Naturais, servem de habitat para muitas espécies da fauna, sendo que muitas em risco de extinção (IPARDES, 2009).

O solo no Sudoeste Paranaense é predominantemente ocupado pela agricultura intensiva (40% da área total do território), sendo que a soja representa a principal cultivar. O relevo acidentado e recortado apresenta áreas com potencial à degradação por erosão (41% do território), com restrições a certos tipos de usos agrícolas (IPARDES, 2009).

Em todos os municípios que compõem o sudoeste do Paraná é expressiva as atividades de criação e abate de aves e suínos. A maioria situada em áreas próximas a rios e mananciais. Este fato representa ameaça de poluição hídrica, conseqüentemente elevando a pressão ambiental da região. Sendo assim, com a elevada participação econômica destas atividades e a relevância dos recursos hídricos para as mesmas, faz-se necessário soluções no esgotamento e tratamento dos dejetos, para garantir a diminuição dos impactos ambientais e a sua sustentabilidade (IPARDES, 2009).

**Figura 5 - Cobertura vegetal da região sudoeste do Paraná, 1950, 2001/2002.**



Fonte: IPARDES, 2009.

#### **4.9 Produção Agroecológica e Orgânica na Microrregião de Capanema**

A agroecologia e a agricultura orgânica apresentam sua origem ligada uma com a outra, porém não podem ser vistas como sinônimos, visto que a primeira é uma ciência, com limites teóricos definidos, enquanto a segunda

representa uma prática agrícola com características tecnológicas e mercadológicas específicas, que pode ou não respeitar os princípios agroecológicos (MELÃO, 2010).

A agricultura orgânica e mais timidamente a agroecologia, vêm apresentando um aumento significativo no Sudoeste do Paraná, fato relacionado ao predomínio de unidades familiares e do apoio a entidades de classes, ONG's e instituições públicas ligadas à agricultura familiar. Diante dos desafios impostos de buscar formas de desenvolvimento mais sustentáveis, que levem em conta as dimensões ambiental, sociocultural, econômica, produtiva e política de forma integrada, a agroecologia representa uma alternativa de desenvolvimento adequada à realidade da agricultura familiar (MEIRA; CANDIOTTO, 2011).

A organização de instituições e grupos de estudos territoriais possibilitam avanços no setor, tanto em aspectos produtivos, na certificação e principalmente na comercialização dos alimentos isentos de agroquímicos. Uma estratégia importante, para aproximação de produtores e consumidores, é o estabelecimento de relações de mercado solidário, que diminui a ação de atravessadores na comercialização e que pode diminuir o preço dos produtos para os consumidores (MEIRA; CANDIOTTO, 2011).

Para Gaiovicz (2013), os agricultores familiares são representantes mais relevantes na luta pela efetivação da produção agroecológica como processo alternativo e rentável, não só do ponto de vista econômico, mas também ambiental e cultural.

A agricultura orgânica surgiu como uma alternativa, sendo atualmente considerada por muitos uma necessidade. Este é um setor potencial para se fortalecer. Assim, sistemas de produção que promovam a diversificação na propriedade familiar, como a olericultura, a fruticultura, a floricultura e a criação de pequenos animais, são opções de renda que podem ser potencializadas nos sistemas de base ecológica. Outra característica potencial para o sistema agroecológico é a integração em circuitos de turismo rural, representando uma opção ao cultivo tradicional de grãos, que exige grande escala de produção (Secretaria de Estado da Agricultura e Abastecimento, 2011).

Os consumidores têm demonstrado maior atenção à saúde, através do consumo de alimentos saudáveis, o que incentiva a produção agroecológica. Além disso, as mudanças climáticas também estão despertando o senso ecológico, o que garante apoio aos sistemas de produção agroecológicos, por terem menores impactos ambientais (Secretaria de Estado da Agricultura e Abastecimento, 2011).

Desta forma, com a produção de alimentos agroecológicos e orgânicos criou-se novas formas de comercialização, priorizando a venda direta ao consumidor, em feiras, eventos regionais, venda na própria propriedade, entrega em domicílio, e mercados organizados por associações ou cooperativas de produtores orgânicos/agroecológicos. Com esta forma de comercialização são construídos espaços de sociabilidade, degustação de produtos, reeducação de hábitos alimentares, difusões de informações (MEIRA.; CANDIOTTO, 2009).

Quanto a certificação dos produtos agroecológicos da região, observou-se a forma de certificação participativa, na qual a base dos procedimentos está no processo de construção da certificação segundo seus principais interessados (agricultores e consumidores), respeitando princípios sociais, culturais e ambientais, e o contexto político e tipos de mercado em que se inserem. Esta modalidade de certificação não é individual, mas sim em grupos, visando assegurar a garantia de que um produto, processo ou serviço, atende regulamentos ou normas específicas, onde um fiscaliza o outro. Esses grupos estruturam-se em núcleos filiados a uma rede, a Rede Ecovida de Agroecologia, que abrange agricultores dos estados do Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul, e que possui um sistema de certificação denominado participativo (MEIRA.; CANDIOTTO, 2009).

Além de produtores com certificação participativa, via Rede Ecovida, a Microrregião de Capanema conta com produtores com produção orgânica que comercializam grãos via empresa Gebana Brasil, que possui sede no município de Capanema. O principal produto cultivado na região é a soja, mas a empresa também comercializa trigo, milho e variedades de feijão provenientes da agricultura orgânica. Desde 2002, a Gebana Brasil, com uma proposta de produção sustentável, tanto para a natureza como para o agricultor, oportuniza acesso ao mercado mundial de grãos e realiza projetos dentro do padrão do

Comercio Justo na região de Capanema, apoiando e fortalecendo a agricultura familiar (GEBANA BRASIL, 2016).

Os produtos da Gebana são certificados com selos variados, segundo cada produto, garantindo a qualidade e agregando valor adicional que beneficia os produtores. São selos de produtos orgânicos da Gebana: EU, NOP, BIO SUISSE, Brasil Orgânico, FLO. A empresa trabalha com aproximadamente 350 produtores rurais, não só no município de Capanema, mas também em outras regiões e estados, incluindo grupos de agricultores na Argentina. Emprega 27 funcionários, sendo dois no porto de Paranaguá, vinte e cinco na sua sede em Capanema, número que cresce temporalmente durante a safra (GEBANA BRASIL, 2016).

Pode-se observar que ainda é possível avançar muito na elaboração de trabalhos científicos referente à produção agroecológica na Microrregião de Capanema, bem como incentivar para que esta produção seja expandida. Notou-se também, a relevância que organizações apresentam neste contexto, como a Rede Ecovida, seja para a implantação de sistemas produtivos agroecológicos, bem como para sua manutenção.

#### **4.10 Avicultura na Microrregião de Capanema**

Para Gaiovicz (2013), o sistema de integração é consequência do processo de expansão do capital, sendo a ação do capital sobre a agricultura em seu movimento de concentração, causando impactos sociais, regionais, econômicos e ambientais.

Entre os anos de 1986 e 2007, a avicultura brasileira experimentou crescimento de produção da ordem de 533,64%. Neste cenário, desde o ano de 2000, o Paraná lidera a produção nacional de carne de frango, seguido dos estados de Santa Catarina, Rio Grande do Sul e São Paulo (SILVA, 2008). A avicultura se especializou em todas as regiões do Paraná. O Estado também concentra a produção de milho, utilizado na fabricação da ração.

Segundo Silva (2008), a produção paranaense registrou este notável e expressivo crescimento, impulsionado por uma série de fatores, como:

- Cooperativismo e organização associativa industrial avícola de corte;
- Empreendedorismo da indústria avícola;
- Celeiro de produção de grãos (principais insumos que são milho e soja);
- Avicultura familiar (mais de 9 mil famílias);
- Forte ação do Governo em parceria com o setor privado;
- Crescimento das exportações (ingresso de divisas externas);
- Menor custo de produção e maior rentabilidade do setor;
- Infraestrutura logística (estradas, portos e ferroviária);
- Qualificação dos produtores e capacitação do corpo técnico, dentre outros.

**Tabela 12 - Efetivo de galos, frangos, frangas e pintos no Estado do Paraná (PR), 2000, 2010.**

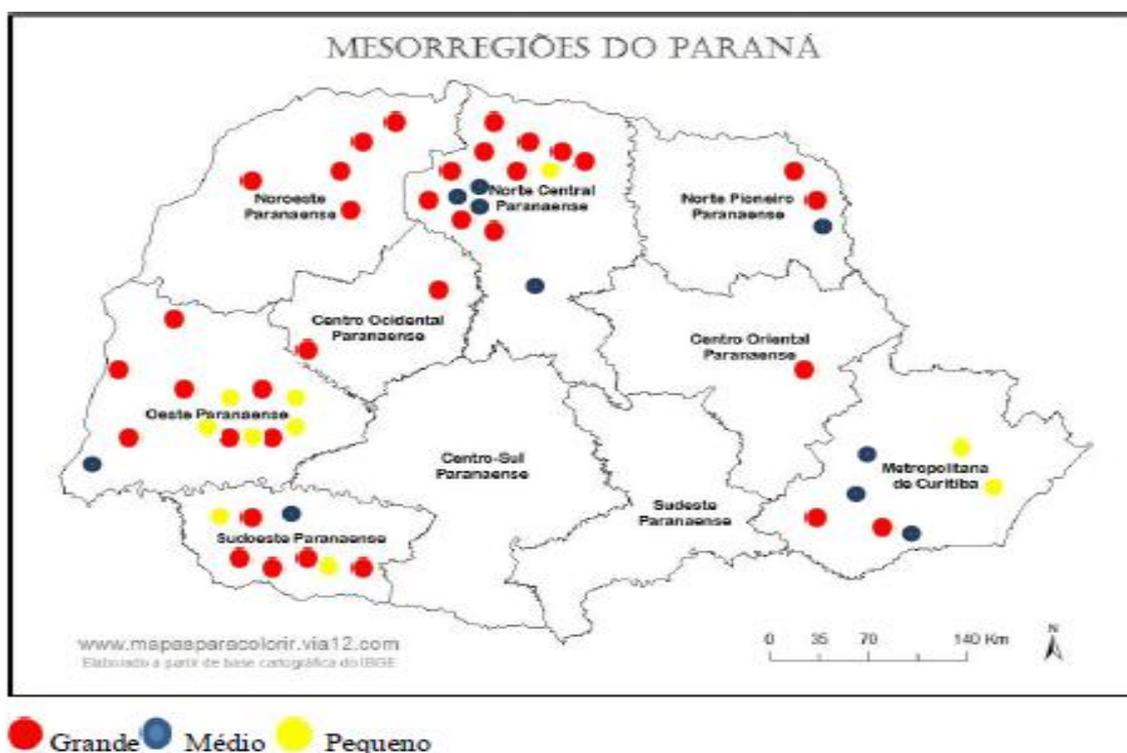
Regiões do PR	2000			2010				
	nº absoluto	% Brasil	% da Região Sul	% do Estado PR	nº absoluto	% Brasil	% da Região Sul	% do Estado PR
<b>Oeste</b>	35.172.075	5,3	10,8	28,5	71.903.497	7	13,6	29,7
<b>Norte Central</b>	10.950.279	1,7	3,4	8,9	42.671.653	4,2	8,1	17,6
<b>Sudoeste</b>	23.352.273	3,5	7,1	18,9	40.899.813	4	7,8	16,9
<b>Noroeste</b>	8.221.245	1,2	2,5	6,7	28.776.276	2,8	5,5	11,9
<b>Norte Pioneiro</b>	4.264.791	0,6	1,3	3,5	15.590.259	1,5	3	6,4
<b>Centro Oriental</b>	7.389.459	1,1	2,3	6	15.415.752	1,5	2,9	6,4
<b>Metrop. Curitiba</b>	28.374.386	4,3	8,7	23	12.224.532	1,2	2,3	5
<b>Centro Ocidental</b>	641.062	0,1	0,2	0,5	10.047.712	1	1,9	4,2
<b>Sudeste</b>	2.053.010	0,3	0,6	1,7	2.398.149	0,2	0,5	1
<b>Centro Sul</b>	2.874.828	0,4	0,9	2,3	2.149.162	0,2	0,4	0,9
<b>PARANÁ</b>	123.293.408	18,7	37,7	100	242.076.805	23,5	45,9	100
<b>REGIÃO SUL</b>	326.615.968	49,5	100	-	527.170.452	51,3	100	-
<b>BRASIL</b>	659.245.547	100	-	-	1.028.151.477	100	-	-

Fonte: IBGE

As principais empresas de abate de frango do Brasil possuem unidades no Paraná, principalmente, nas regiões Oeste, Sudoeste, Noroeste e Norte Central. Dentre estas, podemos citar: BR Foods, Seara (JBS), BIG Frango, Globoaves, Tayson Brasil e as cooperativas, C.Vale, Coopavel e Copacol (COSTA et al., 2015).

O estado do Paraná também possui empresas de pequeno e médio porte que abastecem o mercado regional e local. Este território possui 34 grandes abatedouros, 9 médios abatedouros e 10 pequenos abatedouros. Os grandes abatedouros são aqueles que têm o SIF (Sistema de Inspeção Federal) e desta forma, podem vender para todo o território nacional e também exportar. Já os médios abatedouros são aqueles que têm o SIP (Sistema de Inspeção Paranaense) e só podem comercializar a nível estadual e os pequenos abatedouros são aqueles que têm o SIM (Sistema de Inspeção Municipal) e só podem vender a nível municipal (COSTA et al., 2015).

**Figura 6 - Distribuição de abatedouros no Estado do Paraná (PR), 2013.**



Fonte: Costa et al., 2015.

Na tabela 13, pode-se observar como o número de aves abatidas no estado do Paraná entre os anos 1997 a 2016 é crescente, demonstrando como este setor prosperou no período.

**Tabela 13 - Abate de aves no Estado do Paraná (PR), 1997 a 2015.**

<b>Período</b>	<b>Peso total das carcaças (t)</b>
<b>1997</b>	720 154
<b>1998</b>	854 517
<b>1999</b>	957 237
<b>2000</b>	1 041 412
<b>2001</b>	1 121 828
<b>2002</b>	1 235 681
<b>2003</b>	1 344 398
<b>2004</b>	1 557 656
<b>2005</b>	1 788 481
<b>2006</b>	1 856 538
<b>2007</b>	2 057 318
<b>2008</b>	2 480 908
<b>2009</b>	2 489 061
<b>2010</b>	2 725 634
<b>2011</b>	2 868 973
<b>2012</b>	3 033 270
<b>2013</b>	3 379 689
<b>2014</b>	3 651 564
<b>2015</b>	3 994 430

Fonte: IBGE. Pesquisa trimestral de abate de animais

O Paraná foi o principal exportador de frango do país no ano de 2015, atingindo US\$ 2,4 bilhões em vendas. Os principais mercados internacionais são Arábia Saudita, China, Japão e Emirados Árabes Unidos (COASUL, 2016).

Desta forma, é possível observar que na Microrregião de Capanema a produção integrada de frangos representa um segmento abrangente na região. Com facilidade foi possível identificar agricultores pertencentes a esta categoria, seja pelo tempo de atuação, bem como pelo reconhecimento que as entidades e secretarias apresentam por estes produtores.

Quanto aos agricultores agroecológicos e orgânicos, notou-se uma certa dificuldade para identificação dos mesmos, visto que ambos apresentam seus segmentos de acompanhamento, seja a Rede ou a empresa certificadora.

As peculiaridades nos sistemas produtivos impactam no modo de viver destes indivíduos e, conseqüentemente, na produção de alimentos para autoconsumo, foco principal deste trabalho, como será detalhado no próximo capítulo.

## **CAPÍTULO 05**

### **PRÁTICAS E SABERES DA PRODUÇÃO DE ALIMENTOS PARA AUTOCONSUMO**

Neste capítulo são tratados e analisados os dados obtidos através do roteiro de entrevista aplicado aos grupos de sujeitos do presente estudo. Dados sobre os sujeitos da pesquisa foram detalhados no capítulo 2, item 2.1 do presente estudo.

Primeiramente é apresentado o Discurso do Sujeito Coletivo (DSC), no item 5.1. Em seguida, no item 5.2, é realizada a interpretação dos DSC na ordem das perguntas realizadas no momento das entrevistas. Para cada pergunta são elencadas categorias, segundo as ideias centrais, separadas em sub-itens. Finalizando este capítulo, no item 5.3 discorre-se sobre as percepções quanto à produção de alimentos para autoconsumo e a sua relação com a liberdade substantiva.

#### **5.1 O DSC dos sujeitos da pesquisa**

As manifestações coletadas dos agricultores, através do roteiro de entrevista (APÊNDICE A), compõem as informações deste item. Nesta fase, os depoimentos dos sujeitos foram analisados (APÊNDICE B) com a técnica do DSC, destacando-se as experiências individuais e a reflexão coletiva (APÊNDICE C) manifestadas pelos mesmos, para representação de um discurso único. Buscou-se perceber a ideia que o grupo tem referente a produção de alimentos para autoconsumo. A seguir é apresentado, o discurso do sujeito coletivo elaborado a partir da presente pesquisa, que representa o discurso da coletividade estudada sendo redigida na primeira pessoa do singular:

*“A produção de alimentos para autoconsumo é extremamente importante!! Primeiro motivo, por ser orgânica. A gente produzindo o que está consumindo, sabe o que está comendo. É um alimento saudável sem nada de produtos químicos. Tem a garantia de ser um*

*produto bom, saudável, limpo, colhido fresco e consumido. Eles são mais saborosos e tem mais qualidade, porque hoje a gente cria, uma criação é outra carne... porque quando a gente compra eles tratam uréia, hormônio e isso a gente não faz. Às vezes no mercado a aparência é bonita, mas não se sabe como foi produzido, geralmente tem muito agrotóxico. Então, é muito importante, produzir o máximo que a gente puder em casa.*

*Outro fator importante é quando se tem alimentos para autoconsumo a gente consome mais do que se fosse comprar! Se tivesse que comprar tal alimento, acabaria não comprando e produzindo consome. Sem contar com a praticidade, se precisa alguma coisa tem aqui, não precisa se deslocar até o mercado. Às vezes está até sobrando. Agora mesmo, se não molhar todo dia, não vem, aí é até capaz de faltar.*

*Pela forma que os alimentos de autoconsumo são produzidos trazem também qualidade de vida e saúde. A gente consome produtos saudáveis, sem veneno. Plantando é mais cuidado, um produto mais natural. É melhor pra saúde, a gente sabe o que come! Cuida com veneno, não usa nesses alimentos para cuidar a saúde. E o autoconsumo se produz na época, as frutas fazem o efeito que o corpo precisa, não adianta comprar no mercado uma fruta importada, que vai simplesmente alimentar, mas não vai nutrir. Então é extremamente importante, para saúde, para a qualidade de vida e tudo isso é essencial. Como a gente mora na agricultura, tem que produzir as coisas mesmo em casa. Acho que isso é a vida, deve ser desta forma!*

*O que a gente produz para o autoconsumo é tudo orgânico, não tem diferença dos alimentos que nós comercializamos, porque não é colocado veneno. O que eu ofereço para venda é o mesmo que eu como em casa, tem uma questão de ética! A gente tem que ofertar aquilo que consumimos! A mesma qualidade que a gente pensa para comer e a que queremos vender, pensando também em outras famílias e crianças que estarão consumindo esse alimento. Então a gente também se preocupa em ser um alimento com mais qualidade. Só ressalva para os frangos, que em cada lote a gente separa, cria com milho, quirera, mais 60, 90 dias, tratemo mais diferente... aí elas ganham mais peso e fica uma carne melhor, um frango mais caipira, uma carne mais firme, mais madura. Daí a gente gosta mais de consumir ele, não fica com aquele gosto de ração forte. Dá uma diferença na carne, a gente não trata aquela ração, porque a que vêem é muito rápida e tem hormônio.*

*Tem diferença em produzir os alimentos para o autoconsumo do que ir comprar no mercado. Os alimentos produzidos de forma orgânica e agroecológica são bem mais nutritivos daqueles produzidos a base de produtos químicos. Então tendo em casa, você tem um alimento limpo de agrotóxico, limpo de poluição, mais saboroso e nutritivo. Quando a gente tem o alimento em casa, a gente come melhor e em maior quantidade. Até mesmo alguns xaropes e remédios, a gente busca fazer com o que tem em casa pra não buscar na farmácia. A gente escuta os clientes falarem na feira que tem muito mais sabor! Sem falar na questão nutricional, porque se você pegar uma fruta, se ela é produzida de forma natural ele tem muito mais minerais. Agora um produto industrializado ele é o contrário, ele é desmineralizado, fora os*

*conservantes e hormônios e outras porcarias que é colocado dentro! A gente consome produtos fresquinhos, colhidos na hora e no mercado às vezes tem produtos que estão uma semana na prateleira. Produzindo, a gente sabe o que tá comendo, sabe que o produto é saudável! Talvez ele não é tão bonito, que nem tem no mercado, mas o sabor é melhor! Então, é importante a gente produzir alimentos saudáveis pra gente ter uma coisa boa em casa. A maioria que você vai comprar é com agrotóxico, nesse ponto o que a gente se baseia como alimento saudável é não veneno.*

*No mercado você vai comprar um produto cheio de veneno e não sabe sobre sua origem, onde foi produzido, por quem, quanto tempo ficou nos caminhões e ainda se torna muito mais caro. Às vezes a logística é muito longa, além de ser contaminado por agrotóxicos, é contaminado pela poluição de grandes cidades. Então a gente nunca sabe o que compra! A qualidade do que a gente produz na própria propriedade é outra coisa, porque é um produto sem agrotóxicos, as vezes no mercado a aparência é bonita, mas não se sabe como foi produzido e tem muito conservantes.*

*A gente tem o mesmo costume, o mesmo ritmo dos pais. Anos atrás era tudo orgânico, muito pouco se ouvia falar que usavam veneno químico, não se usava nada! Nem adubo químico, usava praticamente só enxada e sementes crioulas, mas a gente não tinha essa ênfase do autoconsumo, nunca se falava nisso, começamos a ver essas palavras depois. A gente produzia arroz, feijão, hortaliças nessa técnica mais natural, a gente deu uma aprimorada e está buscando cada vez mais conhecimento pra produzir e diversificar uma pouco mais, nessa linha aí. Lembro que na época de criança, família italiana busca mais isso, nunca foi comprado nada no mercado, sempre teve a horta farta! E sempre orgânico! Agora tem muita diferença, nem sabia o que era veneno!*

*Meu pai foi usar veneno quando chegou a moda da transgenia, o que de uns 10 anos pra cá... antes, nunca! E outra também porque ele acabou ficando sozinho, acabou mão de obra e um certo ponto acabou por ter que usar o veneno porque tinha bastante terra, pra conseguir vencer o serviço. Antigamente não se falava em produção orgânica, mas era!*

*Também não tinha tanta praga, tanta doença, tanto bichinho. Hoje se você não usar alguma coisa, você não produz. O desequilíbrio ecológico aconteceu porque foram usando agrotóxicos e aí acabou com as espécies que consumiam as outras, certas espécies proliferaram muito e outras acabaram. Agora tem que ficar colocando adubação, adubo de aviário, adubo químico, ficar fazendo controle de insetos, tem bastante coisa química, porque hoje se não “adubá” não se colhe nada, até inseticida tem que colocar. A utilização de agrotóxico que acabou prejudicando quem quer produzir sem esses produtos, uma vez não via bichinho cortar, agora as lesminhas comem as verduras. O inseto que agride as plantas está vencendo, aí tem que usar um negócio para atacar ele. Uma alteração da natureza. A passagem de veneno em roda, acaba contaminando também que tem essas pequenas*

*produções. As frutas não produzem mais igual! Mesmo que a gente utiliza esses produtos orgânicos, mas o veneno está no ar.*

*O costume de produzir os alimentos para autoconsumo é cultural, sendo passado de geração para geração. A horta sempre grande, rodida de tela, sempre bem cuidada! Veio lá do nono e passou pro pai! De geração em geração, sempre frutas, verduras, legumes... sempre em fartura! Eu acho que isso é cultural. Antigamente se tinha muito mais pobreza que hoje em dia, não se tinha emprego, as famílias eram grandes, pra sustentar aquela quantidade de filho que tinha em casa eles se obrigavam a plantar, não tinha comércio. Então eu acho que talvez se iniciou pela pobreza e se continuou pelo amor, porque todo mundo viu que tinha condições e que era um alimento saboroso e que a terra produzia bem, cria o amor e vai passando de geração em geração. A gente vem fazendo da mesma maneira que a gente aprendeu, planta assim diferenciado pro consumo. Essas coisas de comer a gente não usa veneno, só esterco, adubo orgânico. Por exemplo, a gente tenta, quando carneia um porco aproveitá tudo, você faz tudo produto que tem, faz tudo em casa do jeito da gente que nem antigamente. Vai do costume, da forma como aprendeu! tudo que a gente aprendeu em casa eu tento fazer igual, porque a gente vê que é o melhor, a gente nota que os filhos da gente é tudo pelo mais prático, lá no mercado... e a gente não, tenta fazer tudo em casa, manual, com as mãos mesmos, pra alimento.*

*Antigamente, tinha um pouco mais de conhecimento que ia se passando de pai para filho! E muita coisa se perdeu, a questão das luas de se plantar. Muita coisa se perdeu, muita coisa ainda tem que se resgatar com as avós, não eram técnicas, era uma ciência natural que com o tempo foram acumulando e aprendendo. As multinacionais querem ter o domínio, desconstruindo conhecimento popular e criando um círculo vicioso. Não tem interesse, porque isso dá autonomia ao povo. Dá soberania! E isso eles não querem! Povo inteligente eles não dominam! De igual pra igual, então eles desconstruíram conhecimento popular, essa herança de conhecimento, para aos poucos ir introduzindo outros, e entrar no círculo vicioso. Então tem um interesse econômico das multinacionais, e o povo não percebeu que isso está acontecendo. Hoje dá pra correr o interior pra vê quem tem ovos, galinha, até mandioca mesmo hoje tu passa no interior quase ninguém tem mais, vão até comprar na cidade pra comer. A agricultura tá diminuindo a parte de produção de consumo próprio! a demanda do maior comprar o pequeno e a parte dos filhos tão indo embora tudo, os mais velhos estão se aposentando e vão morar pra cidade e o interior começa ficar sem ninguém. E quem tem pouca terra, não vem mais trabalhar porque a renda é muito pouca.*

*Na época dos meus pais parece que era mais fácil, a terra parece que a produção vinha muito mais bonita, as verduras e coisas, não utilizavam veneno nem adubo químico, era só com a força da própria terra. A terra era bem adubada ao natural, já era fértil. A mãe plantava batatinha, tomate, isso dava tudo no meio da roça, tirava um quadro lá na roça para plantar. Hoje é mais perto, é tudo mais difícil... as chuvas eram mais regulares, não se ouvia falar de adubo químico, era terra nova terra virgem, então as coisas vinham que nossa! Tirava*

*semente em casa, tirava de um ano pro outro, plantava a mesma semente! hoje você tem que cuidar para manter o pouco que tem ou deixar em pousio. Antigamente, a vantagem era que a natureza já tinha um acúmulo de fertilidade.*

*Eu acho que não tem diferença dos antigos, o problema é que muitos agricultores não se interessam mais em produzir as coisas, acham mais fácil ir comprar. Continua a mesma forma de produzir, dando um pouco mais de tecnologia pra melhorar, tinha uma família de 5, 6, 10 filhos que todo mundo ajudava, capinava.. hoje tem trator, onde 2,3 vão lá e dão um geitinho vai lá e dá conta do serviço.*

*Eu ainda consigo trabalhar manual, com a minha juntinha de vaca, o que ajuda é que a propriedade é pequena, pouca terra, se fosse muita terra não vence... acho que um pouco é isso que os orgânicos tão desistindo, é muita mão de obra... eles vão tudo pra cidade! Não tem mais mão de obra nos interior.*

*Desta forma podemos dizer que a produção de alimentos para autoconsumo significa independência! Eu acho que você ter a certeza de viver bem, a barriga cheia, tranquilo, ter a garantia que amanhã tem alimento, que a futura geração vai ter também alimento. Não depender ir fora comprar o alimento... de na hora que você quer comer uma salada, você vai lá corta e faz. Não precisa pensar que precisa arrumar dinheiro de outra forma e ir lá comprar... a gente tem ali.*

*Além disso, é importante, porque a gente vai comendo um produto mais saudável, a gente aqui tem verdura na porta da casa. Tem mais qualidade, e a gente sabe o que ta comendo! O sabor é muito melhor! Não tem preguiça de ir ali e tirar pra comer! E se não tivesse teria que ir lá comprar para comer... E ali está fresquinho da hora! Tendo em casa come mais seguidamente, todo dia tu come... e se vai comprar come hoje, aí murcha, vai ficar uma semana sem. Tendo salada come todo dia, de meio dia e de noite, sempre tem salada*

*Significa saúde, segurança alimentar, uma segurança do futuro, sabendo que as crianças estão crescendo com um organismo mais forte pro futuro gerar crianças com mais saúde, porque a gente mesmo que ta produzindo um alimento mais saudável e não ta correndo tanto risco, de comer um alimento tóxico. Voltando um pouco pra parte da medicina, o alimento sendo o medicamento da gente! Que ta aqui ao alcance da gente! E criar um hábito nas crianças também delas crescerem sabendo que se pode produzir e saber colher o alimento. A gente deve cuidar da água, dos alimentos... então tem que ter muito cuidado com isso aí... como é que produz! Onde é que produz! E principalmente cuidar o veneno... tem muitas doenças que vem disso, a gente tem que cuidar o que come e o que vende. Eu acho que cada um deveria se esforçar um pouco mais, que ao mínimo os alimentos que consomem... cuidar mais com o veneno! Nos grandes centros a preocupação é maior, as pessoas já procuram e sabem o que é o orgânico. Nas cidade menores, que não tem tanta procura. Acho que essa é a questão mais importante, quanto menos agrotóxico.*

*Também possibilita a economia de recursos financeiros. Quando a gente produz não precisa puxar dinheiro pra ir no mercado. É uma questão econômica, sendo mais viável produzir em casa. A gente vai produzindo para o autoconsumo, para ajudar nas despesas da família, é importante porque a gente tem o alimento e não precisa comprar, é uma despesa a menos para a casa. Se for para comprar tudo, está muito caro, os preços são absurdos. Não depende de gastar em mercado, de gastar o dinheiro! Não precisa puxar do bolso pra colher, é só arrancar uma mandioca e colocar na panela, custo zero praticamente. Como meus pais plantavam a gente vem cultivando tem essa tendência de plantar. Se tu pode e tem condição, saúde para trabalhar, se distraí, sai de dentro de casa, o que a gente pode fazer, até que dá para fazer tem que aproveitar! Ajuda em tudo, acaba compensando em tudo e isso faz a diferença no orçamento, ajuda a defender a despesa. Tem custo quase zero.*

*Hoje nós temos esse produto que colhe na agricultura porque já vem dos meus pais, meus avós que tudo mundo plantava e colhia. Então a gente tem aquela procedência de plantar e colher porque é economia. O pai nunca compro sem necessidade, sempre produzia! Não é sempre que a gente tem, mas tenta fazer pra ter, as verduras principalmente. E tudo isso veio da família, a gente nasceu na roça e a mãe e o pai ensinaram assim, que a gente tem que trabalhar, tem que produzir, plantar as coisas para o consumo. Parece que a gente acostumou tanto, que parece que se não vai fazer não se sente bem. Vem das raízes da família! Da criação!*

*A gente no passado, produzia quase tudo! teve uma época que a gente teve integração de frango e integração de fumo, naquele período ali se deixou o autoconsumo meio de lado. Na produção de fumo, a criança é proibida de ir na roça. Foi parado com a produção integrada e produzindo para o autoconsumo e produzindo para a feira. Hoje a quantidade de variedade de alimentos é bem grande, acredito assim que a cada ano vai ser mais. Aqui as crianças tem a liberdade de colocar a mudinha na cova lá e depois elas colherem aquilo que plantou. Então, tem liberdade, autonomia, você se auto gestiona, você comanda, tem uma parceria com a natureza que quanto mais você contribui com ela, mais ela contribui contigo. Não precisa estar se matando de trabalhar pra ter um, e passar dez para o outro. Eu fiz o curso de técnico em agroecologia, através deste curso que a gente foi modificando, com a produção orgânica, melhorando essa questão do autoconsumo... com este intuito de estar produzindo pro autoconsumo e vendendo o excedente também.*

*Alguns fatores dificultam a produção de alimentos para autoconsumo como: a falta de mão de obra, falta de equipamento, falta de água, falta do governo fazer credito com juros baixos para aquisição de equipamentos pequenos e baratos, requer conhecimento e trabalho! Exige trabalho, porque tem que ta produzindo fertilidade, tem que ta manejando a adubação, tem que ta cuidando da semente, então requer trabalho, cuidado, atenção. Precisaria mais pesquisas e desenvolver máquinas adequadas a nossa realidade, pra agricultura pequena, equipamentos práticos. Então falta esse olhar pra gente ainda, porque se a gente tivesse equipamento, um sozinho fazia 5, 6 vezes mais do que se faz hoje. A mão de obra é um*

*limitante, tenho quatro filhos, mas só um pequeno em casa,então com as outras atividades que a gente tem, não conseguimos diversificar como precisaria a produção de alimentos para autoconsumo. As vezes prejudicando até a própria saúde, porque você se sobrecarrega nas coisas! A dificuldade qual que é: o mundo contra o agroecológico! Na verdade nós estamos lutando na resistência mesmo!*

*O PNAE também é uma lei que eu não sei até quando vai... daqui um pouco, os políticos vão falar: vamos parar de pegar desses agricultores e comprar no mercado! O futuro, não sei... por isso que eu falo para os companheiros a gente criar outros leques, não ficar amarrado aí aos programas que a gente não sabe até quando, mas uma coisa e que a gente tem esperança e que o pessoal precisa comer todos os dias, então temos que criar outros viés, via supermercado, cooperativa, ir criando outras opções pra que a gente não fique ao vez com uma “perna só”, porque uma mesa de pé só não fica em pé!*

*Acho que não tem muita dificuldade, não é difícil de produzir, pelo menos para o consumo da família... não é difícil. Só se não tiver vontade de plantar! Porque tem tudo: adubo, água... mas se não tiver vontade de plantar aí não sai nada! O tempo de produzir esse alimento, a gente nem conta, porque é uma coisa que a gente acha que tem que fazer... Que nem para mim é uma coisa boa, você vai lá ver se ta nascendo, se ta crescendo, desenvolvendo... eu acho que é tipo um passa tempo. A gente precisa se dedicar mais, talvez a gente não está se dedicando quanto precisaria, nessa questão de autoconsumo, deveria ter mais variedade e mais coisas pra consumir.*

*Para o planejamento da produção de alimentos a gente tem que procurar sempre plantar nas épocas certas, acho que essa é a principal questão, mas tem que apurar ao menos uns 20 dias, antes que ao redor de nossa propriedade os cara plantam o transgênico, porque depois ele colhe e o nosso não ta pronto, aí o bichinho vem tudo na nossa lavoura, aí já é difícil.*

*A princípio a gente planta o que mais tem saída, o que mais o pessoal quer! Então esse ano a gente deu prioridade para produtos para o PNAE, a gente escolheu por ter menos mão de obra, menos investimento e mais retorno financeiro e mais rápido, e também por ser uma venda garantida. Outra questão também é que não precise muita água, para produzir e que possa ser vendido sem processamento.*

*O certo é planejar na família! Primeiro pra comer né, aí a gente tenta algumas coisas ampliar. Mas planejamento na verdade é primeiro o básico, encher a barriga! o que a gente gosta de comer! De comer tem que ter de tudo. Tem coisas que falam que não dá dinheiro... se não gosta, aí não planta. Não dá dinheiro, mas enche a barriga! Então não interessa quanto custa, o que interessa é que eu to de barriga cheia e de comida boa! Tem coisas então que para comer tem que produzir, eu troco semente e mudas com familiares e vizinhos.*

*Eu vejo assim, que o agronegócio decide pelo valor da venda, nós não... tem que ter tudo de comer. Algumas coisas tem que produzir a mais, porque o povo ta querendo! E como a propriedade é pequena, tem que produzir alimento! Então a gente ta planejando, eu quero aumentar a agrofloresta, pra produzir cada vez mais, e a gente vê lá na feira... falta alimento, quanto ainda necessita de alimento, e alimento de qualidade! Esse é o objetivo da propriedade! Melhorar, diversificar mais e esquecer.. ganhar dinheiro, nós não vamos ficar rico, não adianta, porque o sistema capitalista não deixa, só vai servir para o sistema se for grande, que for engolindo cada vez um que ficou mais pra baixo, mas pra viver bem não precisa de dinheiro! E tentar passar essa ideia que a autonomia o autodomínio começa com a alimentação! O planejamento é um fator que entra na liberdade de escolha, porque quem produz leite querendo ou não o laticínio determina o preço, o produtor acha que vai ganhar um preço, chega o cheque ta um preço mais baixo e ele tem que aceitar quieto, reclama e fica bravo com o laticínio, mas não tem vez e voz pra fazer nada. Isso acontece também com quem planta fumo, que tem bastante aqui na nossa região, a empresa coloca o preço nos insumos, o produtor pega o boleto e se obriga a pagar e pronto. Eu tinha três aviários aqui, eu trabalhei 15 anos no aviário e só sobrou , cançasso e uma calunha nas costas, então quer dizer.. toda integração não presta! Ganha 1 real, mas tem que dar mais 10 pro outro, então você transfere renda, não fica pra ti! Eu perdi 15 anos da minha vida! Talvez se tivesse começado mais antes com a agroecologia hoje a propriedade estaria mais equilibrada. Então a gente tem essa liberdade de escolher o que vai plantar, que preço vai vender, qual a quantidade que vai plantar e pra quem vai vender!*

*Quem tiver mais tempo faz o cultivo das frutas e hortaliças, isso vice versa. Amendoim e essas coisas para casa, sobra mais pra mim... porque ele já tem outras coisas! As saladas só pro gasto, quando tem um tempinho vai na horta vê se tem bichinho, passa uma cinza por cima. A gente já mais ou menos sabe o que vende , então em cima disso a gente sempre compra as mudas ou as sementes. Nós plantamos lavoura, desta o planejamento é nós mesmo que faz, agora nós temos acompanhamento do técnico da Emater. Para lavoura tem um planejamento, tem uma conversa, se vamos plantar soja... na safrinha vai milho ou vai feijão, então é tudo planejado.*

*E na questão do aviário, esse planejamento vem tudo de lá, a gente só praticamente só cuida, então a questão de aviário não é muito com a gente... é com eles lá, com a empresa que planeja tudo isso, a gente tem que só cumprir as ordens deles. A empresa dá o frango, o pintainho, a ração e nós produzimos para ela. a gente só entra com a mão de obra e produz o frango para eles. O técnico da firma vem e explica como que faz, ele que dá assistência. Lá tem um painel, ele vem ali e faz o manejo das coisas... a gente só respeita o aparelho no caso, ele que faz pra nós. Mas sempre tem que ta por perto, ficar de olho, e ficar caminhando por dentro pra incentivar a comer, essas coisas, tem que sempre estar por perto, não pode estar meio desligado, porque quando vê se vai! Acho que é uma coisa favorável, porque eles já trazem a ração pronta, o alimento pronto, então é só a gente entrar com o barracão e a mão de*

*obra, cuidar como serviço do manejo. Então fica mais viável pra gente por isso, aí a gente financia o barracão, quem tem condição faz a vista e o alimento eles trazem tudo preparado, certinho, então fica mais fácil a gente trabalhar. A mão de obra não envolta muito, você ficar parado ou trabalhar tem que comer igual, você ta gastando e já ta trabalhando. Tem épocas boas e tem ruins, crises, então tem que seguir.”*

## **5.2 Interpretação do DSC**

A interpretação das manifestações dos grupos de sujeitos do presente estudo busca analisar a percepção de agricultores agroecológicos, orgânicos e integrados em relação à produção de alimentos para autoconsumo.

Na sequência, são apresentadas as manifestações discursivas, na mesma ordem dos temas das perguntas efetuadas através do roteiro de entrevista (APÊNDICE A). Para cada pergunta, são apresentadas as categorias encontradas, conforme a ideia central dos discursos dos sujeitos e seus respectivos discursos. Abaixo de cada discurso figuram entre parênteses a identificação da categoria dos sujeitos que formaram o discurso.

Também será identificado os atributos quantitativos do DSC, que são a intensidade<sup>15</sup> e a amplitude<sup>16</sup>, conforme descrito no item 2.4.3 do presente estudo, entre parênteses, após a identificação dos sujeitos de cada discurso.

### **5.2.1 A relevância da produção de alimentos para autoconsumo familiar.**

Nesta questão, procurou-se estimular os agricultores a falarem sobre a importância da produção de alimentos para o consumo familiar. Analisando os

---

<sup>15</sup> Intensidade: refere ao número ou percentual de indivíduos que contribuíram com suas expressões chave relativas às Idéias Centrais ou Acoragens semelhantes ou complementares, para a construção de um determinado Discurso do Sujeito Coletivo (Lefevre; Lefevre, 2012).

<sup>16</sup> Amplitude: refere-se à medida da presença de uma ideia ou representação social considerando o campo ou universo pesquisado. Revela o grau de espalhamento ou difusão de uma ideia no campo pesquisado (Lefevre; Lefevre, 2012).

depoimentos apresentados para esta pergunta, classificamos as ideias centrais em cinco categorias.

**A- É importante porque os alimentos tem procedência e qualidade conhecida, são mais gostosos.**

*“É muito importante! Primeiro motivo, por ser orgânico. A gente produzindo o que está consumindo, sabe o que está comendo. É um alimento saudável sem nada de produtos químicos. Tem a garantia de ser um produto bom, saudável, limpo, colhido fresco e consumido. Eles são mais saborosos e têm mais qualidade, porque hoje a gente cria, uma criação é outra carne... porque quando a gente compra eles tratam uréia, hormônio e isso a gente não faz. As vezes no mercado a aparência é bonita, mas não se sabe como foi produzido, geralmente tem muito agrotóxico. Então, é muito importante, produzir o máximo que a gente puder em casa.” (A1; B1; C1; D2; E2; F2; G3; I3; J3) (grande força e alta amplitude)*

**B- Ter os alimentos garante o consumo e é mais prático do que comprar.**

*“A gente consome mais do que se fosse comprar! Se tivesse que comprar tal alimento, acabaria não comprando e produzindo consome. Sem contar com a praticidade, se precisa alguma coisa tem aqui, não precisa se deslocar até o mercado. Às vezes está até sobrando. Agora mesmo, se não molhar todo dia, não vêem, aí é até capaz de faltar.” (A1; F2; J3) (baixa força e alta amplitude)*

**C- Economia de recursos financeiros.**

*“Tudo aquilo que a gente conseguir produzir, é uma economia que está fazendo, não precisa ir no mercado comprar. Se for para comprar tudo, está muito caro. Então, economiza muito ter o produto em casa, isso também gera renda, porque no mercado os preços são absurdos. Ajuda em tudo, acaba compensando em tudo e isso faz a diferença no orçamento, ajuda a defender a despesa. Tem custo quase zero.” (B1; C1; D2; E2; G3; H3; I3; J3; L3) (grande força e alta amplitude)*

**D- Com os alimentos para autoconsumo a alimentação é saudável, diversificada, livre de agrotóxicos, gerando saúde.**

*“É extremamente importante! porque pela forma como se produz, traz qualidade de vida e saúde. A gente consome produtos saudáveis, sem veneno. Plantando é mais cuidado, um produto mais natural. É melhor pra saúde, a gente sabe o que come também! Cuida com veneno, não usa nesses alimentos para cuidar a saúde. E o autoconsumo se produz na época, as frutas fazem o efeito que o corpo precisa, não adianta comprar no mercado uma fruta importada, que vai simplesmente alimentar, mas não vai nutrir. Então é extremamente importante, para saúde, para a qualidade de vida e tudo isso é essencial.” (B1; C1; H3; K3; L3) (grande força e baixa amplitude)*

**E- Faz parte da minha vida produzir alimentos para autoconsumo**

*“Como a gente mora na agricultura, tem que produzir as coisas mesmo em casa. Acho que isso é a vida, deve ser desta forma!” (C1; D2) (baixa força e baixa amplitude)*

### **5.2.1.1 Interpretação dos DSC referentes à relevância da produção de alimentos para autoconsumo familiar: autoconsumo e o modo de viver dos agricultores familiares.**

A ideia de que os alimentos para autoconsumo são importantes devido a sua procedência ser conhecida, serem mais gostosos e com qualidade está fortemente presente nos três grupos de agricultores entrevistados, bem como a relação com economia de recursos financeiros, como pode ser observado no Quadro 3.

Em todos os grupos de sujeitos está presente a ideia de que ter estes alimentos garante o consumo, por ser mais prático do que comprá-los.

A ideia de que com os alimentos para autoconsumo a alimentação da família é saudável, diversificada e livre de agrotóxicos, promovendo saúde, está presente no grupo de agricultores agroecológicos e integrados.

Dois sujeitos da pesquisa, de grupos distintos, relataram ainda que a produção de alimentos para autoconsumo é importante, pois faz parte do seu modo de viver.

**Quadro 3 - Intensidade/ Força e Amplitude (pergunta 1)**

Baixa força	Alta força	
<ul style="list-style-type: none"> <li>Ter os alimentos garante o consumo e é mais prático do que comprar.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>É importante porque os alimentos tem procedência e qualidade conhecida, são mais gostosos.</li> <li>Economia de recursos financeiros.</li> </ul>	Alta Amplitude
<ul style="list-style-type: none"> <li>Faz parte da minha vida produzir alimentos para autoconsumo</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>Com os alimentos para autoconsumo a alimentação é saudável, diversificada, livre de agrotóxicos, gerando saúde.</li> </ul>	Baixa Amplitude

Fonte: Elaboração da autora, 2016

Nota-se que no discurso dos entrevistados sempre é evidenciada a importância da produção de alimentos para autoconsumo, seja por motivos que eles conseguem definir com precisão, como economia de recursos financeiros e segurança alimentar e nutricional, ou por essencialmente fazer parte da cultura e hábito dos indivíduos. Independente do grupo de sujeitos, a afirmativa de sua relevância esteve presente na fala dos agricultores familiares.

A partir da importância que esta produção representa para a família, decorrem os significados de produzir alimentos para o autoconsumo, como será discutido a diante com maiores detalhes. Assim, no discurso dos sujeitos, estão presentes ideias referentes às necessidades biológicas e sociais dos agricultores familiares, fato condizente também com a literatura apresentada no referencial teórico.

O autoconsumo faz parte do modo de viver destes indivíduos, como pode ser observado no trecho *“Como a gente mora na agricultura, tem que produzir as coisas mesmo em casa. Acho que isso é a vida, deve ser desta forma! (C1; D2)”*.

Assim, quando um indivíduo mora no sítio, possui algumas práticas sociais a serem cumpridas que o diferencia. Um exemplo é, “quem não tem uma galinha, quem não tem um porco, ou plantação de milho e abóbora, não pode ser considerado um agricultor familiar”. Sendo esta uma combinação consagrada na região estudada pelo autor. Outro fato interessante é, caso um vizinho mate um porco e não distribua carne entre seus comadres, está apresentando um atitude considerada anormal (DUVAL, 2009).

O significado do autoconsumo vai além das necessidades biológicas, representa uma produção de alimentos que atende a identidade social dos agricultores familiares. Apesar da mercantilização da agricultura e das transformações decorrentes disso, o autoconsumo é um elemento de identidade das unidades familiares (BRASIL, 2013). Esta identidade é mantida através das práticas agrícolas e da culinária (DUVAL, 2009).

O fato de não produzir para o autoconsumo gera impacto, pois fragiliza a reprodução social da unidade produtiva e compromete a identidade do indivíduo enquanto um agricultor digno e socialmente reconhecido, visto que no meio rural elementos como honra e orgulho se originam de atributos pessoais e das capacidades relacionadas ao saber fazer ou ao conhecimento adquirido ao longo da vida, pela experiência (BRASIL, 2013).

O autoconsumo é um atributo genuíno às formas sociais familiares, visto que é uma dimensão constitutiva do campesinato que o define e o caracteriza em todas as sociedades, sejam elas contemporâneas ou não (GAZOLLA; SCHNEIDER, 2007). Para Anjos et al, (2009), a produção de alimentos para autoconsumo familiar tem uma função simbólica que diferencia o colono dos “simples operários”, que vivem só do salário.

Com as práticas agrícolas, culinárias e o ato alimentar de cada família, nota-se uma identidade social entre estas, como um grupo que possui essas práticas, crenças e normas de conduta social. Assim, tanto a agricultura como a culinária de um grupo social, expressam sua identidade, compreendendo parte de seu universo cultural (DUVAL, 2009).

Nesse sentido, Candido (2001) enfatiza em seu estudo, que a maneira como os indivíduos promovem a sua subsistência, não está relacionada apenas a reprodução da existência física, mas sobretudo a maneira de manifestar a sua vida, ou seja, a maneira de viver destes homens. Assim, os meios para obtenção da subsistência devem ser analisados sob três aspectos para satisfação das necessidades dos indivíduos: cumulativo e relativo ao equipamento técnico; natural como uma operação para satisfazer as necessidades; social como forma organizada de atividade. Assim a satisfação das necessidades dos homens não depende apenas de comida, mas também de uma organização para obter comida.

### **5.2.2 Diferenças no processo produtivo de alimentos destinados ao autoconsumo dos alimentos comercializados.**

Nesta questão, os entrevistados relataram diferenças entre alimentos produzidos e comercializados. Analisando os depoimentos apresentados para esta pergunta, classificamos as ideias centrais em cinco categorias.

**A- Não há diferenças no produto que a família consome, do que a mesma comercializa.**

*“O que a gente produz para o autoconsumo é tudo orgânico, não tem diferença, porque não é colocado veneno. O que eu ofereço para venda é o mesmo que eu como em casa, tem uma questão de ética! A gente tem que ofertar aquilo que consumimos! A mesma qualidade que a gente pensa para comer e a que queremos vender, pensando também em outras famílias e crianças que estarão consumindo esse alimento. Então a gente também se preocupa em ser um alimento com mais qualidade.” (A1; B1; C1; D2) (grande força e baixa amplitude)*

**B- O alimento produzido é mais saudável, nutritivo e seguro, em comparação com os disponíveis para compra.**

*“Eu acredito que tem diferença em produzir os alimentos para o autoconsumo do comprado no mercado, os alimentos produzidos de forma orgânica e agroecológica são bem mais nutritivos daqueles produzidos a base de produtos químicos. Então tendo em casa, você tem um alimento limpo de agrotóxico, limpo de poluição, mais saboroso e nutritivo. Quando a gente tem o alimento em casa, a gente come melhor e em maior quantidade. Até mesmo alguns xaropes e remédios, a gente busca fazer com o que tem em casa pra não buscar na farmácia. A gente escuta os clientes falarem na feira que tem muito mais sabor! Sem falar na questão nutricional, porque se você pegar uma fruta, se ela é produzida de forma natural ele tem muito mais minerais. Agora um produto industrializado ele é o contrário, ele é desmineralizado, fora os conservantes e hormônios e outras porcarias que é colocado dentro! A gente consome produtos fresquinhos, colhidos na hora e no mercado às vezes tem produtos que estão uma semana na prateleira. Produzindo, a gente sabe o que ta comendo, sabe que o produto é saudável! Talvez ele não é tão bonito, que nem tem no mercado, mas o sabor é melhor! Então, é importante a gente produzir alimentos saudáveis pra gente ter uma coisa boa em casa. A maioria que você vai comprar é com agrotóxico, nesse ponto o que a gente se baseia como alimento saudável é não veneno.” (A1; B1; C1; E2; F2; G3; H3; I3; J3) (grande força e alta amplitude)*

**C- Os alimentos disponíveis para compra não tem procedência conhecida.**

*“A diferença é que no mercado você vai comprar um produto cheio de veneno e não sabe sobre sua origem, onde foi produzido, por quem, quanto tempo ficou nos caminhões e ainda se torna muito mais caro. Às vezes a logística é muito longa, além de ser contaminado por agrotóxicos, é contaminado pela poluição de grandes cidades. Então a gente nunca sabe o que compra! A qualidade do que a gente produz na própria propriedade é outra coisa, porque é um produto sem agrotóxicos, as vezes no mercado a aparência é bonita, mas não se sabe como foi produzido e tem muito conservantes.” (B1; D2; F2; G3; H3; K3; L3) (grande força e alta amplitude)*

**D- O alimento consumido é produzido de forma diferenciada, em comparação com que o mesmo comercializa.**

*“A gente o que produz para vender a gente produz pra comer... Só os frangos, em cada lote a gente separa, cria com milho, quirera, mais 60, 90 dias, tratemo mais diferente... aí elas ganham mais peso e fica uma carne melhor, um frango mais caipira, uma carne mais firme, mais madura. Daí consome ele, a gente gosta mais. pra não ficar com aquele gosto de ração forte. Daí a gente gosta mais de consumir ele, não fica com aquele gosto de ração forte. Dá uma diferença na carne, a gente não trata aquela ração, porque a que vêem é muito rápida e tem hormônio. A gente planta o que a gente consome mais.. um pedaço separado pega um canto que não utiliza muito aí a gente planta... Frutas e verduras nós temos próximo a casa. Até melhor de cuidar porque ta ali pertinho. O soja, a lavoura, é mais produzida com veneno, essas coisas, que é pra vender.” (G3; H3; I3; J3; K3; L3) (grande força e baixa amplitude)*

### **E- Produzir alimentos para autoconsumo é mais barato.**

*“Quando a gente produz não precisa puxar dinheiro pra ir no mercado.É uma questão econômica, sendo mais viável produzir em casa.” (G3; H3) (baixa força e baixa amplitude)*

#### **5.2.2.1 Interpretação dos DSC referente às diferenças no processo produtivo de alimentos destinados ao autoconsumo dos alimentos comercializados: qualidade dos alimentos.**

A ideia de que os alimentos produzidos são mais saudáveis, nutritivos e seguros, quando comparados com alimentos disponíveis para compra, esteve fortemente presente em todos os grupos de agricultores entrevistados, bem como a afirmação de que os alimentos disponíveis para compra tem procedência duvidosa.

Quando questionados em relação ao consumo dos mesmos alimentos que comercializam, nota-se duas ideias de grande força, porém concentradas em determinados grupos, ou seja, com baixa amplitude. Para os agricultores agroecológicos a ideia predominante é de que não há diferenças no produto que a família consome, do que a mesma comercializa. Já entre os agricultores integrados, a ideia em comum é de o alimento consumido é produzido de forma diferenciada, em comparação com que os mesmos comercializam.

Dois agricultores integrados também relataram que produzir alimentos para autoconsumo é mais barato, voltando-se para a questão econômica.

Estas ideias centrais estão organizadas no quadro 4.

**Quadro 4 - Intensidade/ Força e Amplitude (pergunta 2)**

Baixa força	Alta força	
	<ul style="list-style-type: none"> <li>• O alimento produzido é mais saudável, nutritivo e seguro, em comparação com os disponíveis para compra.</li> <li>• Os alimentos disponíveis para compra não têm procedência conhecida.</li> </ul>	<b>Alta Amplitude</b>
<ul style="list-style-type: none"> <li>• Produzir alimentos para autoconsumo é mais barato.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Não há diferenças no produto que a família consome, do que a mesma comercializa.</li> <li>• O alimento consumido é produzido de forma diferenciada, em comparação com que o mesmo comercializa.</li> </ul>	<b>Baixa Amplitude</b>

Fonte: Elaboração da autora, 2016

A relação de confiança com os alimentos produzidos para autoconsumo e incerteza com produtos oferecidos para compra é observada na literatura em outros trabalhos já realizados sobre o tema. Como citado, no capítulo 3 do presente estudo, este fato condiz com as considerações realizadas por Grisa (2007a); Menasche et al., (2008); Duval, (2009); Continiet et al., (2012); Fonini; Lima (2013).

“Saber o que está consumindo” e “ter alimentos sem venenos”, são algumas das principais justificativas para a existência do autoconsumo nos estabelecimentos. Os agricultores consideram que os alimentos comprados não são confiáveis, segundo o seu critério de análise, pois o elemento fundamental é saber como e quem os produziu e de que modo (BRASIL, 2013).

Este é um princípio da segurança alimentar e nutricional, fortemente presente no discurso dos entrevistados.

Os alimentos produzidos para autoconsumo são valorizados por possuírem uma qualidade nutricional superior aos alimentos comprados. Esta interpretação justifica-se pelo fato de serem produzidos sem a utilização de agrotóxicos e outros produtos químicos. Os alimentos comprados são entendidos com insegurança, visto que a sua origem, processamento e manejo são desconhecidos (GRISA et al., 2010).

São muitas as transformações ocorridas no processo de alimentação humana, principalmente o distanciamento, a falta de informação e a perda de controle da população no processo de produção, diante da imposição dos mercados e dos complexos agroindustriais (HIRAI, 2008). Nesse sentido, entende-se a relação de incerteza presente na compra de gêneros alimentícios.

No estudo realizado por Menasche et al., (2008), foi unânime a afirmação de que os alimentos produzidos para autoconsumo são considerados provenientes de uma produção limpa. Sendo que esta garante a segurança alimentar e nutricional das famílias estudadas, estando enraizada na história vivida pela comunidade.

No relato da entrevista, também é abordada a questão que os alimentos de autoconsumo não geram poluição, sendo considerados como alimentos limpos. Nesse sentido remete-se ao texto de Foster (2012), que cita a contribuição agroecológica de Marx na teoria de fenda metabólica, evidenciando que ao transportar alimentos e fibras por vários quilômetros até os grandes centros urbanos de produção industrial, local onde as populações aumentavam de forma concentrada, o capital se apropriava dos nutrientes do solo, que não retornavam mais para este, e criam poluição nas cidades. Segundo Liebig, este processo era definido como sistema de roubo. Para Marx, esta é uma fenda metabólica irreparável na sociedade. Nesse sentido, ele afirma que há uma necessidade histórica em se combater a destruição absoluta do sistema capitalista e substituí-lo por uma sociedade de igualdade substantiva e sustentabilidade ecológica.

O autoconsumo valoriza as preferências alimentares e as práticas de manejo e produção das famílias. Este fato pode ser observado e analisado nos grupos de estudo, conforme a atividade produtiva desenvolvida pelos

indivíduos. Os produtores agroecológicos, consomem os mesmos alimentos que comercializam, visto que a sua produção já respeita os seus valores para um alimento de qualidade. Já os agricultores integrados, não consomem o mesmo frango que comercializam, sendo que este recebe um tratamento diferenciado tanto na alimentação quanto na criação antes de ser consumido. Esta prática é justificada pelos mesmos, pois consideram que a sua produção comercial não segue os padrões desejados de qualidade para o alimento a ser consumido pela família e também não condiz com as técnicas tradicionais de manejo dos animais.

Em seu estudo Anjos et al., (2010) ressaltaram a situação de famílias de avicultores integrados a uma grande empresa, que são proibidos de manterem aves ou porcos em seus estabelecimentos rurais. Esta imposição é justificada pela preocupação com a sanidade dos animais criados em regime de confinamento.

A empresa integradora garante antecipadamente a compra das aves, assistência técnica e as condições de produção, contudo impõe um controle rígido no processo produtivo e impede que a família preserve uma atividade fundamental, seja na perspectiva da reprodução material dos membros ou do ponto de vista simbólico. Desta forma, a mercantilização na produção destes agricultores familiares não é interpretada apenas pelo modo como produzem, mas também pelo fato que elementos considerados essenciais à vida doméstica, como carne e ovos, são obtidos a partir da compra, não sendo mais produzidos pela própria família (ANJOS et al., 2010).

Para Grisa et al., (2010) as unidades familiares que possuem criação de frangos de corte no sistema de integração, devido às restrições citadas, podem diminuir o consumo de alimentos provenientes das criações, principalmente de galinha caipira. No estudo realizado por Tonezer et al., (2008) os entrevistados também mencionam que os frangos que consomem são produzidos de forma diferente, quando comparados com o que é produzido para venda.

A relação de integração com a agroindústria é um elemento que contribui para a redução da produção própria de alimentos. Este fato é explicado porque a empresa integradora proíbe a criação de outros animais na propriedade. Isso contribuiu para o desaparecimento de várias raças de animais crioulos ou rústicos. É costume entre os agricultores, separar alguns

dos animais do lote a ser entregue às agroindústrias integradoras, mesmo que infringindo normas, oferecendo uma alimentação baseada em milho, pasto verde e sobras de alimentos, para um período maior de criação. Este fato é justificado para “limpar” os animais de medicamentos e hormônios presentes nas rações industrializadas e obter uma carne mais saborosa (MENASCHE et al., 2008).

### **5.2.3 Diferenças na produção de alimentos para o autoconsumo com o passar do tempo.**

Na pergunta três, os entrevistados falaram de como era a produção de alimentos para autoconsumo antigamente e de como está atualmente. Também foram elencadas cinco categorias após análise dos depoimentos apresentados neste item.

#### **A- Aumentou a utilização de produtos químicos para produzir os alimentos.**

*“Meu pai foi usar veneno quando chegou a moda da transgenia, o que de uns 10 anos pra cá... antes, nunca! E outra também porque ele acabou ficando sozinho, acabou mão de obra e um certo ponto acabou por ter que usar o veneno porque tinha bastante terra pra conseguir vencer o serviço. Antigamente não se falava em produção orgânica, mas era! Não tinha tanta praga, não tinha tanta doença, tanto bichinho. Hoje se você não usar alguma coisa, você não produz. O desequilíbrio ecológico aconteceu porque foram usando agrotóxicos e aí acabou com as espécies que consumiam as outras, certas espécies proliferaram muito e outras acabaram. Tem que ficar colocando adubação, adubo de aviário, adubo químico, ficar fazendo controle de insetos, tem bastante coisa química, porque hoje se não “adubá” não se colhe nada, até inseticida tem que colocar. A utilização de agrotóxico que acabou prejudicando quem quer produzir sem esses produtos, uma vez não via bichinho cortar, agora as lesminhas comem as verduras. O inseto que agride as plantas está vencendo, aí tem que usar um negócio para atacar ele. Uma alteração da natureza. A passagem de veneno em roda, acaba contaminando também que tem essas pequenas produção. As frutas não produzem mais igual! Mesmo que a gente utiliza esses produtos orgânicos, mas o veneno está no ar.” (A1; B1; F2; G3; H3; L3) (grande força e alta amplitude)*

#### **B- Antigamente a produção a produção de autoconsumo era orgânica, diversificada.**

*“A gente tem o mesmo costume, o mesmo ritmo dos pais. Anos atrás era tudo orgânico, muito pouco se ouvia falar que usavam veneno químico, não se usava nada! Nem adubo químico,. usava praticamente só enxada e sementes crioulas, mas a gente não tinha essa ênfase do autoconsumo, nunca se falava nisso, começamos a ver essas palavras depois. A gente produzia arroz, feijão, hortaliças nessa técnica mais natural, a gente deu uma aprimorada e está buscando cada vez mais conhecimento pra produzir e diversificar uma*

*pouco mais, nessa linha aí. Lembro que na época de criança, família italiana busca mais isso, nunca foi comprado nada no mercado, sempre teve a horta farta! E sempre orgânico! Agora tem muita diferença, muito veneno não tinha veneno, nem sabia o que era!” (B1; E2; H3; J3; L3) (baixa força e alta amplitude)*

**C- O costume de produzir para autoconsumo é cultural, sendo passado de geração para geração. Atualmente o conhecimento popular sobre a produção de autoconsumo está fragilizado, sendo influenciado por interesses econômicos.**

*“Horta sempre grande, rodada de tela, sempre bem cuidada! Veio lá do nono e passou pro pai! De geração em geração, sempre frutas, verduras, legumes.. sempre em fatura! Eu acho que isso é cultural. Antigamente se tinha muito mais pobreza que hoje em dia, não se tinha emprego, as famílias eram grandes, pra sustentar aquela quantidade de filho que tinha em casa eles se obrigavam a plantar, não tinha comércio. Então eu acho que talvez se iniciou pela pobreza e se continuou pelo amor, porque todo mundo viu que tinha condições e que era um alimento saboroso e que a terra produzia bem, cria o amor e vai passando de geração em geração. A gente vem fazendo da mesma maneira que a gente aprendeu, planta assim diferenciado pro consumo. Essas coisas de comer a gente não usa veneno, só esterco, adubo orgânico. Por exemplo, a gente tenta, quando carneia um porco aproveitá tudo, você faz tudo produto que tem, faz tudo em casa do jeito da gente que nem antigamente. Vai do costume, da forma como aprendeu! tudo que a gente aprendeu em casa eu tento fazer igual, porque a gente vê que é o melhor, a gente nota que os filhos da gente é tudo pelo mais prático, lá no mercado... e a gente não, tenta fazer tudo em casa, manual, com as mãos mesmos, pra alimento. Antigamente, tinha um pouco mais de conhecimento que ia se passando de pai para filho! E muita coisa se perdeu, a questão das luas de se plantar. Muita coisa se perdeu, muita coisa ainda tem que se resgatar com as avós, não eram técnicas, era uma ciência natural que com o tempo foram acumulando e aprendendo. As multinacionais querem ter o domínio, desconstruindo conhecimento popular e criando um círculo vicioso. Não tem interesse, porque isso dá autonomia ao povo. Dá soberania! E isso eles não querem! Povo inteligente eles não dominam! De igual pra igual, então eles desconstruíram conhecimento popular, essa herança de conhecimento, para aos poucos ir introduzindo outros, e entrar no círculo vicioso. Então tem um interesse econômico das multinacionais, e o povo não percebeu que isso estava acontecendo. Hoje dá pra correr o interior pra vê quem tem ovos, galinha, até mandioca mesmo hoje tu passa no interior quase ninguém tem mais, vão até comprar na cidade pra comer. A agricultura ta diminuindo a parte de produção de consumo próprio! a demanda do maior comprar o pequeno e a parte dos filhos tão indo embora tudo, os mais velhos estão se aposentando e vão morar pra cidade e o interior começa ficar sem ninguém. E quem tem pouca terra, não vem mais trabalhar porque a renda é muito pouca.” (B1; C1; H3; I3; K3) (grande força e baixa amplitude)*

**D- A terra naturalmente era mais fértil, não precisa utilizar tantos insumos.**

*“Na época dos meus pais parece que era mais fácil, a terra parece que a produção vinha muito mais bonita, as verduras e coisas, não utilizavam veneno nem adubo químico, era só com a força da própria terra. A terra era bem adubada ao natural, já era fértil. A mãe plantava batatinha, tomate, isso dava tudo no meio da roça, tirava um quadro lá na roça para plantar. Hoje é mais perto, é tudo mais difícil... as chuvas eram mais regulares, não se ouvia falar de adubo químico, era terra nova terra virgem, então as coisas vinham que nossa! tirava semente em casa, tirava de um ano pro outro, plantava a mesma semente! hoje você tem que cuidar para manter o pouco que tem ou deixar em pousio. Antigamente, a vantagem que a natureza tinha um acúmulo de fertilidade.” (A1; C1; F2; J3) (baixa força e alta amplitude)*

## **E- Não houve diferença na produção de autoconsumo.**

*“Eu não acho diferença, não tem diferença dos antigos, o problema é que muitos agricultores não se interessam mais em produzir as coisas, acham mais fácil ir comprar. Continua a mesma forma de produzir, dando um pouco mais de tecnologia pra melhorar tinha uma família de 5, 6, 10 filhos que todo mundo ajudava, capinava.. hoje tem trator, onde 2,3 vão lá e dão um geitinho vai lá e dá conta do serviço. Eu lido tudo manual, com a minha juntinha de vaca, o que ajuda é que a propriedade é pequena, pouca terra, se fosse muita terra não vence... acho que um pouco é isso que os orgânicos tão desistindo, é muita mão de obra... eles vão tudo pra cidade! Não tem mais mão de obra nos interior.” (D2; E2) (grande força e baixa amplitude)*

### **5.2.3.1 Interpretação dos DSC referente às diferenças na produção de alimentos para o autoconsumo com o passar do tempo.**

Em relação às diferenças ocorridas com o passar do tempo, nota-se que a ideia de que aumentou-se a utilização de produtos químicos para produção de alimentos, está fortemente presente em todos os grupos de sujeitos.

A ideia de que antigamente a produção de autoconsumo era orgânica e diversificada, e de que a terra era naturalmente mais fértil, não sendo necessário utilizar tantos insumos, está presente nos três grupos de sujeitos, porém com baixa força.

A ideia de que não houve diferença na produção de alimentos para autoconsumo está presente apenas no grupo dos orgânicos, porém com grande força, visto que dois sujeitos realizaram esta afirmação. Assim como a ideia, que está presente entre os agroecológicos e integrados, de que o costume de produzir para autoconsumo é cultural, sendo passado de geração para geração (Figura 7), sendo que atualmente o conhecimento popular sobre essa técnica está fragilizado, sendo influenciado por interesses econômicos. Estas afirmativas, estão organizadas no Quadro 5.

**Figura 7 Conhecimento passado de geração para geração**



Fonte: Pesquisa de campo, setembro de 2016.

**Quadro 5 - Intensidade/ Força e Amplitude (pergunta 3)**

Baixa força	Alta força	
<ul style="list-style-type: none"> <li>• Antigamente a produção de autoconsumo era orgânica, diversificada.</li> <li>• A terra era naturalmente mais fértil, não precisa utilizar tantos insumos.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Aumentou a utilização de produtos químicos para produzir os alimentos.</li> </ul>	<b>Alta Amplitude</b>
	<ul style="list-style-type: none"> <li>• O costume de produzir para autoconsumo é cultural, sendo passado de geração para geração. Atualmente o conhecimento popular sobre a produção de autoconsumo está fragilizado, sendo influenciado por interesses econômicos.</li> <li>• Não houve diferença na produção de autoconsumo</li> </ul>	<b>Baixa Amplitude</b>

Fonte: Elaboração da autora, 2016

Notou-se que a preocupação e a fala referente à utilização de produtos químicos para produção de alimentos, esteve muito presente no decorrer das entrevistas, apontando para um assunto amplamente discutido na literatura sobre a evolução no uso indiscriminado destes produtos. Nesse sentido, os agricultores familiares buscam alternativas para garantir o consumo de alimentos não contaminados pela família, sendo que o autoconsumo é um meio para isso.

Os novos tempos trouxeram melhorias para as famílias rurais, o trabalho foi facilitado com as inovações tecnológicas e o nível de conforto das casas com a vida moderna melhorou. Neste contexto, também transformou-se completamente o modo de vida destes indivíduos, que passam a ser influenciados pela busca de rentabilidade no uso da terra e da força de trabalho familiar. Assim, o “tempo dos pais” era um tempo de restrições, contudo o grau de mercantilização da vida rural não atingia níveis elevados como atualmente (ANJOS et al., 2009).

Duarte (2012), demonstra em seu estudo que a falta de mão de obra é um elemento fundamental apontado pelos agricultores para o aumento na utilização de químicos, sendo que cada vez mais é preciso aumentar a lavoura para manter o mesmo nível de renda, sendo assim inviável o controle mecânico das ervas daninhas. Desta forma, a atual tecnologia de produção não favorece a ecologia.

Em seu estudo, Wagner et al., (2007) também reforça que os agricultores preocupam-se com a presença de aditivos químicos e resíduos de agrotóxicos nos alimentos industrializados, cuja origem é desconhecida no ato da compra.

Sem dúvida o autoconsumo deve ser analisado sob um aspecto cultural, como ressaltado pelos entrevistados, sendo que o conhecimento em torno desta produção é reflexo do saber produzido ao longo das gerações.

Nesse sentido, é interessante resgatar um trecho da entrevista: “*família italiana busca mais isso, nunca foi comprado nada no mercado, sempre teve a horta farta!*”. Em seu estudo, Chimello (2010) enfatiza esta relação do autoconsumo com as etnias, afirmando que esta produção estava presente na maioria dos estabelecimentos de alemães, poloneses e italianos. Já na propriedades de caboclos, notou-se uma menor intensidade desta produção.

O autoconsumo faz parte de um modo de organização da atividade produtiva e reflete na cultura que caracteriza a sociabilidade e a identidade destes agricultores. Esta produção preserva a cultura dos indivíduos, visto que muitas das práticas de preparo e consumo são passadas de pais para filhos, conforme as condições sócio ambientais e a própria história local (GRISA; SCHNEIDER, 2008). Para Wagner et al., (2007) o processamento de alimentos na propriedade rural é algo transmitido por avós, pais e tios.

A agricultura familiar constitui o seu modo de vida a partir da terra, família e trabalho. A produção de alimentos para autoconsumo faz deste modo de viver, onde plantar, colher e transformar produtos da terra em comida, garante a soberania alimentar e a reprodução social das famílias rurais (PEREIRA, 2015).

Em seu estudo, Pereira (2015) demonstra que as famílias guardam o saber fazer das gerações passadas que proporciona um alimento com sabor colonial. É das mulheres, em especial, a responsabilidade do toque que garante o sabor e a originalidade dos produtos.

No discurso dos entrevistados, pode-se notar também a questão que o conhecimento popular atualmente está fragilizado por interesses econômicos, causando uma desconexão deste saber com as novas gerações, também ressaltando neste contexto o êxodo rural.

Para Duarte (2012), os mais jovens estão perdendo a “memória alimentar”, fato atribuído a forte presença de produtos industrializados, seja no campo ou na cidade, e também porque a grande maioria da juventude está nas cidades, onde os alimentos tradicionais e coloniais se transformaram em artigos de luxo.

Em seu estudo, Grisa (2007b) cita que a produção “pro gasto”, como uma herança cultural, está sendo pouco seguida pelas novas gerações. Como fator responsável por esta falta de interesse, aponta a falta de expectativa de continuidade na agricultura. Grande parte dos jovens está saindo da agricultura e do meio rural, buscando melhores oportunidades de educação e emprego.

Nesse sentido, Cardoso (2011) observou em seu estudo relato de agricultores que afirmam que os mais jovens vão para a cidade “para estudar e ter uma profissão”, demonstrando uma valorização na comunidade estudada

pelo trabalho remunerado e urbano. O autor aponta a necessidade de uma política de valorização do espaço rural, de promoção e apoio a agricultura familiar.

Meinen (2013) também aborda esta questão, que os jovens estão deixando o meio rural estimulados pelos próprios pais, pois consideram a vida no campo muito difícil, sofrida e com pouco retorno. Assim, a mão de obra na propriedade rural é reduzida, e conseqüentemente a produção de autoconsumo é influenciada.

No estudo realizado por Menasche et al., (2008) os entrevistados também evidenciaram que o passado foi uma época de fartura, sendo que a terra era considerada mais produtiva e a alimentação abundante e mais diversificada. Eram poucos os alimentos comprados, pois muito se produzia em casa. Nesse sentido, Anjos et al., (2009) também afirmam que no período anterior a mercantilização da agricultura, os produtos eram exclusivamente gerados nos limites da própria exploração.

#### **5.2.4 Os significados de produzir alimentos para o autoconsumo.**

Quando questionados sobre o significado para a família de produzir alimentos para autoconsumo, surgiram seis categorias. Nota-se que os depoimentos quanto aos significados, estão relacionados à importância da produção de alimentos para autoconsumo.

##### **A- Significa independência, com a garantia de acesso aos alimentos.**

*“Significa independência! Eu acho que você ter a certeza de viver bem, a barriga cheia, tranquilo, ter a garantia que amanhã tem alimento, que a futura geração vai ter também alimento. Não depender ir fora comprar o alimento... de na hora que você quer comer uma salada, você vai lá corta e faz. Não precisa pensar que precisa arrumar dinheiro de outra forma e ir lá comprar... a gente tem ali.” (A1; C1) ( grande força e baixa amplitude)*

##### **B- Significa ter alimentos saudáveis, saborosos e com procedência conhecida para alimentação da família.**

*“E importante, porque a gente vai comendo um produto mais saudável, a gente aqui tem verdura na porta da casa. Tem mais qualidade, e a gente sabe o que ta comendo! O sabor é muito melhor! Saúde também! Não tem preguiça de ir ali e tirar pra comer! E se não tivesse teria que ir lá comprar para comer... E ali está fresquinho da hora! Tendo em casa come mais seguidamente, todo dia tu come... e se vai comprar come hoje, aí murcha, vai ficar uma semana sem. Tendo salada come todo dia, de meio dia e de noite, sempre tem salada.” (A1; E3; I3; J3; L3) (grande força e baixa amplitude)*

### **C- A produção agroecológica e de autoconsumo significa liberdade e autonomia.**

*“A gente no passado, produzia quase tudo! teve uma época que a gente teve integração de frango e integração de fumo, naquele período ali se deixou o autoconsumo meio de lado. Na produção de fumo, a criança é proibida de ir na roça. Foi parado com a produção integrada e produzindo para o autoconsumo e produzindo para a feira. Hoje a quantidade de variedade de alimentos é bem grande, acredito assim que a cada ano vai ser mais. Aqui as crianças tem a liberdade de colocar a mudinha na cova lá e depois elas colherem aquilo que plantou. Então, tem liberdade, autonomia, você se auto-gestiona, você comanda, tem uma parceria com a natureza que quanto mais você contribui com ela, mais ela contribui contigo. Não precisa estar se matando de trabalhar pra ter um, e passar dez para o outro. Eu fiz o curso de técnico em agroecologia, através deste curso que a gente foi modificando, com a produção orgânica, melhorando essa questão do autoconsumo... com este intuito de estar produzindo pro autoconsumo e vendendo o excedente também.” (A1; B1; C1) (grande força e baixa amplitude)*

### **D- Significa Saúde.**

*“Significa saúde, segurança alimentar, uma segurança do futuro, sabendo que as crianças estão crescendo com um organismo mais forte pro futuro gerar crianças com mais saúde, porque a gente mesmo que ta produzindo um alimento mais saudável e não ta correndo tanto risco, de comer um alimento tóxico. Voltando um pouco pra parte da medicina, o alimento sendo o medicamento da gente! Que ta aqui ao alcance da gente! E criar um hábito nas crianças também delas crescerem sabendo que se pode produzir e saber colher o alimento. A gente deve cuidar da água, dos alimentos... então tem que ter muito cuidado com isso aí... como é que produz! Onde é que produz! E principalmente cuidar o veneno... tem muitas doenças que vem disso, a gente tem que cuidar o que come e o que vende. Eu acho que cada um deveria se esforçar um pouco mais, que ao mínimo os alimentos que consomem... cuidar mais com o veneno! Nos grandes centros a preocupação é maior, as pessoas já procuram e sabem o que é o orgânico. Nas cidade menores, que não tem tanta procura. Acho que essa é a questão mais importante, quanto menos agrotóxico.” (B1; C1; D2; F2; K3) (baixa força e alta amplitude)*

### **E- Significa economia de recursos financeiros**

*“A gente vai produzindo para o autoconsumo, para ajudar nas despesas da família, é importante porque a gente tem o alimento e não precisa comprar, é uma despesa a menos para a casa. Não depende de gastar em mercado, de gastar o dinheiro! Não precisa puxar do bolso pra colher, é só arrancar uma mandioca e colocar na panela, custo zero praticamente. Como meus pais plantavam a gente vem cultivando tem essa tendência de plantar. Se tu pode e tem condição, saúde para trabalhar, se distraí, sai de dentro de casa, o que a gente pode fazer, até que dá para fazer tem que aproveitar! (E2; G3; H3; I3; J3; L3) (alta força e baixa amplitude)*

## **F- Produz para o autoconsumo, pois é um histórico familiar.**

*“Hoje já nós tem esse produto que colhe na agricultura porque a gente já vem dos meus pais, meus avós que tudo mundo plantava e colhia. Então a gente tem aquela procedência de plantar e colher porque é economia. O pai nunca compro sem necessidade, sempre produzia! Não é sempre que a gente tem, mas tenta fazer pra ter, as verduras principalmente. E tudo isso veio da família, a gente nasceu na roça e a mãe e o pai ensinaram assim, que a gente tem que trabalhar, tem que produzir, plantar as coisas para o consumo. Parece que a gente acostumou tanto, que parece que se não vai fazer não se sente bem. Vem das raízes da família! Da criação!” (H3; J3; L3) (grande força e baixa amplitude)*

### **5.2.4.1 Interpretação dos DSC referente aos significados de produzir alimentos para o autoconsumo.**

Quanto aos significados de produzir alimentos para o autoconsumo, a ideia que relaciona este cultivo com a saúde está presente em todos os grupos de sujeitos e com grande força.

Outros significados foram elencados pelos entrevistados e apresentam-se com grande força, porém concentrados em determinados grupos, como pode ser observado abaixo:

- Significa independência, com a garantia de acesso aos alimentos, e também liberdade e autonomia: fortemente presente no grupo de agroecológicos.
- Significa ter alimentos saudáveis, saborosos e com procedência conhecida para alimentação da família; Significa economia de recursos financeiros; Estes alimentos também são produzidos devido ser um histórico familiar: fortemente presente no grupo de integrados.

As ideias pertinentes a esta categoria, estão no Quadro 6.

**Quadro 6 - Intensidade/ Força e Amplitude (pergunta 4)**

Baixa força	Alta força	
	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Significa Saúde.</li> </ul>	<b>Alta Amplitude</b>
	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Significa independência, com a garantia de acesso aos alimentos.</li> <li>• Significa ter alimentos saudáveis, saborosos e com procedência conhecida para alimentação da família.</li> <li>• A produção agroecológica e de autoconsumo significa liberdade e autonomia.</li> <li>• Significa economia de recursos financeiros.</li> <li>• Produz para o autoconsumo, pois é um histórico familiar.</li> </ul>	<b>Baixa Amplitude</b>

Fonte: Elaboração da autora, 2016

A relação da produção de alimentos para autoconsumo com a saúde, foi uma ideia que esteve compartilhada por todos os grupos estudados. Enfatizando o aspecto que consumir alimentos produzidos sem a utilização de veneno é responsável por evitar o aparecimento de doenças, as quais estariam expostas ao consumo caso não tivessem estes alimentos disponíveis. Outro aspecto relevante é a qualidade nutricional da alimentação da família, que dispõem de alimentos com produção própria.

Para muitos a produção de autoconsumo representa a única ou principal fonte de frutas, verduras e legumes, caso não tivessem estes alimentos disponíveis, a ingestão de nutrientes importantes estaria comprometida, representando um agravante para a saúde e segurança alimentar dos mesmos (AMARAL et al., 2016).

Para Wagner et al., (2007) a “comida da colônia” é valorizada como sendo “natural” e “forte”, ao contrário dos alimentos industrializados e comercializados, que são considerados mais “leves” e “fracos” e que não é “natural”, em virtude da presença de produtos químicos que oferecem risco à saúde.

Também foi evidenciado que os alimentos produzidos pela família possuem um sabor diferenciado, são saudáveis proporcionando uma alimentação melhor para os indivíduos, com alimentos frescos e com regularidade e principalmente pela segurança de saber o que está comendo.

Assim, considero que a produção de alimentos para autoconsumo exerce uma função estratégica para a garantia da segurança alimentar e nutricional (SAN) destes indivíduos. Para Contini, et al (2012), a SAN representa a autonomia das famílias em gerar a renda necessária para dispor de alimentos para seu consumo.

Aos alimentos produzidos e processados “em casa”, é atribuído um sabor específico, vinculado à história e trajetórias familiares (DUARTE, 2012). Segundo Pereira (2015), as famílias reconhecem que os alimentos produzidos localmente possuem um diferencial, distinguindo o sabor, textura e aparência dos alimentos, considerando esses alimentos como verdadeiros alimentos.

Os agricultores que produzem os seus alimentos e matérias primas necessárias para seu consumo e dos animais na unidade produtiva, diferenciam-se dos demais, visto que diminuem a dependência de obter insumos externos para sua atividade produtiva, satisfazendo as suas necessidades com o uso destes ou utilizando-os para troca, comercializando excedentes ou mesmo trocando-os (BRASIL, 2013).

Em relação às trocas, Norder (2004) ressalta que a produção de alimentos possui uma relevante dimensão comunitária. Produtos que não são destinados à comercialização, ou por algum motivo não o fazem, integram um universo de trocas entre vizinhos e familiares. O autor evidencia a produção de autoconsumo como elemento de construção da segurança alimentar e nutricional em assentamentos rurais.

Os alimentos que normalmente circulam entre as famílias rurais são: carne bovina, carne suína e derivados, ovos, derivados de leite, pães, biscoitos, frutas e hortaliças. As trocas garantem que todos tenham uma maior

variedade de alimentos disponíveis para alimentação da família (MENASCHE, et al., 2008).

São princípios da segurança alimentar e nutricional relacionados à produção de alimentos para autoconsumo, o acesso e disponibilidade de alimentos, a qualidade, a adequação aos hábitos alimentares locais, respeito às práticas de preparo e consumo de alimentos, preservando a cultura alimentar destes indivíduos (BRASIL, 2013). Além destes elementos, Grisa; Scheneider (2008), também ressaltam que os camponeses se orgulham de consumir os frutos do trabalho de sua família sobre a terra.

Para Zanetti; Menasche (2007) a produção de autoconsumo garante a segurança alimentar e nutricional, pois está enraizada na história vivida pelos indivíduos, é diversificada, tem qualidade e está disponível durante todo o ano para as famílias.

Em seu estudo, Contini et al., (2012) conclui que a disponibilidade de alimentos, está relacionada com uma alimentação mais saudável e nutritiva realizada pelas famílias, sendo que a produção de autoconsumo facilita o acesso regular desses alimentos, atendendo aos critérios de SAN.

O alimento produzido na propriedade rural apresenta valores que compreendem a soberania alimentar, a segurança alimentar e nutricional, assim como o fortalecimento econômico da família (DUVAL, 2009).

Agricultores integrados justificaram que mantêm a produção de autoconsumo em virtude de ser um hábito cultural historicamente enraizado em sua família. Nota-se que apesar da atividade desenvolvida ser fortemente influenciada pela mercantilização, estes indivíduos não medem esforços para manter essa produção pelo que ela representa para os mesmos.

A produção de alimentos para autoconsumo é influenciada pelo repertório cultural dos agricultores, visto que suas ações e comportamentos são orientados por noções estratégicas de como a agricultura deve ser praticada. Esta produção é uma “herança que vem de casa”, e do grupo social pertencente de modo mais amplo (GRISA, 2007b).

A produção de autoconsumo possui o atributo de ser aprendida com a família. Acompanhar a rotina de trabalho dos pais possibilita o aprendizado e o conhecimento, para quando o indivíduo constituir uma nova família satisfazer

parte das suas necessidades alimentares por meio do próprio trabalho sobre a terra (GRISA, 2007b).

Outro fator que explica o significado de produzir alimentos para autoconsumo é a economia de recursos financeiros, aspecto muito discutido na literatura, visto que quando se dispõe dos alimentos na propriedade para alimentação dos indivíduos não é necessário comprá-los.

A produção para autoconsumo proporciona economia, pois evita a compra de elementos necessários para alimentação do grupo familiar. Assim, o valor economizado pode ser utilizado para outras necessidades. Apesar de reconhecer a importância desta fonte de renda, a maioria dos agricultores não consegue estimá-la em valores, visto que não há um hábito de contabilizar estes alimentos. (GRISA, 2007b).

Segundo Grisa (2007b), produzir para consumo familiar é uma estratégia que aumenta a qualidade de vida e a condição socioeconômica das famílias de agricultores, sendo que muitos outros segmentos sociais em situação de pobreza não apresentam esta possibilidade.

Nesse sentido, podemos ainda citar a alternatividade, característica que possibilita que os alimentos produzidos sejam consumidos ou transformados em valores de troca, proporcionando uma maior autonomia às famílias. Assim, o autoconsumo representa um instrumento de proteção frente às incertezas e oscilações da produção mercantil (BRASIL, 2013).

Ao observar os valores economizados a partir da produção própria de alimentos, contabilizados à renda e contrapostos à linha de pobreza, nota-se que o autoconsumo é responsável por retirar muitas famílias da pobreza e ainda garantir a segurança alimentar destas, evidenciando a sua importância econômica e social (GRISA, 2007b).

Em seu estudo Minetto (2011), demonstrou que os alimentos para autoconsumo não são contabilizados pelas famílias, mas são de suma importância para sua manutenção. Seus resultados apontaram que cerca de 71% dos alimentos consumidos pelos indivíduos eram oriundos de produção própria (que representou 1,8 salário mínimo) e 29% adquiridos em mercados.

O grupo de agricultores agroecológicos, quando questionados em relação aos significados, se remetem para a autonomia, liberdade e independência que a produção de alimentos os proporciona. É interessante

ressaltar, que dois destes produtores ao relatarem o que os motivaram a iniciarem a produção agroecológica, foi exatamente a busca por esta autonomia, visto que anteriormente eram também avicultores integrados (Figura 7). Nesse sentido, também pode-se observar que esta mudança é responsável por uma maior diversificação na produção. Também compararam a sua liberdade com a pressão exercida sobre os produtores de fumo, como pode ser observado neste trecho: *“Na produção de fumo, a criança é proibida de ir na roça. Aqui as crianças têm a liberdade de colocar a mudinha na cova lá e depois elas colhem aquilo que plantou”*.

**Figura 8 Da avicultura à criação tradicional de aves**



Fonte: Pesquisa de campo, setembro de 2016.

Além da autonomia obtida através da alternatividade desta produção, é importante ressaltar como esta se expressa também no processo produtivo. Decidir o que produzir, como produzir, e por que produzir determinados alimentos, motivados e orientados pela decisão do grupo familiar e em “parceria com a natureza”, como relatado por um agricultor, diferencia este grupo de agricultores dos demais.

O autoconsumo reaproxima o homem da natureza. Conhecendo os potenciais, limitações, como e quando plantar cada cultura, permite a unidade familiar gerir e aproveitar melhor os recursos (BRASIL, 2013).

Para Pereira (2015), a produção de autoconsumo é um elemento essencial para conquista da soberania alimentar<sup>17</sup>. Para garantir a liberdade, os povos precisam ser soberanos, e esta soberania perpassa pela alimentação. A soberania alimentar é conquistada na produção local de alimentos, respeitando a cultura e o modo de vida das comunidades. Nesse sentido, as práticas agroecológicas promovem a soberania alimentar, através do resgate da cultura alimentar, com a revalorização das práticas alimentares e cultivos tradicionais.

Nas últimas décadas, os conceitos de soberania alimentar e sistemas de produção baseados na agroecologia ganharam atenção, diante das tendências globais e da Revolução Verde. Felizmente, ainda compõem a paisagem rural, milhares de pequenas explorações tradicionais. Métodos agroecológicos, podem otimizar a produtividade e a sustentabilidade de tais agroecossistemas, e desta maneira formar a base da soberania alimentar. Esta que representa o direito de cada região manter a sua capacidade de produzir colheitas de alimentos básicos com a diversidade de cultivos correspondente. O conceito de soberania alimentar engloba o acesso dos agricultores à terra, às sementes e à água, enfocando a autonomia local, os mercados locais, os ciclos locais de consumo e de produção local, a soberania energética e tecnológica e as redes de agricultor a agricultor (ALTIERI, 2010).

Conforme Pereira (2015), a autonomia alimentar de famílias rurais é garantida e pode ser observada, através da diversidade de alimentos à mesa, proveniente da conservação e manutenção das espécies e cultivares crioulas. Para Ribeiro et al., (2014), o autoconsumo representa uma estratégia sustentável de reprodução e de uso de recursos.

Para Schneider (2006), a agricultura camponesa representa a base para um modelo de desenvolvimento rural, através da ampliação da autonomia dos atores envolvidos sem deixar de gerar crescimento econômico. Nesse sentido,

---

<sup>17</sup> A soberania alimentar significa o direito dos países definirem suas próprias políticas e estratégias de produção, distribuição e consumo de alimentos que garantam a alimentação para a população, respeitando as múltiplas características culturais dos povos em suas regiões. São desafios para a garantia do direito humano à alimentação adequada e da soberania e segurança alimentar e nutricional: a necessidade de respeitar a diversidade cultural e de formas de organização e produção, de modo que as comunidades tenham sua autonomia para produzir e consumir seus alimentos; e a importância de avançar na realização da reforma agrária, na regularização fundiária e no reconhecimento dos territórios para que os povos tenham maior autonomia para produzir seus alimentos (BRASIL, 2015).

a produção de alimentos para autoconsumo diz respeito a uma forma de autonomia, que garante a subsistência de muitas famílias.

Assim, Meinen (2013) fala de um novo modelo de desenvolvimento rural, com foco na valorização do ator social, dos meios de produção internos da propriedade, do meio ambiente e ecossistema, oportunizando ganhos financeiros de outras formas, seja pluriativas ou que valorizem mais o local rural à produção de grande escala de *commodities*.

### **5.2.5 Fatores que dificultam a produção de alimentos para autoconsumo.**

Em relação a fatores que dificultam a produção de alimentos para autoconsumo, são apresentadas quatro categorias.

#### **A- Tempo, mão de obra e equipamentos adequados a pequena produção são limitantes.**

*“Falta de mão de obra, falta de equipamento, falta de água, falta do governo fazer credito com juros baixos para aquisição de equipamentos pequenos e baratos, requer conhecimento e trabalho! Exige trabalho, porque tem que ta produzindo fertilidade, tem que ta manejando a adubação, tem que ta cuidando da semente, então requer trabalho, cuidado, atenção. Precisaria mais pesquisas e desenvolver máquinas adequadas a nossa realidade, pra agricultura pequena, equipamentos práticos. Então falta esse olhar pra gente ainda, porque se a gente tivesse equipamento, um sozinho fazia 5, 6 vezes mais do que se faz hoje. A mão de obra é um limitante, tenho quatro filhos, mas só um pequeno em casa, então com as outras atividades que a gente tem, não conseguimos diversificar como precisaria a produção de alimentos para autoconsumo. As vezes prejudicando até a própria saúde, porque você se sobrecarrega nas coisas! A dificuldade qual que é: o mundo contra o agroecológico! Na verdade nós estamos lutando na resistência mesmo!” (A1; B1; C1; H3; I3) (grande força e baixa amplitude)*

#### **B- Incerteza em mercados institucionais.**

*“O PNAE é uma lei que eu não sei até quando vai... daqui um pouco, os políticos vão falar: vamos parar de pegar desses agricultores e comprar no mercado! O futuro, não sei... por isso que eu falo para os companheiros a gente criar outros leques, não ficar amarrado aí aos programas que a gente não sabe até quando, mas uma coisa é que a gente tem esperança e que o pessoal precisa comer todos os dias, então temos que criar outros viés, via supermercado, cooperativa, ir criando outras opções pra que a gente não fique ao vez com uma “perna só”, porque uma mesa de pé só não fica em pé!” (B1) (baixa força e baixa amplitude)*

**C- Não há dificuldade em produzir para autoconsumo, mas é necessário aumentar a produção e a dedicação em produzir para autoconsumo.**

*“Acho que não tem muita dificuldade, não é difícil de produzir, pelo menos para o consumo da família... não é difícil. Só se não tiver vontade de plantar! Porque tem tudo: adubo, água... mas se não tiver vontade de plantar aí não sai nada! O tempo de produzir esse alimento, a gente nem conta, porque é uma coisa que a gente acha que tem que fazer... Que nem para mim é uma coisa boa, você vai lá ver se ta nascendo, se ta crescendo, desenvolvendo... eu acho que é tipo um passa tempo. A gente precisa se dedicar mais, talvez a gente não está se dedicando quanto precisaria, nessa questão de autoconsumo, deveria ter mais variedade e mais coisas pra consumir.” (F2; G3; J3 L3) (grande força e baixa amplitude)*

**D- Os custos de produção aumentaram.**

*“Acho que a maior preocupação da gente e o maior problema é os custos das coisas que a gente busca pra produzir na propriedade, está tudo muito caro. A minha atividade principal seria a parte de grãos, para vender, esses outros a gente produz só para comer, e tem coisas que até a gente plantar, entrar no mercado e vender.. tem que ter bastante dinheiro pra girar, tem que ter um capital.” (D2; F2; K3) (baixa força e baixa amplitude)*

**5.2.5.1 Interpretação dos DSC referente aos fatores que dificultam a produção de alimentos para autoconsumo.**

Quando indagados sobre fatores que dificultam a produção de alimentos para autoconsumo, observa-se que duas ideias estão fortemente presentes, porém concentradas em determinados grupos. O tempo, mão de obra e equipamentos adequados à pequena produção foram ressaltados como limitantes para os agricultores agroecológicos e também por integrados. A ideia de que não há dificuldade em produzir para autoconsumo, mas que é necessário aumentar a produção e a dedicação em produzir estes alimentos esteve presente no discurso de agricultores integrados.

Um agricultor agroecológico também evidenciou a incerteza em mercados institucionais. Já a ideia de que os custos de produção aumentaram, esteve presente no grupo dos orgânicos e integrados, porém com maior força no dos orgânicos, como pode ser observado no quadro 7 abaixo.

**Quadro 7 - Intensidade/ Força e Amplitude (pergunta 5)**

Baixa força	Alta força	
		<b>Alta Amplitude</b>
<ul style="list-style-type: none"> <li>• Incerteza em mercados institucionais.</li> <li>• Os custos de produção aumentaram.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Tempo, mão de obra e equipamentos adequados a pequena produção são limitantes.</li> <li>• Não há dificuldade em produzir para autoconsumo, mas é necessário aumentar a produção e a dedicação em produzir para autoconsumo.</li> </ul>	<b>Baixa Amplitude</b>

Fonte: Elaboração da autora, 2016

Pode-se observar que as famílias realizam as práticas de autoconsumo influenciadas pelas potencialidades e dificuldades enfrentadas na propriedade rural.

Os espaços destinados à produção para autoconsumo são definidos a partir do planejamento de cada família, que leva em consideração a disponibilidade de terras, mão de obra, insumos e água (GADELHA; MALUF, 2008). Cardoso (2011), também ressalta que acesso ao crédito, capital disponível, falta de mão de obra, preço dos produtos, tempo disponível, são fatores que influenciam a produção de autoconsumo, que é orientada em primeiro lugar para atender às necessidades da família e a sua manutenção no meio rural.

Em seu estudo, Hirai (2008) demonstra o desânimo e dificuldade de agricultores familiares em conciliar os gastos da produção com os preços de

venda de seus produtos no mercado, apontando para a falta de apoio institucional e a ausência de uma política agrícola competente e diferenciada para a agricultura familiar.

Os custos de produção são elevados pelo uso de inovações, contudo os preços dos produtos agrícolas estão cada vez mais baixos, diante de uma concorrência que vem de dentro e de fora do Brasil (ANJOS et al., 2009).

Segundo Anjos et al., (2009) as pressões realizadas pelas empresas e circuitos mercantis, fazem com que as famílias intensifiquem o ritmo de trabalho, ampliem a escala de produção e busquem a especialização em determinados cultivos ou criações, estas seriam transformações observadas na agricultura familiar que justificam também a diminuição da produção de alimentos para autoconsumo.

A principal causa para a diminuição das atividades de processamento de alimentos em casa, é a falta de tempo. Esta está relacionada com a diminuição da mão de obra disponível na propriedade rural (WAGNER et al., 2007).

A falta de tempo para dedicar-se ao autoconsumo, fere a autonomia camponesa idealizada e também expõe a família ao consumo de alimentos de procedência desconhecida. Assim como a redução da mão de obra disponível, decorrente da redução no número de filhos, é um agravante nos estabelecimentos rurais para manutenção de práticas de cultivo e criação (ANJOS et al., 2009).

O contexto de mercantilização e externalização da agricultura afeta a produção de alimentos para autoconsumo. Os agricultores dedicam-se na produção de produtos comerciais, visíveis e sancionados pelo mercado e acabam diminuindo o tempo e espaço destinados ao trabalho invisível, para produção de alimentos para autoconsumo (GRISA, 2007).

Outro fator apontado pelos entrevistados, foi a inexistência de equipamentos adequados à pequena produção e justaposto a isso, a dificuldade de acesso ao crédito. Para Gadelha; Maluf (2008), famílias que apresentam o autoconsumo como principal fonte de acesso à alimentação da família, geralmente não acessam programas de crédito para custeio, seja para

suas plantações ou criações, não recorrendo também a financiamentos e empréstimos para as atividades produtivas.

Segundo Chimello (2010), o Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar (Pronaf) criado em 1995, possui algumas contradições, visto que fortalece condições adversas à reprodução social dos agricultores, quando apoia e fortalece a produção agropecuária, a especialização produtiva e a inserção mercantil dos agricultores familiares nas cadeias agroindustriais de grãos e *commodities* agrícolas.

### **5.2.6 O planejamento da produção de alimentos para autoconsumo.**

Quando os entrevistados discorreram sobre o planejamento da produção de autoconsumo, também classificamos os depoimentos em cinco categorias.

#### **A- O planejamento respeita a época.**

*“A gente tem que procurar sempre plantar nas épocas certas, acho que essa é a principal questão, mas tem que apurar ao menos uns 20 dias, antes que ao redor de nossa propriedade os cara plantam o transgênico, porque depois ele colhe e o nosso não ta pronto, aí o bichinho vem tudo na nossa lavoura, aí já é difícil.” (A1; D2) (baixa força e baixa amplitude)*

#### **B- Sofre influência da demanda comercial.**

*“A princípio a gente planta o que mais tem saída, o que mais o pessoal quer! Então esse ano a gente deu prioridade para produtos para o PNAE, a gente escolheu por ter menos mão de obra, menos investimento e mais retorno financeiro e mais rápido, e também por ser uma venda garantida. Outra questão também é que não precise muita água, para produzir e que possa ser vendido sem processamento.” (B1) (baixa força e baixa amplitude)*

#### **C- É observado o gosto alimentar e a questão da mão de obra.**

*“O certo é planejar na família! Primeiro pra comer né, aí a gente tenta algumas coisas ampliar. Mas planejamento na verdade é primeiro o básico, encher a barriga! o que a gente gosta de comer! De comer tem que ter de tudo. Tem coisas que falam que não dá dinheiro... se não gosta, aí não planta. Não dá dinheiro, mas enche a barriga! Então não interessa quanto custa, o que interessa é que eu to de barriga cheia e de comida boa! Tem coisas então que para comer tem que produzir, eu troco semente e mudas com familiares e vizinhos.” (C1; F2; I3) (baixa força e alta amplitude)*

#### **D- Tem liberdade e autonomia no planejamento da produção**

*“Eu vejo assim, que o agronegócio decide pelo valor da venda, nós não... tem que ter tudo de comer. Algumas coisas tem que produzir a mais, porque o povo tá querendo! E como a propriedade é pequena, tem que produzir alimento! Então a gente tá planejando, eu quero aumentar a agrofloresta, pra produzir cada vez mais, e a gente vê lá na feira... falta alimento, quanto ainda necessita de alimento, e alimento de qualidade! Esse é o objetivo da propriedade! Melhorar, diversificar mais e esquecer.. ganhar dinheiro, nós não vamos ficar rico, não adianta, porque o sistema capitalista não deixa, só vai servir para o sistema se for grande, que for engolindo cada vez um que ficou mais pra baixo, mas pra viver bem não precisa de dinheiro! E tentar passar essa ideia que a autonomia o autodomínio começa com a alimentação! O planejamento é um fator que entra na liberdade de escolha, porque quem produz leite querendo ou não o laticínio determina o preço, o produtor acha que vai ganhar um preço, chega o cheque tá um preço mais baixo e ele tem que aceitar quieto, reclama e fica bravo com o laticínio, mas não tem vez e voz pra fazer nada. Isso acontece também com quem planta fumo, que tem bastante aqui na nossa região, a empresa coloca o preço nos insumos, o produtor pega o boleto e se obriga a pagar e pronto. Eu tinha três aviários aqui, eu trabalhei 15 anos no aviário e só sobrou , cançasso e uma calunha nas costas, então quer dizer.. toda integração não presta! Ganha 1 real, mas tem que dar mais 10 pro outro, então você transfere renda, não fica pra ti! Eu perdi 15 anos da minha vida! Talvez se tivesse começado mais antes com a agroecologia hoje a propriedade estaria mais equilibrada. Então a gente tem essa liberdade de escolher o que vai plantar, que preço vai vender, qual a quantidade que vai plantar e pra quem vai vender!” (B1; C1) (baixa força e baixa amplitude)*

**E- Os avicultores são integrados e o planejamento é executado pela empresa. Para estes o planejamento das atividades da propriedade é voltado principalmente para atividades comerciais.**

*“Quem tiver mais tempo faz o cultivo das frutas e hortaliças, isso vice versa. Amendoim e essas coisas para casa, sobra mais pra mim... porque ele já tem outras coisas! As saladas só pro gasto, quando tem um tempinho vai na horta vê se tem bichinho, passa uma cinza por cima. A gente já mais ou menos sabe o que vende , então em cima disso a gente sempre compra as mudas ou as sementes. Nós plantamos lavoura, desta o planejamento é nós mesmo que faz, agora nós temos acompanhamento do técnico da Emater. Para lavoura tem um planejamento, tem uma conversa, se vamos plantar soja... na safrinha vai milho ou vai feijão, então é tudo planejado. E na questão do aviário, esse planejamento vem tudo de lá, a gente só praticamente só cuida, então a questão de aviário não é muito com a gente... é com eles lá, com a empresa que planeja tudo isso, a gente tem que só cumprir as ordens deles. A empresa dá o frango, o pintainho, a ração e nós produzimos para ela. a gente só entra com a mão de obra e produz o frango para eles. O técnico da firma vem e explica como que faz, ele que dá assistência. Lá tem um painel, ele vem ali e faz o manejo das coisas... a gente só respeita o aparelho no caso, ele que faz pra nós. Mas sempre tem que tá por perto, ficar de olho, e ficar caminhando por dentro pra incentivar a comer, essas coisas, tem que sempre estar por perto, não pode estar meio desligado, porque quando vê se vai! Acho que é uma coisa favorável, porque eles já trazem a ração pronta, o alimento pronto, então é só a gente entrar com o barracão e a mão de obra, cuidar como serviço do manejo. Então fica mais viável pra gente por isso, aí a gente financia o barracão, quem tem condição faz a vista e o alimento eles trazem tudo preparado, certinho, então fica mais fácil a gente trabalhar. A mão de obra não envolta muito, você ficar parado ou trabalhar tem que comer igual, você tá gastando e já tá trabalhando. Tem épocas boas e tem ruins, crises , então tem que seguir.” (G3; H3; I3; K3; L3) (alta força e baixa amplitude)*

**5.2.6.1 Interpretação dos DSC referente ao planejamento da produção de alimentos.**

Em relação ao planejamento da produção de alimentos, no grupo de integrados esteve fortemente presente a afirmação de que o planejamento é executado pela empresa, sendo que este é voltado na propriedade principalmente para as atividades comerciais.

Em todos os grupos foi relatado que o planejamento observa o gosto alimentar e a questão de mão de obra, porém com baixa força nos discursos.

Outras ideias foram elencadas em determinados grupos e com pouca força, como: o planejamento respeita a época; sofre influencia de demanda comercial e que há liberdade e autonomia no planejamento da produção. Em relação a liberdade e autonomia, nota-se que esta é destacada apenas por agricultores agroecológicos, descrito no quadro 8.

**Quadro 8 - Intensidade/ Força e Amplitude (pergunta 6)**

Baixa força	Alta força	
<ul style="list-style-type: none"> <li>• É observado o gosto alimentar e a questão da mão de obra.</li> </ul>		Alta Amplitude
<ul style="list-style-type: none"> <li>• O planejamento respeita a época.</li> <li>• Sofre influência da demanda comercial.</li> <li>• Tem liberdade e autonomia no planejamento da produção.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Os avicultores são integrados e o planejamento é executado pela empresa. Para estes o planejamento das atividades da propriedade é voltado principalmente para atividades comerciais.</li> </ul>	Baixa Amplitude

Fonte: Elaboração da autora, 2016

Quando os avicultores são questionados em relação ao planejamento, rapidamente se remetem a afirmação de que este é executado pela empresa. Nota-se que neste grupo a atenção está voltada principalmente para as

atividades comerciais. A condição dos avicultores é contrária aos princípios que a agroecologia prioriza para o desenvolvimento das unidades produtivas (Figura 8)

**Figura 9 Aviário do sistema de integração**



Fonte: Pesquisa de campo, setembro de 2016.

A agroecologia baseia-se em métodos de desenvolvimento endógeno, com o manejo ecológico dos recursos naturais. Já o agronegócio, apresenta uma lógica contrária, com a difusão de soluções prontas aos agricultores (BORSATTO, 2011).

Conforme Borsatto (2011), no contexto do agronegócio, os agricultores são obrigados a aumentarem continuamente seus custos de produção, sob o risco de serem expulsos de suas atividades agropecuárias. Esta relação é denominada de *treadmill*. Esta relação vertical pode ser observada entre os avicultores.

As famílias perderam a autonomia, passando para uma posição subordinada e cada vez mais vulnerável em relação aos mercados. Este fato decorre da simplificação dos sistemas de culturas, da especialização e intensificação produtiva e do produtivismo (ANJOS et al., 2009).

Os agricultores agroecológicos ressaltaram em seus discursos a sua liberdade e autonomia no planejamento da produção de alimentos, fato que valorizam através do seu sistema produtivo.

A agroecologia é definida como um modo de vida, como uma linguagem da natureza, e não uma mera tecnologia ou sistema produtivo, apresentando como premissas os direitos coletivos e o acesso aos bens comuns (Declaração do Fórum Internacional sobre Agroecologia, 2015).

Objetiva exatamente atribuir aos agricultores o protagonismo no sistema agroalimentar, conferindo-lhe autonomia, ou seja, uma lógica inversa a perspectiva do agronegócio. Ela está focada nas relações multidimensionais de um agroecossistema: ambientais, sociais, econômicas, culturais, políticas e éticas (BORSATTO, 2011).

A agroecologia está associada à autonomia do agricultor no sistema produtivo, ao desenvolvimento sustentável (nas dimensões ambiental, social e econômica), à promoção da saúde, à segurança alimentar e nutricional, à justiça social, fortalecimento de ações locais, à identidade do agricultor (WARMLING; PIRES, 2016).

Segundo Borsatto (2011) só é possível internalizar as propostas fomentadas pela Agroecologia, com uma lógica de “agricultura como modo de vida”, ou seja, com uma agricultura camponesa. A agricultura familiar possui características que propiciam a ela atender os princípios de sustentabilidade no enfoque da agroecologia, como o controle sobre os meios de produção, sobre a terra e sobre os processos de trabalho.

No contexto da agricultura familiar, podemos citar o importante papel da mulher como responsável pela diversidade do agroecossistema, visto que elas geralmente cuidam dos cultivos e criações que serão consumidas pela família, apresentando um papel relevante para a segurança alimentar da unidade familiar (BORSATTO, 2011). Junto à segurança alimentar, podemos citar também a autonomia da unidade familiar, que desta forma, dispõem de alimentos diversificados, conferindo-lhe alternatividade na propriedade.

A Declaração do Fórum Internacional sobre Agroecologia (2015) enfatiza que a agroecologia é um elemento essencial para construção da Soberania Alimentar. A produção de alimentos agroecológicos, gera o conhecimento local, justiça social, alimentam a identidade e a cultura, bem

como aumenta a viabilidade econômica no meio rural. Também é entendida como uma forma de resistência ao sistema econômico capitalista, que prioriza a lucro à vida. Baseada em princípios ecológicos, na preservação da vida do solo, na reciclagem de nutrientes, na gestão dinâmica da biodiversidade e na conservação da energia em todas as escalas, a agroecologia reduz de forma drástica a utilização de insumos externos.

A Carta Agroecológica de Belém (2015), evidencia que a sociedade é responsável pela construção do bem viver, orientada pelos princípios da cooperação e da solidariedade. Esta premissa é oposta aos fundamentos do liberalismo econômico, que estimula os indivíduos na busca pelo viver bem, pautado na competição mercantil que se sobrepõe às possibilidades do viver coletivo. A construção do bem viver deve partir de ações locais e globais de forma coletiva. Para tanto, é indispensável à soberania dos povos e comunidades, que representa elemento motivador para luta dos movimentos sociais

Também podemos observar que outros fatores influenciam o planejamento da produção nas unidades familiares, como pode ser observado no quadro 8.

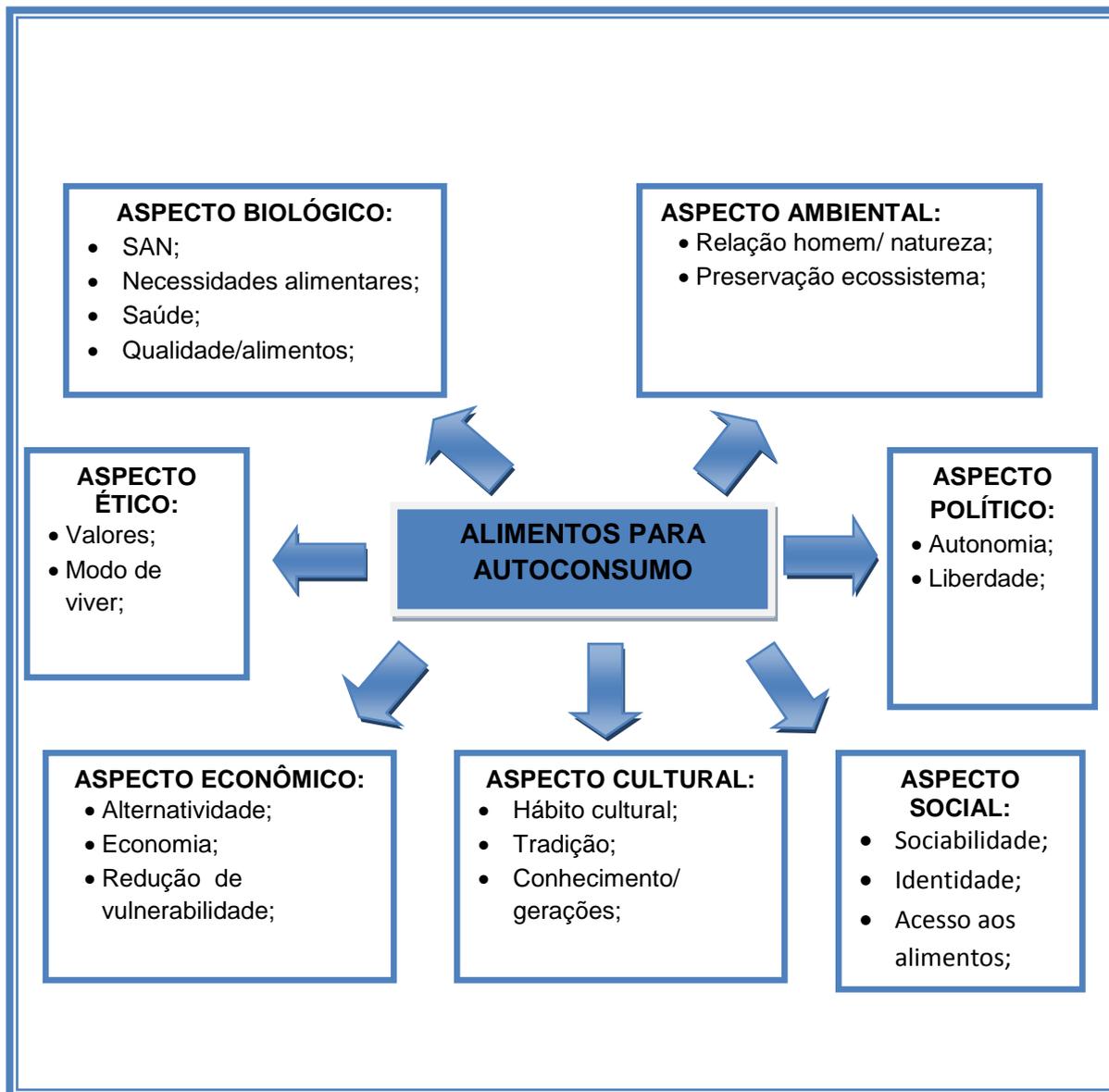
Segundo Cardoso (2011), a gestão das unidades de produção agrícola contam geralmente apenas com a mão de obra do casal. Este é um fator que compromete a diversificação da produção de alimentos para autoconsumo, levando as famílias a adquirirem produtos nos mercados.

A decisão do que produzir, também perpassa as preferências alimentares das famílias, bem como as suas práticas de preparo e consumo, como citado anteriormente neste capítulo (GRISA; SCHNEIDER, 2008). Os agricultores, ainda se orientam pela época de plantio das cultivares baseados no conhecimento popular que possuem.

### **5.3 Percepções sobre a produção de alimentos para autoconsumo e a sua relação com a liberdade substantiva**

Diante dos resultados apresentados e da literatura utilizada como referencial teórico, ressalta-se novamente a relevância da produção de alimentos para autoconsumo no âmbito da agricultura familiar. Com o intuito de discutir sobre as percepções obtidas a partir do DSC, apresento abaixo uma figura esquemática.

**Figura 10 A construção do modelo teórico dos aspectos relacionados aos alimentos de autoconsumo.**



Fonte: Elaboração da autora, 2016.

A partir dos depoimentos dos entrevistados, considerou-se a produção de autoconsumo sob sete aspectos: biológico; ambiental; político; social; cultural; econômico e ético. Independente do grupo ao qual as famílias estavam

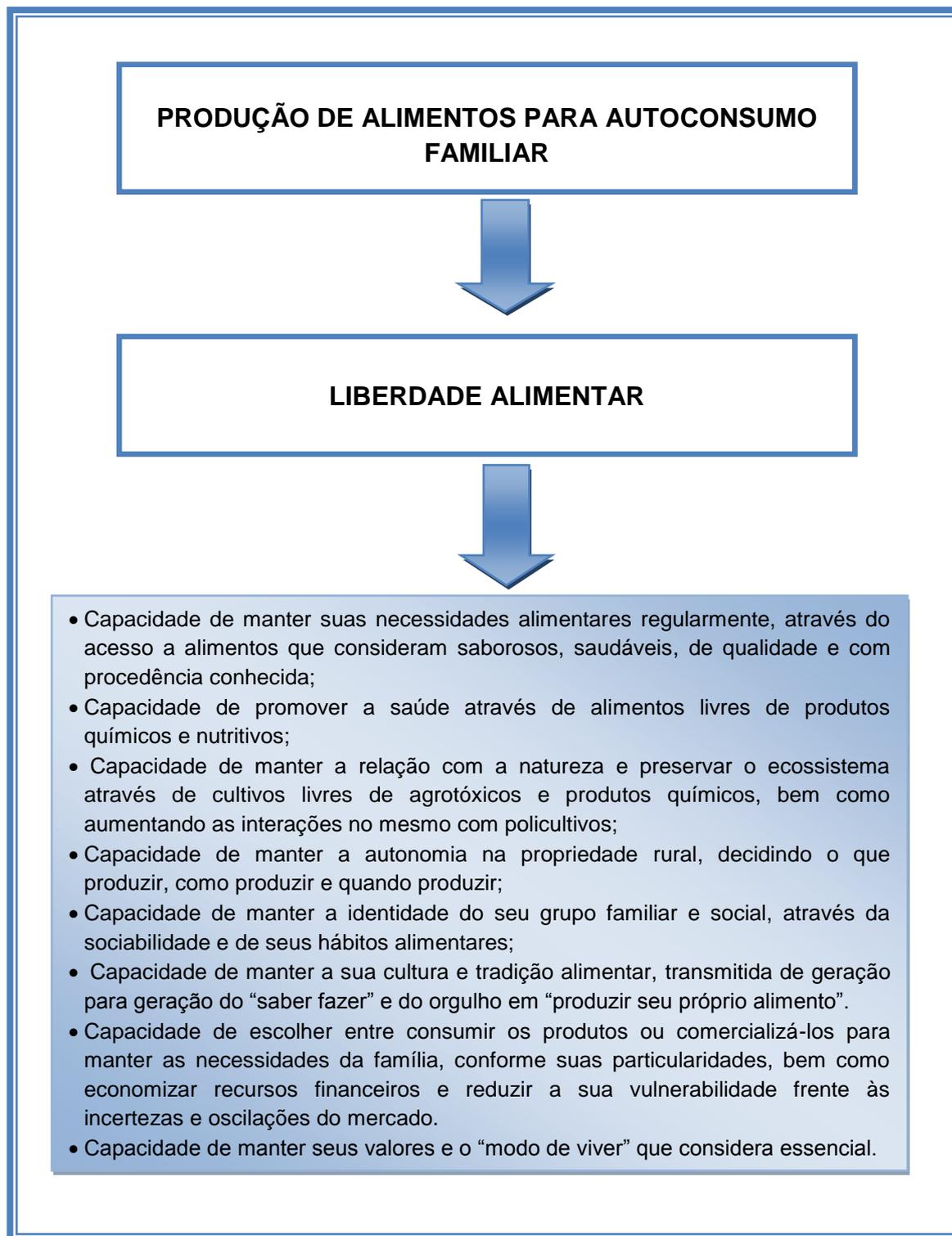
inseridas, tais elementos estavam presentes, seja em maior ou menor intensidade. Contudo, é evidente que o sistema produtivo desenvolvido influencia as percepções destes indivíduos, pois está diretamente relacionado ao seu modo de viver.

Diante destes aspectos, a proposta desafiadora do presente estudo diz respeito à teoria apresentada por Amartya Sen para o desenvolvimento das sociedades, um “desenvolvimento como liberdade”. A alimentação é um elemento essencial à vida, assim é pertinente trazê-la como elemento de discussão frente à produção de autoconsumo e o desenvolvimento.

Para Sen (2010), o desenvolvimento deve estar relacionado à melhora da vida dos indivíduos e de suas liberdades substantivas, ou seja, das capacidades elementares à vida, como a alimentação. Desta forma, quando os indivíduos apresentam expansão de suas liberdades, é possível que eles realizem coisas que justamente valorizem, fazendo com que possam cuidar melhor de si mesmas e também influenciar a sociedade, executando a sua função de agente. Este é o caminho para o verdadeiro desenvolvimento, que prioriza a qualidade de vida, antes dos interesses relacionados à renda.

Desta forma, relaciona-se a produção de alimentos para autoconsumo como uma liberdade substantiva dos indivíduos, sendo relevante no contexto da agricultura familiar estudada, visto que representa a capacidade dos indivíduos de reproduzirem a alimentação que valorizam, bem como expandir outras capacidades, sob os aspectos citados.

Diante das percepções e aspectos elencados referente à produção de autoconsumo, da teoria de desenvolvimento dada por Amartya Sen, e na busca de uma expressão que represente o significado das considerações referentes a essa ampla temática, surge a “Liberdade Alimentar”, ou seja, a liberdade que os indivíduos que dispõem de alimentos para autoconsumo possuem (Figura 11).

**Figura 11 Liberdade Alimentar**

Fonte: Elaboração da autora, 2016

A Liberdade Alimentar está relacionada às capacidades que os indivíduos que produzem alimentos para o autoconsumo desfrutam, ou seja, o que esta produção representa para estes sujeitos. Possuir esta liberdade é tão

relevante e a busca por ela faz parte do modo de viver destes indivíduos, que mesmo enfrentando adversidades eles procuram mantê-la no contexto da agricultura familiar.

Pode-se citar os agricultores integrados, que mesmo criando uma grande quantidade de aves em seus aviários, buscam uma criação diferenciada para os animais que serão consumidos pela família, mesmo sofrendo restrições da empresa integradora. Assim, estes indivíduos buscam a Liberdade Alimentar de sua família, pois valorizam este alimento diferenciado.

Outro fato que pode ser destacado é a produção de alimentos para autoconsumo com o objetivo de consumir um produto livre de agrotóxicos e produtos químicos. Desta forma, a família tem garantia da procedência do alimento e desfruta da Liberdade Alimentar ao consumi-los.

Com a produção de autoconsumo, as famílias conseguem preservar a sua cultura e memória alimentar, mantendo uma alimentação que valorizam e apreciam e que representa seus hábitos e costumes alimentares. Seja pelo modo de cultivar, criar, fazer, temperar, armazenar, pelos ingredientes, etc.

Considero que os agricultores que produzem alimentos para autoconsumo e possuem esta “Liberdade Alimentar”, se desenvolvem enquanto unidade familiar, contribuindo para o desenvolvimento da sociedade na essência do “Desenvolvimento como Liberdade”, visto que propicia melhora na qualidade de vida dos indivíduos.

Vale destacar que a Liberdade que os agricultores desfrutam está diretamente relacionada ao sistema produtivo que os mesmos desenvolvem. Desta forma, é possível identificar aspectos semelhantes entre os grupos de sujeitos e outros que os diferenciam, como pode ser observado no quadro 9.

Assim, ter condições e oportunidades de desfrutar da Liberdade Alimentar ou de ampliá-la, seria um importante elemento para modificação do perfil de uma sociedade, através das capacidades que estes indivíduos possuiriam e da condição que desempenhariam.

**Quadro 9: Aspectos semelhantes e que diferenciam os agricultores agroecológicos, orgânicos e integrados em relação à produção de alimentos para autoconsumo.**

	<b>Agricultores Agroecológicos</b>	<b>Agricultores Orgânicos</b>	<b>Agricultores Integrados</b>
<b>Diferenças</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Apresentam autonomia no sistema produtivo;</li> <li>• O sistema produtivo respeita os princípios de um alimento que consideram de qualidade;</li> <li>• Consomem o mesmo alimento que comercializam;</li> <li>• Realizam planejamento da produção de alimentos para autoconsumo;</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Relação de dependência com empresa certificadora;</li> <li>• O sistema produtivo respeita os princípios de um alimento que consideram de qualidade;</li> <li>• Não consomem a produção que comercializam (grãos);</li> <li>• Realizam planejamento da produção de alimentos para autoconsumo;</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Relação de dependência com empresa integradora;</li> <li>• O sistema produtivo não respeita os princípios de um alimento que consideram de qualidade;</li> <li>• O alimento consumido é produzido de forma diferenciada (frango);</li> <li>• O planejamento está voltado para a atividade comercial;</li> </ul>
<b>Semelhanças</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Consideram que ter alimentos para autoconsumo é relevante;</li> <li>• Identificam aspectos que dificultam a produção de autoconsumo;</li> <li>• Ressaltam que o aumento na utilização de agrotóxicos na região é um agravante;</li> <li>• Consideram que a produção de autoconsumo representa uma economia de recursos financeiros;</li> <li>• Apresentam insegurança sobre a origem de alimentos comercializados;</li> <li>• Relacionam a produção de autoconsumo com saúde;</li> </ul>		

## CAPÍTULO 06

### CONSIDERAÇÕES FINAIS

A questão central que permeia este estudo pode ser descrita como a busca de analisar a percepção de agricultores agroecológicos, orgânicos e integrados em relação à produção de alimentos para autoconsumo. A pesquisa foi desenvolvida em quatro municípios da Microrregião de Capanema, Sudoeste do Paraná. Para tanto desenvolveu-se um estudo qualitativo, com a metodologia do Discurso do Sujeito Coletivo. Investigou-se os significados de produzir alimentos para o autoconsumo na agricultura familiar, comparando a produção destes alimentos entre os três grupos de estudo e realizando uma análise do autoconsumo como uma estratégia desenvolvida por estas famílias como uma forma de desenvolvimento.

Como supunha a hipótese norteadora da pesquisa, a produção de alimentos para autoconsumo desempenha uma função estratégica de desenvolvimento da unidade familiar e de expansão de liberdades substantivas dos agricultores familiares participantes do presente estudo. Assim, a partir da teoria de desenvolvimento utilizada para discussão dos resultados, sugere-se uma expressão que acredita-se representar as percepções e aspectos relacionados à produção de alimentos para autoconsumo, denominada de “Liberdade Alimentar”, visto que os agricultores que dispõem destes alimentos apresentam ampliação de certas capacidades, que estão diretamente relacionadas ao desenvolvimento, no sentido de melhorar a qualidade de vida, sob aspectos que estes justamente valorizam e que favorecem o desenvolvimento da unidade familiar.

Diante disso, a indagação ou pergunta de pesquisa, que dizia respeito aos significados de produzir alimentos na agricultura familiar, foi respondida através dos aspectos elencados na discussão, sendo eles: biológico, ambiental, político, social, cultural, econômico e ético.

Considero que com a utilização da metodologia escolhida, foi possível identificar uma variedade de elementos riquíssimos para a discussão desta

temática. A possibilidade de expressar o “eu” falando a opinião “coletiva”, representa um importante avanço em relação aos métodos de pesquisas de opinião. Isso é possível, pois em qualquer sociedade, os indivíduos compartilham ideias, opiniões, crenças, e que a expressão destas opiniões compartilhadas pode compor um discurso síntese, de conteúdos e argumentos, que são a base para estas opiniões semelhantes.

Observou-se que surgiram muitos elementos a partir das perguntas realizadas nas entrevistas. Assim, estes foram elencados em categorias, segundo a ideia central que representavam. Acredita-se que a estrutura utilizada para análise e apresentação dos resultados, também veio a acrescentar positivamente para a discussão e organização dos significados que o autoconsumo representa.

Pode-se notar que é unânime a ideia da importância da produção de alimentos para autoconsumo, independente do sistema produtivo. As famílias entrevistadas apresentam esta prática de produzir para consumo próprio em virtude do que isso representa para as mesmas. Cada família elencou os elementos que consideram de maior relevância, sendo que esteve fortemente presente nos três grupos de sujeitos a ideia da procedência e qualidade conhecida e a economia de recursos financeiros.

Em relação às diferenças no processo produtivo de alimentos destinados ao autoconsumo dos alimentos comercializados, notou-se a influência do sistema produtivo desenvolvido, visto que entre os agricultores agroecológicos predominou a ideia de que não há diferenças no produto que a família consome, daquele comercializado por ela. Já no grupo dos integrados, o alimento a ser consumido é produzido de forma diferenciada, em comparação com o que os mesmos comercializam. Os agricultores orgânicos não consomem os grãos que comercializam (soja, trigo, milho, etc), porém esteve presente em suas falas o quanto consideram importante a produção de alimentos orgânicos. Assim, a ideia de que os alimentos produzidos são mais saudáveis, nutritivos e seguros, quando comparados com alimentos disponíveis para compra, esteve fortemente presente em todos os grupos de agricultores entrevistados, bem como a afirmação de que os alimentos disponíveis para compra tem procedência duvidosa.

Quanto às diferenças na produção de alimentos para autoconsumo com o passar do tempo, pode-se observar que a ideia de que aumentou a utilização de produtos químicos para produção de alimentos, está fortemente presente em todos os grupos de sujeitos. Também foram apontadas questões referentes, de que a terra era naturalmente mais fértil; de que o costume de produzir alimentos para autoconsumo é cultural; que o conhecimento é passado de geração para geração, porém atualmente está fragilizado devido interesses econômicos.

Para os significados de produzir alimentos para autoconsumo, são formadas seis ideias centrais, sendo que a relação com a saúde esteve presente em todos os grupos e com grande força. Nesta questão pode-se notar uma distinção referente ao sistema produtivo. Entre os agricultores agroecológicos, significa independência, com a garantia de acesso aos alimentos, e também liberdade e autonomia. Para estes, a decisão de como desenvolver o sistema produtivo e a gestão, são essenciais. Para os integrados, significa ter alimentos saudáveis, saborosos e com procedência conhecida para alimentação da família; economia de recursos financeiros; também ressaltaram que estes alimentos são produzidos devido ser um histórico familiar. Pode-se notar que estes agricultores desenvolvem o autoconsumo, pois realmente o valorizam, mesmo com os impedimentos realizados pela empresa.

Todos os grupos de sujeitos apontaram dificuldades em produzir alimentos para autoconsumo, sendo que não foi elencada uma ideia com grande força e amplitude. Entre os fatores citados estão: mão de obra, equipamentos adequados a produção; custos de produção, e também que é necessário aumentar a dedicação em produzir, visto que consideram que a diversificação é importante para suprir o máximo possível a demanda de alimentos na propriedade.

Entre as formas de realizar o planejamento da produção de alimentos para autoconsumo, notou-se que os avicultores direcionaram suas repostas para o planejamento das atividades comerciais, ressaltando que este é executado pela empresa. A família apenas cumpre as normas que são realizadas verticalmente. Os agricultores agroecológicos e orgânicos direcionaram suas respostas para a produção própria, sendo que esta respeita

a época; sofre influência da demanda comercial; é observado o gosto alimentar e a mão de obra. Entre os agroecológicos esteve presente o discurso sobre a liberdade e autonomia que apresentam no planejamento das atividades na propriedade, também enfatizaram as diferenças que observam em relação ao sistema de integração de aves e fumo.

Um fato que contribuiu para esta diferenciação, na intensidade de liberdade que os grupos apresentam, é que dois produtores agroecológicos também foram anteriormente integrados a empresas, relatando como sentiam-se explorados e prejudicados devido às normas impostas, realizando uma comparação da liberdade que desfrutam agora. Notou-se no discurso dos agricultores orgânicos que estes também apresentam uma relação de dependência com as empresas certificadoras, que também comercializam os seus produtos, porém esta relação não impacta a produção de alimentos para autoconsumo da mesma forma que a avicultura, devido as cultivares que são plantadas.

Assim, podemos destacar que a produção de alimentos para autoconsumo é prevalente na agricultura familiar, sendo que a intensidade, a forma e os motivos pelo qual é praticada é peculiar de cada local e grupo de indivíduos, contudo é possível identificar que ambos os segmentos possuem ideias compartilhadas, onde podemos destacar ideias centrais referentes a esta temática.

Estes resultados vão ao encontro ao que foi anunciado na introdução deste trabalho e sobretudo, no capítulo 3, com o referencial teórico utilizado. É fato que a produção de alimentos para autoconsumo representa um papel relevante no contexto da agricultura familiar, independente do sistema produtivo realizado, visto que esta é uma prática valorizada por estes indivíduos em vários aspectos.

Ademais, tendo em vista a relevância do autoconsumo e como ele está presente na realidade da região de estudo, esta temática ainda pode ser muito explorada na academia, podendo ser retomada através do viés quantitativo e relacioná-la a esta proposta de Liberdade Alimentar, aprofundando a coleta de dados qualitativos e ampliando os elementos de discussão, entre outros. Como citado no decorrer do trabalho, a Microrregião de Capanema é um cenário da

agricultura familiar, riquíssimo para o estudo dos modos de vida destes indivíduos.

Espera-se que esta dissertação tenha contribuído para demonstrar percepções relacionadas à produção de alimentos para autoconsumo e como estas influenciam o desenvolvimento das unidades familiares. Também almeja-se que tenha despertado, assim como em mim, o interesse que continuem os estudos sobre autoconsumo e a agricultura familiar, principalmente nesta região, visto a riqueza de resultados que poderemos encontrar sobre o modo de viver destes indivíduos.

## REFERÊNCIAS

ABRAMOVAY, R. Agricultura Familiar e serviço público: novos desafios para a extensão rural. **Cadernos de Ciência & Tecnologia**, Brasília, v.15, n.1, p.137-157, jan./abr. 1998.

ALTIERI, M.A. Agroecologia, agricultura camponesa e soberania alimentar. **Revista NERA**, ano 13, nº 16, jan./jun., 2010.

ALVES, A.F.; RIBAS, A.D.; CARRIJO, B.R.; FLÁVIO, L.C.; CANDIOTTO, L.Z.P.; SAQUET, M.A.; SANTOS, R.A. Sudoeste Paranaense: colonização, estrutura fundiária e indicadores da modernização agrícola. In: DOMINGUES, A.; SPOSITO, E.S.; SAQUET, M.A. **Território e desenvolvimento: diferentes abordagens**. Unioeste, Francisco Beltrão, 2004.

AMARAL, C.N.; SOUZA, G.P.C.; SCHUCH, I.; SOUZA, M. Contribuições da produção de autoconsumo em quintais para a segurança alimentar e nutricional e renda em Jangada, Baixada Cuiabana, MT. **Guaju**, Matinhos, v.2, n.1, p. 102-119, jan./jun. 2016.

ANJOS, F.S.; CALDAS, N.V.; HIRAI, W.G. A Dimensão Rural da Insegurança Alimentar: Transformações nas Práticas de Autoconsumo entre Famílias Rurais do Extremo Sul Gaúcho. **Revista Segurança Alimentar e Nutricional**, Campinas, 16(1): 1-17, 2009.

ANJOS, F.S.; CALDAS, N.V.; HIRAI, W.G.A. Mudanças nas práticas de autoconsumo de agricultores familiares: estudo de caso no Sul do Brasil. **Revista Agroalimentaria**, v. 16, n. 30, 2010.

BRASIL. **A produção para autoconsumo no Brasil uma análise a partir do Censo Agropecuário 2006**. Relatório de Pesquisa. Brasília, 2013.

BRASIL. **Lei nº 11.346, de 15 de setembro de 2006**. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/ato2004-2006/2006/lei/l11346.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/ato2004-2006/2006/lei/l11346.htm). Acessado em: 15 nov. 2016.

BRASIL. **Conselho Nacional de Segurança Alimentar e Nutricional**. Disponível em: <http://www4.planalto.gov.br/consea/comunicacao/artigos/2014-1/direito-humano-a-alimentacao-adequada-e-soberania-alimentar>. Acessado em: 05 dez. 2016.

BRASIL. **Ministério da Agricultura**. Disponível em: <http://www.agricultura.gov.br/desenvolvimento-sustentavel/organicos/o-que-e-agricultura-organica>. Acessado em: 29 dez. 2016.

BRISKIEVICZ, M. **A organização territorial do sudoeste paranaense a partir da inserção dos migrantes**. Sociedade e Território, Natal, v. 22, nº 2, p. 19 - 36, jul./dez. 2010.

BORSATTO, R.S. A agroecologia e sua apropriação pelo movimento dos trabalhadores rurais sem terra (MST) e assentados da reforma agrária. **Tese de Doutorado**. Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2011.

CANDIDO, A. **Os parceiros do Rio Bonito. Estudo sobre o caipira paulista e a transformação dos seus meios de vida**. São Paulo: Livraria Duas Cidades, Editora 34 Ltda, 9ª edição, 2001.

CANESQUI, A. M. Pesquisas qualitativas em nutrição e alimentação. **Revista de Nutrição**; Campinas; v. 22; n. 01; jan./fev., 2009.

CARDOSO, O.B. **Produção para autoconsumo e segurança alimentar no Distrito Estância Velha, Tramandaí, Rio Grande do Sul**. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2011.

CARTA AGROECOLOGICA DE BELÉM. IX Congresso Brasileiro de Agroecologia, Belém –PA, 2015. Disponível em: <http://www.aba-agroecologia.org.br/revistas/index.php/cad/article/view/20732/12137>. Acessado em: 26 dez. 2016.

CHIMELLO, R. Fatores determinantes da produção para autoconsumo na agricultura familiar. **Unoesc & Ciência – ACET**, Joaçaba, v. 1, n. 2, p. 163-174, jul./dez. 2010.

CITY BRAZIL. Disponível em: [http://www.citybrazil.com.br/pr/microregiao\\_detalhe.php?micro=25](http://www.citybrazil.com.br/pr/microregiao_detalhe.php?micro=25) Acesso em: 08 abr. 2016.

COASUL, Cooperativa Agroindustrial Sudoeste. Disponível em: <http://www.coasul.com.br/> Acesso em: 10 abr. 2016.

CONTINI, D.J.; LIMA FILHO, D.O.; DRESCH, L.O. Perfil da produção agrícola para autoconsumo em territórios rurais de Mato Grosso do Sul. **Revista Interações**, Campo Grande, v. 13, n. 2, p. 203-212, jul./dez. 2012.

COSTA, L.S.; GARCIA, L.A.F.; BRENE, P.R.A. **Panorama do setor de frango de corte no Brasil e a participação da indústria avícola paranaense no complexo dado seu alto grau de competitividade**. Simpósio Internacional de Gestão de Projetos, Inovação e Sustentabilidade. São Paulo, 2015.

DECLARAÇÃO DO FÓRUM INTERNACIONAL DE AGROECOLOGIA. Agricultura camponesa sustentável. Publicado em março, 2015. Disponível em: <http://viacampesina.org/es/index.php/temas-principales-mainmenu-27/agricultura-campesinasostenible-mainmenu-42/2354-declaracion-del-foro-internacional-de-agroecologia> Acessado em: 15 dez. 2016.

DUARTE, S.J.H.; MAMEDE, M.V.; ANDRADE, S.M.O. **Opções teórico-metodológicas em pesquisas qualitativas: representações sociais e discurso do sujeito coletivo**. Saúde Sociedade, São Paulo, v. 18; n. 4; p. 620-626, 2009.

DUARTE, V.P. **A ecologia como ideologia: os pequenos agricultores do Sudoeste do Paraná – Brasil**. Universidade Nacional Argentina, 2012.

DUVAL, H.C. **Da terra ao prato: um estudo das práticas de autoconsumo em um assentamento rural**. Universidade Federal de São Carlos, Araras, 2009.

FIGUEIREDO, M.Z.A.; CHIARI, B.M.; GOULART, B.N.G. Discurso do Sujeito Coletivo: uma breve introdução à ferramenta de pesquisa quali-quantitativa. *Distúrbios da Comunicação*, São Paulo, 25(1): 129-136, abril, 2013.

FONINI, R.; LIMA, J.E.S. Agrofloresta e alimentação: o alimento como mediador da relação sociedade- ambiente. In: STEEMBOCK, W.; SILVA, L.C.; SILVA, R.O.; RODRIGUES, A.S.; PEREZ-CASSARINO, J.; FONINI, R. (Org.). **Agrofloresta, Ecologia e Sociedade**. Curitiba: Kairós, 2013. p. 197- 231.

FOSTER, J.B. A ecologia da economia política de Marx”. *Lutas Sociais*, São Paulo, n. 28, 1º sem., 2012.

GADELHA, E.; MALUF, R.S. Contribuições da produção para autoconsumo no acesso aos alimentos. **Democracia Viva**, Rio de Janeiro, n. 39, junho, 2008.

GADELHA, E.; MALUF, R.S. **Contribuições da Produção para Autoconsumo no acesso aos alimentos**. Rio de Janeiro, 2008.

GAIOVICZ, E.F.; Agroecologia: uma alternativa de desenvolvimento territorial local no município de Verê – sudoeste do Paraná. **Geografia Ensino & Pesquisa**, v. 17, n. 2, mai/ agos., 2013.

GARCIA JÚNIOR, A. **O Sul: caminho do roçado. Estratégias de reprodução camponesa e transformação social**. São Paulo: Ed. Marco Zero/ Unb, 1989.

GAZOLLA, M. **Agricultura familiar, segurança alimentar e políticas públicas: uma análise a partir da produção para autoconsumo no território do Alto Uruguai/RS**. Porto Alegre, 2004.

GAZOLLA, M.; SCHNEIDER, S. A produção da autonomia: os “papéis” do autoconsumo na reprodução social dos agricultores familiares. **Revista Estudos Sociedade e Agricultura**, UFRRJ, Rio de Janeiro: v. 15, p. 89-122, 2007.

GEBANA BRASIL. Disponível em: [http://brasil.gebana.com/html/about\\_us\\_p.htm](http://brasil.gebana.com/html/about_us_p.htm). Acessado em 29 de outubro de 2016.

GRISA, C. Para além da alimentação: papéis e significados da Produção para autoconsumo na agricultura familiar. **Revista Extensão Rural**, DEAER/CPGExR – CCR – UFSM, Ano XIV, Jan – Dez, 2007a.

GRISA, C. **A produção “pro gasto” um estudo comparativo do autoconsumo no Rio Grande do Sul**. Dissertação de mestrado, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2007b.

GRISA, C.; GAZOLLA, M.; SCHNEIDER, S. A "produção invisível" na Agricultura Familiar: Autoconsumo, segurança alimentar e Políticas Públicas de

desenvolvimento rural. **Revista Agroalimentaria**. Vol. 16, Nº 31; (65-79) julho – dezembro, 2010.

HELMAN, C.G. **Cultura, saúde e doença**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994.

HERNÁNDEZ, M. **O processo de difusão tecnológica da agricultura orgânica na região metropolitana de Curitiba**. Dissertação mestrado, Universidade Federal do Paraná. Curitiba, 2005.

HIRAI, W.G. Agricultura familiar e segurança alimentar: a importância da produção para autoconsumo em três municípios do RS. Dissertação de mestrado, Universidade Federal de Pelotas/ RS, 2008.

IBGE, INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Disponível em:

<<http://www.cidades.ibge.gov.br/xtras/uf.php?lang=&coduf=41&search=parana>>. Acesso em: 28 jun. 2015

IFPR, Instituto Federal do Paraná. Observatório Regional. Cenário Socioeconômico das Unidades do IFPR. Boletim Informativo, v.2, n. 2, Curitiba: Pró Reitoria de Planejamento e Desenvolvimento Institucional (PROPLAN), 2014.

IPARDES, Instituto Paranaense de Desenvolvimento Econômico e Social. Perfil da Microrregião Geográfica de Capanema. Disponível em: [http://www.ipardes.gov.br/perfil\\_municipal/MontaPerfil.php?codlocal=625&btOk=ok](http://www.ipardes.gov.br/perfil_municipal/MontaPerfil.php?codlocal=625&btOk=ok) Acessado em: 10 de maio de 2016.

IPARDES, Instituto Paranaense de Desenvolvimento Econômico e Social. Base de dados do Estado- BDEweb. Disponível em: <http://www.ipardes.pr.gov.br/imp/index.php> Acessado em: 02 de junho de 2016.

IPARDES, Instituto Paranaense de Desenvolvimento Econômico e Social. Os vários Paranás. Sudoeste Paranaense: especificidades e diversidades. Dez., 2009.

LEITE, S. Orçamentos familiares e estratégias socioeconômicas em assentamentos rurais. **Revista Estudos Sociedade e Agricultura**, Rio de Janeiro, Outubro, 118- 151, 2003.

LEFEVRE, F, LEFEVRE, A.M.C, TEIXEIRA, J.J.V. **O discurso do sujeito coletivo: uma nova abordagem metodológica em pesquisa qualitativa**. Caxias do Sul: EDUCS; 2000.

LEFEVRE, F; LEFEVRE, A.M.C; FIGUEIREDO, R. **Comunicação em saúde e discurso do sujeito coletivo: semelhanças nas diferenças e diferenças nas diferenças**. Boletim do Instituto de Saúde, v.12, n. 01, abr/ 2010.

LEFEVRE, F, LEFEVRE, A.M.C. **Discurso do sujeito coletivo: um novo enfoque em pesquisa qualitativa (desdobramentos)**. Caxias do Sul: EDUCS; 2003

LEFEVRE, F., LEFEVRE, A.M.C. **O sujeito coletivo que fala.** Interface. Comunicação, Saúde, Educação, v.10, n.20, p.517-24, jul/dez 2006.

LEFÈVRE, F.; LEFÈVRE, A.M.C. **As “ligações diretas” e as representações sociais.** Instituto de Pesquisa do Discurso do Sujeito Coletivo, São Paulo, 2010.

LEFÈVRE, F.; LEFÈVRE, A.M.C. **Pesquisa de representação social: um enfoque qualitativo.** A metodologia do Discurso do Sujeito Coletivo. Brasília: Liber Livro Editora, 2 ed., 2012.

LEFÈVRE, F.; LEFÈVRE, A.M.C. **Discurso do sujeito coletivo: representações sociais e intervenções comunicativas.** Texto Contexto Enfermagem, Florianópolis, abr. jun. 23 (2), p. 502-7, 2014.

LONG, N.; PLOEG, J.D. **Heterogeneidade, ator e estrutura: para reconstituição do conceito de estrutura.** In: SCHNEIDER, S. GAZOLLA, M. Os atores desenvolvimento rural: Práticas produtivas e processos sociais emergentes. Editora UFRGS, 2011.

MACHADO, L. **Grandes economistas XVII: Amartya Sen e a nova concepção de desenvolvimento.** Conselho Federal de Economia, Nov. 2007.

MACHADO, L.C.P.; MACHADO FILHO, L.C.P. **A dialética da Agroecologia. Contribuição para um mundo com alimentos sem veneno.** São Paulo: Editora Expressão Popular, 2014.

MALUF, R.S.; MENEZES, F.; MARQUES, S.B. **Caderno ‘Segurança Alimentar’**, 2001. Disponível em:  
<<http://www.dhnet.org.br/direitos/sos/alimentacao/tconferencias.html>>. Acesso em: 02 jun. 2015.

MARQUES, G.R.G.; **Analisando o desenvolvimento: a perspectiva de Amartya Sen**, Revista Urutágua, acadêmica multidisciplinar – DCS/UEM, n. 22, set./ out./ nov./ dez., 2010.

MEINEN, A.F. **O autoconsumo para agricultura familiar: sua importância e influência nas questões de gênero na localidade de Vista Alegre – Padre Gonzales no município de Três Passos.** UFRGS, Três Passos/RG, 2013.

MEIRA, S.G.; CANDIOTTO, L.Z.P. **Considerações sobre a comercialização e certificação de alimentos orgânicos e agroecológicos.** Unioeste, 2009.

MEIRA, S.G.; CANDIOTTO, L.Z.P.; **A organização de produtores nos municípios de Francisco Beltrão e Verê – PR para a comercialização de alimentos orgânicos.** Revista de Geografia (UFPE), v. 28, n. 01, 2011.

MELÃO, I.B., **Desenvolvimento rural sustentável a partir da agroecologia e da agricultura orgânica: o caso do Paraná.** Nota técnica Ipardes, n. 8. Curitiba: 2010.

MENASCHE, R. **A agricultura familiar à mesa. Saberes e práticas da alimentação no Vale do Taquari.** Editora Universidade Federal Rio Grande do Sul. Série Estudos e Pesquisas IEPE, abr., 2007.

MENASCHE, R.; MARQUES, F.C.; ZANETTI, C. Autoconsumo e segurança alimentar: a agricultura familiar a partir dos saberes e práticas da alimentação. **Revista Nutrição**, Campinas, 21(Suplemento):145-158, jul./ago., 2008.

MINAYO, M.C.S. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde.** São Paulo: Hucitec; 2004.

MINETTO, M.C. **Produção para autoconsumo na agricultura familiar em Santo Ângelo, RS.** Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2011.

NORDER, L.A.C. Políticas de assentamento e localidade: os desafios da reconstituição do trabalho rural no Brasil. Tese Doutorado, Universidade de Wageningen, Wageningen, 2004.

ORTOLAN, A.A. **Francisco Beltrão PR: espaço de representação e poder.** Dissertação de mestrado, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2006.

PAULILO, M.I.S. A construção social da dívida na suinocultura integrada. **Anuário Antropológico 89.** Tempo brasileiro. Rio de Janeiro, 1992.

PEREIRA, A.B.A.S. Agricultura familiar camponesa e cultura alimentar: hábitos e práticas alimentares das famílias rurais da Linha Simonetti – Ivorá/RS. Dissertação de mestrado, Universidade Federal de Santa Maria, RS, 2015.

PNUD, Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento. Disponível em: [http://www.pnud.org.br/IDH/IDHM.aspx?indiceAccordion=0&li=li\\_IDHM](http://www.pnud.org.br/IDH/IDHM.aspx?indiceAccordion=0&li=li_IDHM)  
Acessado em: 12 de maio de 2016.

PLEIN, C. **Os mercados da pobreza ou a pobreza dos mercados? As instituições no processo de mercantilização da agricultura familiar na Microrregião de Pitanga, Paraná.** Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2012.

PLOEG, J. D. **Camponeses e impérios alimentares: lutas pela autonomia e sustentabilidade na era da globalização.** Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2008.

RIBEIRO, E.M.; GALIZONI, F.M.; MOREIRA, T.M.B.; AYRES, E.B. Da fraqueza à força: produção de autoconsumo e uso de programas públicos por agricultores do Jequitinhonha mineiro. **Agriculturas**, v. 11, n. 2, jul., 2014.

ROVER, O. J. Agroecologia, mercado e inovação social: o caso da Rede Ecovida de Agroecologia. **Ciências Sociais Unisinos** 47(1):56-63, janeiro/abril 2011.

SANTOS, R.A. **O processo de modernização da agricultura do Sudoeste do Paraná.** Tese de doutorado, Universidade Estadual Paulista Julio Mesquita Filho. Presidente Prudente, 2008.

SARANDÓN, S.J & HANG, G.M. **La investigación y formación de profesionales em agroecología para una agricultura sustentable: El rol de la Universidad.** In AGROECOLOGIA: El camino hacia una agricultura sustentable. SJ Sarandón (Editor), Ediciones Científicas Americanas, La Plata, 2002.

SARANDÓN, S. J. **La agroecología como enfoque necesario para undesarrollo rural sustentable.** In: Agroecología: Referente para latransición de los sistemas agrarios. VI Congresso SEAE Almería 2004. II Congresso Iberoamericano de Agroecologia. I Encuentro de estudiantes de Agroecología y Agricultura Ecológica. Almería, Andalucía, España, 27 de septiembre - 02 de octubre del 2004.

SARANDÓN, S. J.; FLORES, C. C. **Agroecología : bases teóricas para el diseño y manejo de agroecosistemas sustentables.** ed. - La Plata : Universidad Nacional de La Plata, 2014.

SCHNEIDER, S. **A diversidade da Agricultura Familiar.** Porto Alegre: Editora UFRGS, 2ª edição, 2009.

SCHRAIBER, L.B. **Pesquisa qualitativa em saúde: reflexões metodológicas do relato oral e produção de narrativas em estudo sobre profissão médica.** Revista Saúde Pública, 29, n. 01, 1995.

SECRETARIA DE ESTADO DA AGRICULTURA E DO ABASTECIMENTO. Documento base para o Programa Paraná Agroecológico. Curitiba, 2011.

SEN, A. **Desenvolvimento como Liberdade.** São Paulo: Campanha das Letras, 2010.

SESC PR, Serviço Social do Comércio. Inventário Cultural do Paraná. Disponível em: <http://www2.sescpr.com.br/inventario/regioes.php?cod=7> Acesso em: 08 abr. 2016.

SILVA, R.A. **Avicultura de corte.** Análise da Conjuntura Agropecuária Safra 2008/2009. Estado do Paraná. Secretaria da Agricultura de do Abastecimento. Departamento de Economia Rural; out. 2008.

THOMPSON, P. **A voz do passado: história oral.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

TONEZER, C.; SANTOS, F.; RAMBO, A.G. Produção para autoconsumo entre agricultores familiares da comunidade de Jacarezinho - Encantado/ RS. Sociedade Brasileira de Economia, Administração e Sociologia Rural, 2008.

WAGNER, S.A.; MARQUES, F.C.; MENASCHE, R. Agricultura familiar à mesa. In: **A agricultura familiar à mesa. Saberes e práticas da alimentação no**

**Vale do Taquari.** Editora Universidade Federal Rio Grande do Sul. Série Estudos e Pesquisas IEPE, abr., 2007.

WARMLING, D.; PIRES, R.O.M. Sentidos sobre a agroecologia na produção, distribuição e consumo de alimentos agroecológicos em Florianópolis, SC, Brasil. **Interface.** Comunicação Saude Educação, agost., 2016.

ZANETTI, C.; MENASCHE, R. Segurança alimentar, substantivo feminino: mulheres agricultoras e autoconsumo. In: **A agricultura familiar à mesa. Saberes e práticas da alimentação no Vale do Taquari.** Editora Universidade Federal Rio Grande do Sul. Série Estudos e Pesquisas IEPE, abr., 2007.

**APÊNDICE A****ROTEIRO SEMI ESTRUTURADO DE ENTREVISTA****PARTE 1:**

Entrevistadora: \_\_\_\_\_ Data: \_\_\_\_\_

Município	Localidade	Nº Questionário

**A) Caracterização do sujeito:**

Nome: \_\_\_\_\_

Idade: \_\_\_\_\_

Escolaridade: \_\_\_\_\_

Constituição familiar: \_\_\_\_\_

Origem étnica/Descendência da familiar: \_\_\_\_\_

Ocupação: \_\_\_\_\_

Tempo de trabalho na atual ocupação: \_\_\_\_\_

Tempo de residência no município: \_\_\_\_\_

**ROTEIRO SEMI ESTRUTURADO DE ENTREVISTA****PARTE 2:**

7. A produção de alimentos para autoconsumo é importante para sua família? Por quê?
8. Há diferenças entre os alimentos produzidos para o autoconsumo dos que são comercializados? Fale como eles são produzidos.
9. Você (s) acha (m) que houve diferença na produção de alimentos para o autoconsumo com o passar do tempo? Quais? Qual o motivo?
10. Explique o que significa para a sua família produzir alimentos para o autoconsumo.
11. Você (s) acha (m) que tem algum fator que dificulta a produção de autoconsumo? Qual?
12. Explique como você (s) faz (em) o planejamento da produção de autoconsumo

## APÊNDICE B

### TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Título do estudo: **A produção para autoconsumo como uma estratégia de liberdade substantiva**

#### **I – Informações ao voluntário:**

Este estudo do qual você está sendo convidado a participar pretende analisar a produção de alimentos para autoconsumo de agricultores nos município da Microrregião de Capanema – Sudoeste do Paraná, com o objetivo de analisar a percepção de agricultores integrados e agroecológicos em relação à produção de alimentos para autoconsumo.

#### **II – Procedimentos a serem utilizados:**

Serão realizadas perguntas sobre a produção de alimentos para autoconsumo da família;

#### **III – Confiabilidade do estudo:**

Você, em hipótese alguma terá identidade divulgada para outras pessoas ou entidades, além daquelas que participarão do acompanhamento desse estudo. Também serão mantidas em sigilo todas as informações obtidas e que estejam relacionadas a sua privacidade. Você não terá que efetuar nenhum pagamento. Qualquer outra dúvida, também poderá ser esclarecida(o) diretamente com o coordenador da pesquisa: Clério Plein (Fone: (46)3520-4848).

#### **IV – Consentimento:**

Eu, \_\_\_\_\_, após ter obtido esclarecimento da pesquisa, por meio de leitura própria ou pelo entrevistador do termo de consentimento livre e esclarecido; entendido todas as informações e esclarecido todas as minhas dúvidas referentes a este estudo, concordo voluntariamente em participar do mesmo. Entendo que tenho a liberdade de aceitar ou não responder às questões da entrevista, ou ainda, me recusar a participar no momento em que eu quiser, sem qualquer prejuízo para mim ou minha família.

\_\_\_\_\_, \_\_\_\_\_ de agosto de 2016.

\_\_\_\_\_  
Assinatura do voluntário

\_\_\_\_\_  
Pesquisadora Josiane Gracieli Preschlak Fiorese

## APÊNDICE C

### INSTRUMENTO DE ANÁLISE DOS DISCURSOS (IAD)

Este APÊNDICE representa o instrumento utilizado para tabulação e análise dos discursos, sendo apresentado um exemplo hipotético de como o mesmo foi elaborado. A primeira coluna, titulada pelas letras iniciais da expressão “agricultores familiares” – AF –, é referente às respectivas letras de identificação dos depoimentos que foram agrupados na segunda coluna. Os sujeitos da pesquisa, “agricultores familiares”, foram separados por segmentos (agroecológicos; orgânicos; avicultores), sendo que cada segmento identificado por um número (1; 2; 3). Na segunda coluna foi descrito os depoimentos dos sujeitos, sendo que as expressões-chave encontravam-se sublinhadas. As expressões-chave e as ideias centrais correspondentes a cada questão do roteiro de entrevista eram redigidos nas colunas seguintes (terceira e quarta) adjacentes às colunas dos depoimentos. Na última coluna (quinta) eram assinaladas as ancoragens reconhecidas nas expressões-chave. Salienta-se que as supressões assinaladas pelos colchetes correspondiam às manifestações estranhas às perguntas ou que poderiam identificar o participante.

## IAD

## 1- Como o DSC foi elaborado?

AF	DEPOIMENTO	EXPRESSÃO - CHAVE	IDÉIA CENTRAL	ANCORAGEM
A1	<p><u>A1-1: O depoimento representa o discurso dos entrevistados na íntegra. A coleta de dados aconteceu por meio de entrevistas gravadas realizadas pela própria pesquisadora, com base em um roteiro semi-estruturado contendo perguntas específicas visando coletar depoimentos dos atores sociais. Os dados foram transcritos e posteriormente foi feita a estruturação da respostas, sendo selecionadas dos textos as expressões-chave, partes de trechos ou mesmo transcrições literais do discurso dos entrevistados, que revelam a essência do depoimento, são os principais conteúdos das respostas.</u></p>	<p><i>O depoimento representa o discurso dos entrevistados na íntegra. [...] Os dados foram transcritos e posteriormente foi feita a estruturação da respostas, sendo selecionadas dos textos as expressões-chave, partes de trechos ou mesmo transcrições literais do discurso dos entrevistados, que revelam a essência do depoimento, são os principais conteúdos das respostas. (A1-1)</i></p>	<p>Depoimento é o discurso dos entrevistados na íntegra.</p> <p>As expressões-chave representam a essência do depoimento.</p>	
B1	<p><u>B1-1: O depoimento foi elaborado a partir da fala dos entrevistados, sendo redigido na íntegra. Este foi elaborado com a transcrição dos dados. O DSC demonstra que sempre há diferentes tipos ou categorias de pensamento coletivo entre as pessoas envolvidas.</u></p> <p><u>B1-2: A partir das expressões-chave são definidas as ideias centrais, que geralmente são um nome ou expressão que descreve de maneira sintética e precisa o sentido de cada um dos depoimentos analisados e de cada conjunto homogêneo de expressões-chaves.</u></p>	<p><i>O depoimento foi elaborado a partir da fala dos entrevistados, sendo redigido na íntegra. Este foi elaborado com a transcrição dos dados. [...] (B1-1)</i></p> <p><i>A partir das expressões-chave são definidas as ideias centrais, que geralmente são um nome ou expressão que descreve de maneira sintética e precisa o sentido de cada um dos depoimentos analisados e de cada conjunto homogêneo de expressões-chaves. (B1-2)</i></p>	<p>O depoimento representa a fala dos entrevistados na íntegra.</p> <p>As ideias centrais descrevem de maneira sintética e precisa o sentido do depoimento.</p>	

## APÊNDICE D

Neste APÊNDICE, demonstro um exemplo de como foram tabulados e analisados os discursos das expressões-chave, por meio de quadros temáticos construídos a partir das idéias centrais. O Apêndice foi dividido pelas siglas IADEC acompanhadas pelo número da questão a que se referem os quadros temáticos seguintes. Os quadros são encabeçados pelos temas de agrupamento e as letras correspondentes às ideias centrais. Na primeira coluna estão identificados os sujeitos da pesquisa, na segunda os segmentos das expressões-chave, na terceira as ideias centrais que nomeiam os temas e na quarta coluna o Discurso do Sujeito Coletivo das Expressões Chave - DSCEC referente ao tema.

## IADEC – Pergunta 1

A- As expressões- chave foram classificadas em categorias (A; B; C; D ...), conforme as ideias centrais semelhantes.

AF	EXPRESSÃO - CHAVE	IDÉIA CENTRAL	DSCEC
A1	<i>O depoimento representa o discurso dos entrevistados na íntegra. [...] (A1-1)</i>	Garantia da procedência do alimento. Depoimento é o discurso dos entrevistados na íntegra.  A	<i>O depoimento representa o discurso dos entrevistados na íntegra. Sendo elaborado a partir da fala dos entrevistados. Este foi elaborado com a transcrição dos dados.</i>
B1	<i>O depoimento foi elaborado a partir da fala dos entrevistados, sendo redigido na íntegra. Este foi elaborado com a transcrição dos dados. (B1-1)</i>	O depoimento representa a fala dos entrevistados na íntegra.  A	

B- As expressões- chave foram classificadas em categorias (A; B; C; D ...), conforme as ideias centrais semelhantes.

AF	EXPRESSÃO - CHAVE	IDÉIA CENTRAL	DSCEC
A1	<i>Os dados foram transcritos e posteriormente foi feita a estruturação da respostas, sendo selecionadas dos textos as expressões- chave, partes de trechos ou mesmo transcrições literais do discurso dos entrevistados, que revelam a essência do depoimento, são os principais conteúdos das respostas. (A1-1)</i>	As expressões- chave representam a essência do depoimento.  B	<i>Os dados foram transcritos e posteriormente foi feita a estruturação da respostas, sendo selecionadas dos textos as expressões- chave, partes de trechos ou mesmo transcrições literais do discurso dos entrevistados, que revelam a essência do depoimento, são os principais conteúdos das respostas.</i>

**C- As expressões- chave foram classificadas em categorias (A; B; C; D ...), conforme as ideias centrais semelhantes.**

AF	EXPRESSÃO - CHAVE	IDÉIA CENTRAL	DSCEC
B1	<i>A partir das expressões- chave são definidas as ideias centrais, que geralmente são um nome ou expressão que descreve de maneira sintética e precisa o sentido de cada um dos depoimentos analisados e de cada conjunto homogêneo de expressões-chaves. (B1-2)</i>	As ideias centrais descrevem de maneira sintética e precisa o sentido do depoimento.  C	<i>A partir das expressões- chave são definidas as ideias centrais, que geralmente são um nome ou expressão que descreve de maneira sintética e precisa o sentido de cada um dos depoimentos analisados e de cada conjunto homogêneo de expressões-chaves.</i>

**IADEC – Pergunta 2**

**A- As expressões- chave foram classificadas em categorias (A; B; C; D ...), conforme as ideias centrais semelhantes.**

AF	EXPRESSÃO - CHAVE	IDÉIA CENTRAL	DSCEC